

FRANCISCA OLEANIA TORQUATO LEITE

**FAMÍLIA E ESCOLA: PARCERIA NECESSÁRIA
PARA ERRADICAR O FRACASSO ESCOLAR**

Orientadora: Professora Doutora Isaura Graça Pedro

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2015**

FRANCISCA OLEANIA TORQUATO LEITE

**FAMÍLIA E ESCOLA: PARCERIA NECESSÁRIA
PARA ERRADICAR O FRACASSO ESCOLAR**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof^a Doutora Isaura Graça Pedro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa
2015

“Não se pode educar eficientemente se os pais e professores se desconhecem, se a educação escolar estiver isolada da educação familiar”.

(Suenens,1992)

DEDICATÓRIA

A Deus que é luz e energia na minha vida.

A minha mãe Raimunda Torquato, que esteve comigo, em todos os momentos, sempre me acompanhando na trajetória da realização desse trabalho.

Ao meu pai Otávio Leite (in memória), que tanto me ensinou pelo exemplo. Esse sendo o meu maior aprendizado.

De forma muito especial, a todas as famílias que contribuíram direto e indiretamente na realização desta pesquisa, através de respostas e sugestões quanto ao fenômeno em estudo.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Isaura Graça Pedro que acreditou na minha ideia, na minha capacidade de escutar as orientações, de refazer o trabalho e de torná-lo possível sua realização.

Agradeço também, a todos os meus professores, professores sim, pois ensinaram com a alma, com o coração e me guiaram ao longo do caminho.

As minhas colegas de mestrado, Zarele e Sergiana que permaneceram comigo nos momentos de troca de experiências, tirando minhas dúvidas e me apoiando para que chegássemos ao final dessa dissertação.

Ao meu colega de trabalho Ednaldo que com paciência me orientou quanto à digitação da estrutura do trabalho.

A todos os que fazem a EEIF. Romão Sabiá, em especial aos que contribuíram para minha pesquisa, se disponibilizando a participar das entrevistas e dos questionários, tornando viável a realização dessa pesquisa.

Aos que fazem a EEEP. Leopoldina Gonçalves Quezado, pela colaboração e incentivo para a minha participação nos módulos e orientações durante todo processo de realização dessa pesquisa e em particular aqueles que construíram laços de amizade e que muitas vezes admiraram do meu esforço e do meu amor pela educação.

Aos demais colegas, pela amizade fraterna, frutos dos felizes encontros que a vida promove. Levá-los-ei sempre comigo.

A todos, o meu sincero obrigada!

RESUMO

O fracasso escolar é definido por um mau êxito, uma derrota que se manifesta no processo ensino-aprendizagem. É inegável que a família e a escola sejam instituições responsáveis por fazer a mediação entre o indivíduo e a sociedade, pois o dever da família com o processo de escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90. Dessa forma, surge a necessidade de analisá-lo de forma mais ampla, considerando-o como peça resultante de muitas variáveis e muitas fragilidades encontradas no ambiente escolar e familiar. A importância da referida pesquisa em que se busca uma maior compreensão dessa relação tão delicada permite uma análise das respostas de cada sujeito aos impasses com o saber, intrínseca ao fenômeno fracasso escolar. Este trabalho de investigação tem como objetivo analisar a importância da parceria família e escola na erradicação do fracasso escolar. Apresenta cunho metodológico qualiquantitativo, voltado para pesquisa de campo, e uma análise teórica por meio de uma abordagem descritiva com aplicação de entrevistas aos professores e pais, e questionários aos alunos. Como resultados da pesquisa, os envolvidos na mesma destacaram que a relação família escola é de extrema importância, a qual os pais destacam-na quanto à participação nas atividades da escola, sempre que possível colaborando na organização dos eventos, das reuniões de pais e como também alguns fazem parte do conselho escolar, já os alunos acreditam que essa relação é importante quanto ao acompanhamento da família, partindo do incentivo e sempre enfatizando a visão de futuro, os professores enfatizaram a importância dos pais no dia a dia da escola, quanto no acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos filhos em casa. Conclui-se então que professores devem desenvolver um trabalho junto aos pais para amenizar o problema do fracasso escolar, fundamentando suas práticas em atividades que priorizem, sobretudo, um bom desempenho escolar do aluno na construção do conhecimento e se conscientizem da sua participação constante em formações continuadas, assim contribuindo para a sua prática em superar o fracasso escolar. Dentro deste cenário, a questão do fracasso escolar aparece como fenômeno marcado por diferentes entendimentos ao longo da história educacional mundial e, por extensão, da história brasileira.

PALAVRAS- CHAVE: Fracasso escolar. Família. Escola

ABSTRACT

School failure is defined by a bad outcome, a defeat that manifests itself in the teaching-learning process. It is undeniable that family and school are responsible for institutions to mediate between the individual and society, as the duty of the family with the process of education and the importance of their presence in the school is publicly recognized in national legislation and the guidelines of the Ministry of education approved during the 90s. Thus arises the need to analyze it more broadly, considering it as part resulting from many variables and many weaknesses found in the school environment and family. The significance of the research that seeks a better understanding of this delicate relationship allows an analysis of the responses of each subject to deadlocks with knowledge, intrinsic to the phenomenon school failure. This research aims to analyze the importance of the partnership between family and school in the eradication of school failure. It presents a qualitative and quantitative methodology, focused on field research and a theoretical analysis using a descriptive approach, applying interviews with teachers and parents, students and questionnaires. The research results, involved in the same stressed that the relation between family school is of utmost importance, in which parents stand in regard to participation in school activities whenever possible collaborating in the organization of events, parent meetings and how also some part of the collegiate, as the school board because students believe that this relationship is important as the monitoring of the family starting with the encouragement and always emphasizing the vision of the future, teachers emphasized the importance of parents in daily school, and in the monitoring of activities for the children at home. It was concluded that teachers should develop work with parents to alleviate the problem of school failure, basing their practices on activities that focus mainly a good academic performance of the student in constructing knowledge and become aware of the importance of their ongoing involvement in continuing training, thus contributing to their practice in overcoming school failure. Within this scenario, the issue of school failure appears as a phenomenon marked by different understandings throughout history educational world and, by extension, the history of Brazil.

KEYWORDS: Failure. Family. School.

SIGLAS

CE- Ceará

CINTEP – Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa

EUA – Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

OCDE – Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico

PPP – Projeto Político Pedagógico

URCA – Universidade Regional do Cariri

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	12
------------------------	-----------

CAPITULO I - PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1. FRACASSO ESCOLAR: CONCEITO, ORIGEM E EVOLUÇÃO.....	17
--	-----------

1.1 O fracasso escolar no contexto brasileiro.....	29
Fatores determinantes do fracasso escolar.....	37
1.1.3 Aspectos psicológicos.....	38
1.1.4 Fracasso escolar e diversidade cultural.....	41
1.1.5 As implicações familiares no processo do fracasso escolar.....	42

2.A RELAÇÃO ENTRE O FRACASSO ESCOLAR/AMBIENTE FAMILIAR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	47
--	-----------

2.1 A influência da família e da escola no processo de ensino aprendizagem.....	51
2.1.2 Abordagem sociológica da família.....	54
2.1.3 Os processos de socialização escolar e os desafios da família.....	56

3. RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E PRÁTICA DOCENTE.....	61
---	-----------

3.1 O papel dos pais na escolarização dos filhos.....	63
3.1.2 Considerações do olhar docente sobre o fracasso escolar.....	67

CAPITULO II- PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS.....	77
--	-----------

2.1.1 Universo da pesquisa.....	78
2.1.2 Sujeitos da pesquisa.....	78
2.1.3 Caracterização da pesquisa.....	80
2.1.4 Procedimento da Pesquisa e instrumento de coleta de dados.....	83
2.1.5 Procedimento da análise de dados.....	85

CAPÍTULO III- PERCURSO ANALÍTICO DA PESQUISA

3. ANÁLISE DE DADOS.....	88
3.1 Análise da participação dos professores.....	88
3.2 Análise da participação dos pais.....	95
3.3 Análise da participação dos alunos.....	102
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
APÊNDICES.....	i
Apêndice I Termo de consentimento dos pais.....	ii
Apêndice II Termo de consentimento dos professores.....	iii
Apêndice III Termo de consentimento dos alunos.....	iv
Apêndice IV Termo de consentimento da Diretora.....	v
Apêndice V Entrevista dos professores.....	vi
Apêndice VI Entrevista dos pais.....	viii
Apêndice VII Questionário dos alunos.....	x

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A importância do acompanhamento dos pais na vida escolar dos filho(%).	103
Gráfico 2 – Interesse em frequentar a escola (%).	104
Gráfico 3 –Atividades exercidas além dos estudos(%).	104
Gráfico 4 – Escola e formação dos alunos (%).	105
Gráfico 5 Importância da relação Família – Escola no processo de escolarização (%).	106
Gráfico 6 – Motivação dos pais no processo Ensino Aprendizagem (%).	106
Gráfico 7 – Contribuições para o Fracasso Escolar (%).	107
Gráfico 8 – Aspectos relacionados ao Fracasso Escolar (%).	108

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Relação entre educação e contexto social.....	63
---	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de alunos por turma e turno.....	79
Tabela 2 – Estatísticas das turmas de Ensino Fundamental II.....	80
Tabela 3 – Perfil dos Pais	81
Tabela 4 – Perfil dos professores.....	82

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar está dentre os temas que, historicamente, faz parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira, ocupando uma dimensão em que se pretende analisar as causas que o define como problema social, abordando os aspectos da complexidade educacional e considerando o posicionamento dos gestores, professores e pais, representantes dos segmentos, no ambiente escolar, e enquanto agentes capazes de contribuir para a formação dos cidadãos.

O interesse pelo estudo, sobre o fenômeno Fracasso Escolar, surgiu do envolvimento da pesquisadora, após a constatação de sua forte ocorrência nas escolas, preocupação nascida quando, ainda aluna do Curso de Licenciatura Plena em Ciências, da Universidade Regional do Cariri (URCA), em Crato – CE, sobretudo na disciplina Estágio Supervisionado, deparava-se e se sensibilizava com os baixos resultados alcançados pelos alunos e suas dificuldades de aprendizagem. Tal realidade conduziu a um caminho pautado por preocupações, reflexões, aprendizagens, sonhos, angústias, desencantos e esperanças de poder contribuir para uma melhor compreensão sobre o insucesso escolar, como também sua redução no meio educacional.

Já no exercício da profissão, na função de Coordenadora Pedagógica de uma escola pública estadual em Aurora-CE, e atuando na instituição como professora do Ensino Fundamental II, via repetir-se a mesma situação, espelhada nos baixos índices de aprendizagem escolar dos jovens aprendizes daquela instituição. Sabendo-se que ao ingressar em uma escola, as expectativas desta, assim como as do aluno e de sua família estão voltadas para o sucesso no aprendizado, uma vez que este aluno, antes do seu ingresso na instituição escolar, já obtivera condições para prosseguir em outras etapas do seu desenvolvimento, conseqüentemente, os envolvidos não imaginam outro caminho possível nessa nova etapa de sua vida.

No dia a dia, percebe-se, dentro do ambiente escolar, um grande entrave relacionado à ausência da família no acompanhamento dos filhos, no desenvolvimento da aprendizagem, à falta de limites dos pais em relação aos filhos e na dificuldade de assumir a grande missão de transmitir uma boa educação, que é uma contribuição para viver no mundo do saber. A ausência da interação família e escola traz implicações no fracasso escolar. Dando ênfase ao discurso de que a dinâmica familiar é a principal

causa do fracasso escolar e traçando a origem do discurso corrente quando defende que a desestruturação provoca efeitos nocivos para o desempenho escolar da criança. Nessa perspectiva, surge o questionamento: qual a contribuição da relação família e escola para erradicar o fracasso escolar?

Reconhecendo a família como centro da vida social e evidenciando o seu crucial papel quanto à proteção, à afetividade e à educação, busca-se investigar a relação família/escola que é um tipo de organização social, uma vez que a participação da família no processo da escolaridade, priorizando a sua presença no contexto escolar, é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55º; Política Nacional de Educação Especial, que destaca como uma de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9394/96), artigo 1º, 2º, 6º e 12º; e o Plano Nacional de Educação (aprovado pela lei nº 10172/2007) definem, como uma de suas diretrizes, a implementação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação, e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos.

A instituição familiar é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, independente de sua formação. É no meio familiar que o sujeito tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprende os primeiros valores e hábitos. Tal convivência é fundamental para que a criança se insira no meio escolar sem problemas de relacionamento disciplinar entre outros.

Partindo da premissa que a ausência da família no desenvolvimento do indivíduo contribui para o fracasso escolar, faz-se optar por esse trabalho de investigação assinalando a temática **Família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar** com o objetivo de analisar a importância da parceria dessas instituições na erradicação do fracasso escolar, sistematizando especificamente outros objetivos tais como: levantar informações sobre os aspectos sociais e psicológicos que influenciam direta ou indiretamente no insucesso ou sucesso escolar dos alunos; reconhecer fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem dos alunos

quanto à visão dos professores; caracterizar a interação família e escola e sua contribuição no desenvolvimento da educação dos filhos/alunos; compreender a importância da influência da família no processo ensino aprendizagem, abordando a atuação do professor, em relação aos alunos de uma escola do Ensino Fundamental II da Rede Municipal de Ensino de Aurora-CE.

Diante do problema estudado, realiza-se uma pesquisa de campo de caráter quali-quantitativo. Conforme os objetivos delineados será realizado um estudo descritivo do fenômeno em estudo e uma pesquisa de campo com aplicação de instrumentos de coletas de dados através de entrevistas aos pais e professores, além de questionários aplicados aos alunos. Uma vez que, tais instrumentos apresentam vantagem de economicidade, abrangendo de forma rápida e simultânea, um maior número de informantes.

A investigação, assim realizada, contribuirá em despertar nos educadores/pais a importância do acompanhamento da família no processo ensino aprendizagem dos filhos e do envolvimento com a instituição escolar, uma vez que, uma educação de qualidade contempla antes de tudo a adoção das diretrizes políticas e pedagógicas condizentes às vivências e aos conhecimentos dos alunos inseridos no seu meio, ao reconhecer e preservar suas particularidades socioculturais, na mesma instância em que se identifica a forma de atuação da família provocada pela escola nos espaços de discussão de resultados educacionais. Revela-se, nessa lógica, os aspectos relativos à configuração de condições de estudos, vinculados ao sucesso ou a ineficazes resultados, promovendo uma reflexão sobre o fracasso escolar, quanto à busca da construção do sucesso escolar. Qualquer mudança que se pretende de uma determinada situação, requer o conhecimento da realidade das referidas instituições.

Sendo assim, este trabalho apresenta a seguinte estrutura de organização:

Introdução, abordando a apresentação, objetivos, relevância do tema, metodologia e toda organização do trabalho.

O capítulo I – Percursos teóricos da pesquisa - apresenta o conceito, origem, evolução e fatores determinantes do fracasso escolar, fenômeno em estudo, que se materializa nas relações estabelecidas no dia a dia da escola, tornando-se uma preocupação dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

A relação entre o fracasso escolar, ambiente escolar/familiar e as dificuldades de aprendizagem, visto que, se observam inquietações da escola aos impasses sofridos por parte dos diversos segmentos sociais, principalmente os gerados pelas famílias e sua influência, considerando que fatores externos e internos contribuem para o insucesso dos alunos.

A intitulação relação família- escola e a prática docente ressaltando que para se garantir um ensino de qualidade é necessário investimentos na formação dos professores bem como o desenvolvimento de práticas pedagógicas adequadas no âmbito da escola somado à efetiva participação da família, com vista a uma consciente integração entre família e escola a fim de se evitar o fracasso escolar.

O capítulo II – Constitui-se do percurso metodológico da pesquisa, considerando os objetivos delineados no que se refere à relação família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar. O universo da pesquisa identificando sujeitos e caracterização da população.

No capítulo III – Percurso analítico da pesquisa - tem-se a contextualização da análise, interpretação e discussão dos dados coletados da pesquisa realizada, com a participação dos pais, professores e alunos.

Seguem-se as considerações finais sobre as concepções e análises teóricas formuladas sobre o fracasso escolar com a expressão família e escola e algumas implicações de estudo quanto à prática docente e quanto à formação como professora e pesquisadora. Por fim, é norteadada teoricamente a referida pesquisa, respaldando-se principalmente em Patto (1999), Charlot (2000); Benavente (1990); Bossa (2002); Bissoto (2009); Miotto (2000); Nogueira (2010); Zago (2010) entre outros.

CAPITULO I

PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

1 FRACASSO ESCOLAR: CONCEITO, ORIGEM E EVOLUÇÃO.

O fracasso escolar constitui-se uma preocupação da atualidade. Entre os envolvidos encontram-se, além dos governos, os professores, os pais e os alunos-principais protagonistas dessa discussão - buscando compreender o fenômeno e contribuir para a sua redução. Para Mendonça (2008), a resposta às indagações a respeito das possíveis causas e responsabilidades sobre o fracasso escolar exige primeiramente estudar a sua etimologia e conceituação, isto é, compreendê-lo a partir de sua historicidade e da realidade na qual ocorre.

Segundo Costa e Melo (1989) “a palavra *insucesso* vem do latim *insucessu(m)*, o que significa ‘Malogro; mau êxito; falta de sucesso que se desejava’ ou ainda ‘mau resultado, mau êxito, falta de êxito, desastre, fracasso’”. Assim, o termo evoca atributos pessoais positivos ou negativos. Ao analisar a etimologia das palavras sucesso/insucesso e bom/mau, Silva et. al. (1997), afirma que o termo fracasso teria uma conotação de “desastre, perda, mau êxito, malogro” em confronto com o sucesso que seria “*bom êxito e resultado feliz*” (grifos da autora) (op. cit. p. 2) depreendendo-se dessa análise, ser responsabilidade do aluno lograr sucesso ou, por um déficit pessoal, vir a fracassar.

Não há uma unidade semântica quando se pretende definir insucesso, mas alerta-se ao fato de o mesmo não poder ser visto apenas pelo ângulo estritamente escolar. A autora cita as diversas designações apresentadas por Benavente (1990, p. 28): “Reprovações, atrasos, repetência, abandono, desperdício, desadaptação, desinteresse, desmotivação, alienação e fracasso”, ainda cita: “mau aproveitamento e mau rendimento escolar”. Esta autora adverte para a evidência – razão de tantas terminologias – da existência de um problema real e analisado, do critério dos resultados escolares.

No entendimento de Mendonça (2008), somente há pouco tempo a utilização do conceito “malogro” na escola passou a surgir na História da Educação pela Sociedade Ocidental. Em decorrência da obrigatoriedade escolar somente a partir da revolução industrial, é que as escolas passaram a ter currículos estruturados e com metas de aprendizado. Tais metas vieram delimitar as fronteiras entre sucesso e insucesso gerando, ainda, a repetência como solução do sistema escolar para o problema de não aprendizagem, o qual rotula o aluno como “bom” ou “mau” dependendo do resultado do seu desempenho na escola.

Reconhecendo a complexidade da definição de insucesso escolar, Mendonça (op. cit., p. 4) apresenta a definição oficial dada em Portugal, advinda do “*regime anual de passagem/reprovação* dos alunos, inerente à estrutura de avaliação característica do atual sistema de ensino” (grifo da autora). Lembra-se nesse ponto, a utilização parcimoniosa do termo insucesso escolar em alguns países, como Dinamarca, Finlândia e Itália os quais pretendem trocar tal terminologia, substituindo-a por *êxito escolar* evitando o sentido pejorativo do termo fracasso escolar. Após exemplos como o da França, cuja experiência de atacar o problema, levou ao afastamento dos alunos dessas instituições. Por outro lado, cita a Inglaterra, onde o uso desse termo é não somente considerado positivo, mas necessário.

A polissemia semântica justifica-se por se apresentar em consonância com os conceitos, as expectativas e o propósito dos envolvidos com a questão do fracasso escolar, cada agente diferindo na etiologia segundo o valor atribuído ao fenômeno. O Estudo da Organização para Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostra o fracasso escolar como um processo e não somente como um resultado final atribuível a variáveis sociais, individuais ou institucionais. O referido estudo reconhece três momentos importantes nesse processo:

O primeiro, durante o ciclo de educação obrigatória, apresenta-se quando o rendimento do aluno é sistematicamente inferior ao da média, ou quando este tem de repetir um ano escolar. O segundo manifesta-se através do abandono escolar do aluno antes de terminar a educação obrigatória, enquanto que o terceiro se reflete numa difícil integração profissional dos jovens que não possuem os conhecimentos e habilidades básicas que deveriam ter adquirido na escola (KOVACZ, 2004, p.43).

Percebe-se, ao analisar o pensamento do autor supracitado vários aspectos estão relacionados ao fracasso escolar: o rendimento inferior do aluno, quando este não alcança o perfil da média; a repetência; a evasão escolar que se manifesta através da desistência ou o abandono escolar, antes mesmo do término obrigatório da educação básica. Esse fator por sua vez, gera sérias consequências para a futura formação e inserção profissional deste estudante por não ter adquirido reflete as competências e habilidades que são desenvolvidas durante o processo ensino aprendizagem.

Cortesão et all (1990), a autora traz à reflexão outros fatores expressivos do mal-estar dos alunos na escola e possíveis de levar ao fracasso escolar, apresentados na forma de agressividade, desinteresse, violência, entre outras, num indicativo de uma contribuição do sistema educativo para o fracasso escolar do aluno. Outro ponto de vista referente ao insucesso escolar e apresentado pela autora são as posições de Pires, a qual afirma como expoente máximo desse insucesso, o abandono escolar. Não é diferente o posicionamento de Fernandes (1991) para quem também, existe fracasso escolar quando as socializações ou a personalidade do aluno não forem devidamente desenvolvidas.

Mendonça (2008) confirma o pensamento de autores como Marchesi e Pérez (2004) para quem o termo *insucesso escolar* (grifo da autora) encerra ideias de que o aluno não progrediu em nenhum aspecto da vida, seja no âmbito pessoal, social ou de conhecimentos escolares, tomando-se, portanto, um fracassado. Outro fator é a imagem negativa do aluno a quem é lançada a responsabilidade pelo insucesso escolar. Lembra ainda, que para Rovira, essa expressão, além de simplista, carrega uma conotação bastante negativa, depreendendo-se que o aluno fracassado o é em todas as áreas. A autora complementa:

“i) nem todos os insucessos são iguais, pois ninguém fracassa de todo e em tudo; ii) um insucesso pode encerrar esforços muito valiosos; iii) um insucesso nem sempre se reveste de um significado catastrófico, quer ao nível pessoal quer ao nível social” (MENDONÇA, 2008, p. 6).

Após citar a experiência de vários países da Europa em relação ao fracasso escolar, a autora conclui ser este, um fenômeno multifacetado, optando por descrever suas múltiplas análises no intuito de uma melhor compreensão sobre o assunto. Nesse entendimento, apresenta os estudos a seguir destacando: Chansou e Mannoni (1970) sobre a existência de dois tipos de insucesso: O parcial, quando o aluno tem fracasso em apenas uma ou mais disciplinas, e o generalizado, quando perde a maioria ou todas as disciplinas; Pires (1988) vê o insucesso também sob dois aspectos: O visível, aferido quantitativamente; e o invisível, apresentado de forma qualitativa, através das frustrações individuais, formação inadequada e alheamento político. O autor, ao citar Fernandes (1991), lembra que a educação escolar visa à aquisição de determinados conhecimentos nos quais se inclui o desenvolvimento integral do ser humano.

Assim, se qualquer um desses aspectos é quebrado, há insucesso na educação escolar. Os diversos autores que relatam sobre as análises do fenómeno em estudo, procuram classificá-lo em parcial e generalizado; o visível e o invisível para que haja entendimento quanto ao desenvolvimento pessoal e intelectual do sujeito no meio sociocultural.

No ponto de vista de Mendonça (2008), o insucesso escolar deve ser medido não apenas através dos resultados avaliativos da escola. Ele também pode ocorrer quando o aluno não consegue se adaptar às normas vigentes na instituição; quando não consegue manter um comportamento adequado às exigências da comunidade escolar; quando não têm vontade de trabalhar; quando o aproveitamento é baixo; quando há deficiência na socialização e ainda quando há baixa autoestima dos alunos.

Embora o conceito de insucesso escolar traduza o não atingir de metas no final dos ciclos, dentro dos limites temporais estabelecidos, fenómeno que na prática se reflecte nos valores das taxas de reprovação/retenção, repetência e abandono escolar, existe um outro tipo de *insucesso*, *não quantificável*, mas mais nefasto. Este refere-se à desadequação entre os conteúdos transmitidos na escola, as aspirações dos alunos e a não conjugação destes factores com as necessidades do sistema social e dos seus subsistemas de emprego/trabalho (MARTINS, 2008.P.2).

Sendo assim, há forte indício da presença da ideia de fracasso na cultura das escolas, inclusive na legislação escolar, a qual já traz em seu bojo a previsão dessa ocorrência. Portanto, o insucesso escolar faz parte da lógica de políticas de exclusão que permeiam as instituições sociais e políticas. “Política de exclusão que não é exclusiva dos longos momentos autoritários, mas está incrustada nas instituições, inclusive naquelas que trazem em seu sentido e função a democratização de direitos como a saúde, a educação” (ARROYO, 2000 P.34).

Desta forma, a escola que evidencia a exclusão na prática educacional, consequentemente reflete no processo da aprendizagem, ou seja, desvincula o discente de sua formação social e de sucesso, passando a ser uma instituição que às vezes não considera o conhecimento como ferramenta importante para o desenvolvimento no meio social.

Por outro lado, Bissoto (2009) mostra o fracasso escolar como fenômeno, em larga escala, de fracasso na escola, a falha imbricamente individual e institucional para desenvolver os conhecimentos e modos de ser considerados próprios à instituição escolar. Conhecimentos e modos que, do ponto de vista da escola, são tidos como necessários e fundamentais para o sucesso do indivíduo na sociedade.

De acordo com esta autora, tal definição pode ser criticada por não explicitar a subjetividade ideológica presente em termos como fracasso e sucesso, ou ainda, os mecanismos elitistas da sociedade e das instituições escolares. A razão para a ausência de tais explicitações está na suposição de que essas formas de explicar e endereçar a questão do fracasso escolar, já é reconhecida e relativamente divulgada. Sem esquecer-las, considera-se que o fracasso escolar, enquanto fenômeno que se mantém refratário requer discussões que avancem tais posições. O fracasso escolar poderá ser compreendido como fenômeno que emerge, revela-se e se materializa, na forma das relações estabelecidas no cotidiano escolar, imbricadamente entre professor-estudante, estudante-estudante e estudante-família-escola.

Diante desse contexto, Conforme Bissoto (2009), essas relações formam um tripé fundamental na dinâmica da malha de interações que suporta e perpassa as práticas docentes e sociais, configuradas na escola, as quais marcam e são marcadas pelas relações escola/sociedade. A importância desse tripé está em favorecer, ou não, o sentimento de pertencimento (de envolvimento) do estudante em relação à instituição escolar, considerando-se que esse sentimento de pertencimento é essencial tanto para a constituição quanto para a qualidade do processo educacional. Quanto maior o sentimento de pertencer, de fato, à instituição escolar, menos alienado o estudante estará desse processo.

A alienação do processo educacional é entendida aqui como a atitude de distanciamento ou de estranhamento, desenvolvido pelo estudante, em relação aos processos de aprendizagem acadêmica ou aos processos de socialização, transcorridos na instituição escolar. Essa atitude interfere decisivamente nas resignificações atribuídas pelo estudante quanto aos conhecimentos escolares e aos modos de serem valorizados pela escola; está assim, na base da (não) apropriação que ele fará desses conhecimentos. Esse processo de estranhamento está na base da emersão do fenômeno fracasso escolar. Perrenoud (2000) já vem sendo mais direto quando nos diz que normalmente, o fracasso

escolar é definido como a simples consequência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta objetiva de conhecimentos e competências.

Compreende-se, quanto ao posicionamento do autor, que a falta de êxito no processo ensino aprendizagem condiciona o fracasso escolar, pois, o desenvolvimento das competências e habilidades fortalece a qualidade no processo educacional.

Sobre a questão fracasso escolar, há diversificados estudos que abordam viés diferentes. Analisam-se, não apenas, as dificuldades do aluno em adquirir as competências e habilidades necessárias ao processo ensino aprendizagem. Há fatores políticos, culturais, sociais e psicológicos que influenciam diretamente no desencadeamento do referido fracasso. Ou seja, não é algo ligado somente ao indivíduo, há a presença de fatores individuais e institucionais, políticos e sociais. A ausência de políticas públicas que busquem sobremaneira, a melhoria da educação, que promovam o acesso e manutenção do aluno na escola, somada à indiferença para com a população menos favorecida, a fim de sanar os problemas sociais existentes, acentuam ainda mais as diferenças sociais, refletindo negativamente no desenvolvimento escolar do aluno.

Patto (1999) esclarece que a disseminação dos conhecimentos da psicologia das diferenças individuais, aliada aos princípios da Escola Nova, nas primeiras décadas do século XX, transportou para os grandes centros urbanos brasileiros a preocupação em medir estas diferenças e implantar uma escola que as levassem em consideração.

A partir da década de 30, a ênfase volta-se para a atribuição deste fracasso às diferenças individuais, baseada na concepção de genialidade hereditária, apoiando-se nos estudos de Darwin (princípio da evolução das espécies), difundida por Galton¹. Já em 1869, influenciando no movimento dos testes mentais bastante marcantes na década de 1890. Os casos de dificuldade de aprendizagem começam a ser diagnosticados e tratados por psiquiatras, dando origem a medicalização do fracasso. Porém, essa explicação é fortemente marcada pela teoria racista em que se considerava a superioridade da raça branca em relação aos índios, negros e mestiços.

¹Genialidade hereditária: “teoria desenvolvida por Francis Galton, procurando demonstrar que as especificidades humanas estariam sujeitas aos rigores da seleção natural. Em sua obra de 1869, Francis Galton, a partir da associação de elementos da teoria da seleção natural e da seleção doméstica em sociedades humanas, procurou defender a tese de que as habilidades mentais humanas seriam transmitidas através do mesmo mecanismo de transmissão das habilidades ou especificidades orgânicas” (CONT, 2008, p 211).

Na década de 40, nos Estados Unidos da América (EUA), a assimilação à rede escolar de um grande número de psicólogos clínicos que atuaram na segunda grande guerra mundial levou às últimas consequências a tendência à psicologização das dificuldades da aprendizagem, no qual o principal foco foi às crianças. De acordo com Patto (1999, p.67), “os destinatários deste diagnóstico foram, mais uma vez, as crianças provenientes dos segmentos das classes trabalhadoras dos grandes centros urbanos, que tradicionalmente integram em maior número o contingente de fracassados na escola”. Neste sentido, o movimento de higiene mental:

[...] colaborou para justificar o acesso desigual das classes sociais aos bens culturais, ao restringir a explicação de suas dificuldades de escolarização ao âmbito das disfunções psicológicas. [...]. Seu prestígio foi tão forte que suplantou, na explicação do fracasso escolar, um das premissas do pensamento escolanovista que não podia ser negligenciada: a de que a estrutura e funcionamento da escola e a qualidade do ensino seriam os principais responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem (PATTO, 1999, p.69).

Nesse período, a explicação começa a deixar de ser racial - no sentido biológico do termo – passando a ser cultural, abandonando-se, assim, a afirmação da existência de raças inferiores para a afirmação da existência de culturas inferiores, disseminando a ideia de que o meio cultural do qual as crianças pobres fazem parte é deficitário de estímulos, valores, hábitos, habilidades e normas, o que dificultaria a aprendizagem. A psicologia diferencial assimilou muito dos conhecimentos acumulados pela antropologia cultural e valeu-se deles para explicar o menor rendimento obtido pelos grupos e classes sociais mais pobres na escola e nos instrumentos de medida das capacidades psíquicas.

De acordo com Patto (1999), essa versão atingiu seu ponto mais alto nos anos setenta, com a teoria da carência cultural, na qual se observa a existência não tanto de raças, mas de culturas inferiores e diferentes, que, segundo Chauí (1981), refere-se a grupos familiares patológicos e de ambientes sociais atrasados os quais produziram crianças desajustadas e problemáticas que surge como resposta política aos movimentos reivindicatórios das minorias raciais norte-americanas e dos grupos sociais mais atingidos pela exploração econômica e pela dominação cultural que não aceitam a desigualdade e a denunciam. Para essa autora, a escola compensatória supostamente

reverteria às diferenças ou as deficiências culturais e psicológicas de que seriam portadoras as classes “menos favorecidas”. O resultado é a reafirmação das deficiências da clientela como a principal causa do fracasso escolar.

Até a década de 1980, as tentativas de explicação do fracasso escolar estavam voltadas para culpabilizar, principalmente, o sujeito que sofria o fracasso, e a sua família, como se fossem seres inertes, soltos no tempo e no espaço. São raras as vezes que, o foco dos estudos voltou-se para a instituição escolar como um dos fatores determinantes do problema, mas, quando o fizeram, também foi num sentido de atribuir tal culpa à escola e a quem nela trabalha, não relacionando o fracasso com o contexto social e político.

Patto (1999) rompe com os estereótipos do racismo, da medicalização e da carência cultural, chamando a atenção para a necessidade de analisar o fracasso escolar como parte de um contexto sociopolítico que apresenta contradições, se houver o desejo de avançar na busca de possibilidades da superação do fracasso, pois foi nos ideais liberais que se estruturou a sociedade capitalista atual.

Partindo desse pressuposto, esses ideais são pautados em um dos princípios do liberalismo os quais atribuem o sucesso do indivíduo ao mérito próprio, ao esforço de cada um e quem não o consegue é porque não se esforçou o bastante, pois as oportunidades são iguais para todos. Assim, o fracasso demonstrava apenas diante das aptidões individuais, e como consequência ocasionando a desigualdade numa hierarquia social.

Para Perrenoud,

[...] as sociedades desenvolvidas confrontam-se com desafios demais para que as classes dirigentes queiram criar o fracasso escolar apenas com a finalidade de garantir a transmissão de seus privilégios e a reprodução das hierarquias sociais. Saímos do período em que a desigualdade e o fracasso escolar não constituíam problemas sociais. Também deixamos – lentamente – a tranquila segurança da ideologia da doação, para a qual o fracasso, por mais lamentável que fosse, parecia estar na ordem das coisas, consequência inelutável da distribuição desigual das aptidões. Enfim, estamos distanciando-nos do fatalismo sócio-político dos anos 70, em torno da reprodução (PERRENOUD, 2000, p. 10).

No entendimento deste autor, o fracasso escolar nasce daquilo que Bourdieu chamou de “indiferença às diferenças”. A escola, ao tratar todos os alunos como iguais em direitos e deveres, em nome da igualdade, concorre para a perpetuação dos mecanismos de reprodução, não promovendo a equidade. A superação do fracasso escolar virá a partir da superação da indiferença às diferenças no âmbito escolar, em outras palavras, a partir de um novo modelo de ensino, pautado no respeito às diferenças, fugindo ao reprodutivismo e construindo, nas relações entre professor e aluno, um novo conhecimento.

[...] a indiferença às diferenças transforma as desigualdades iniciais, diante da cultura, em desigualdades de aprendizagem e, posteriormente de êxito escolar, como mostrou Pierre Bourdieu (1996). Com efeito, basta ignorar as diferenças entre alunos para que o mesmo ensino engendre o êxito daqueles que dispõem do capital cultural e linguístico, dos códigos, do nível de desenvolvimento, das atitudes, dos interesses e dos apoios que permitem tirar o melhor partido das aulas e sair-se bem nas provas; provoque, em oposição, o fracasso daqueles que não dispõem desses recursos e convença-os de que são incapazes de aprender de que seu fracasso é sinal de insuficiência pessoal, mais do que da inadequação da escola (PERRENOUD, 2000, p. 9).

Este mesmo autor (op.cit., p. 9) entende que “diferenciar o ensino é fazer com que cada aprendiz vivencie, tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagem”. E que “diferenciar, é, pois, lutar para que as desigualdades diante da escola atenuem-se e, simultaneamente, para que o nível de ensino se eleve”. Uma vez que as práticas discursivas da Pedagogia se apoiam em vários discursos, tais como os da psicologia, da sociologia, da biologia e da medicina, dentre outros, retratando, de certa forma, por meio de outras estratégias, a vontade de uma verdade que excluem os discursos do aluno e do professor, por uma prática social pré-definida, geradora de uma totalidade de saber, de controle e de poder.

Dessa maneira, postulam a heterogeneidade, na qual a história dos que alcançam o objetivo do sistema escolar não é a mesma história dos “fracassados” em seus objetivos. Paralelamente, observa-se submissão à lei, tanto nos que triunfam quanto naqueles que fracassam na escola.

Para Foucault (2006), essa vontade de verdade é apoiada num suporte ou justificação por meio de uma distribuição institucional promotora de outros discursos, marcados por pressão e um poder de controle que cria discursos verdadeiros, e por isso, segregadores, mas legitimados e referendados pelas práticas escolares e sociais. Dessa forma, o tema Fracasso Escolar assume características policêntricas e multifacetadas, pois suas práticas discursivas e pedagógicas embutem diferentes intenções segregativas e marginalizadoras, quando acolhe o aluno pela diferença, reforçando suas condições como limitadoras da aprendizagem e produzindo discursos que validarão funções e disfunções dos alunos e, também, dos professores.

Outro aspecto do fracasso escolar considerado importante trata-se do fato desse processo não dever ser visto como uma simples falta de condição do aluno, e sim, responsabilidade de toda a sociedade. Nesta perspectiva, a escola não pode incluir-se como mais uma instituição que acaba contribuindo para a exclusão social, pois embora existam pesquisas na área educacional objetivando uma prática pedagógica menos excludente, ela ainda age de forma seletiva e classificatória.

A reprovação não deve ser o único meio de medir o fracasso escolar, há que se analisar o desenvolvimento do aluno, ver a aprendizagem como a capacidade de se tornar um cidadão capaz de se adaptar às realidades diversas. Para Pontarolo (2008), a escola falha quando não consegue transmitir ao seu aluno o que é importante dominar. Há ainda uma grande indefinição entre os elementos que compõem esse domínio, há quem (educadores, professores e pesquisadores) defenda a importância do domínio dos conteúdos, outros valorizam a socialização, a autonomia, os limites, as superações afetivas. Daí que essas contradições geram as deficiências pedagógicas.

Observa-se que o fracasso escolar não é resultado de apenas uma realidade social, ele é, sim, resultado de diferentes realidades sociais que devem ser observadas e trabalhadas pela escola. Faz-se necessário, um olhar para as diversas situações frente aos fatores internos e externos do sistema educativo.

A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre as “crises,” sobre os modos de vida e os trabalhos na sociedade de amanhã sobre as formas de cidadania (CHARLOT, 2000, p.14).

Esses debates levariam a se desmistificar a visão de que o fracasso escolar é resultado apenas de problema de aprendizagem, discutindo o tema como problema social e politicamente produzido, sem ignorar os fatores relativos à instituição escolar, pois a mesma promove, por vezes, a seletividade social dentro de sua estrutura. A política de ampliação de vagas não se mostrou uma intervenção segura, no sentido de competência para ensinar os que dependem da escola para aquisição de conhecimentos e habilidades socialmente valorizadas.

Percebe-se que o entrave no gerenciamento do fracasso escolar ilustra esse caráter seletivo que as escolas têm assumido ao longo de sua história por conta dos fatores pedagógicos, sociais, psicológicos e econômicos que perpassam pela ação educacional.

Guzzo (2001, p.37), elenca algumas características positivas na construção da subjetividade: "Satisfação, coragem, habilidades interpessoais, a perseverança, a sensibilidade e empatia, a responsabilidade, o altruísmo, a ética, a iniciativa, dentre outras", possíveis de serem aplicadas no contexto educacional. Segundo o discurso dessa autora "a eficácia do sistema dependerá do quanto ele for capaz de manter crianças com prazer e motivadas a estudar e aprender, do quanto ele for capaz de fazer a criança evoluir, crescer, tornar-se competente [...]" (id, ibid, p. 40). Há, então, a necessidade de questionar algumas evidências ora normalizadas na escola e da legalidade de princípios válidos da vida social.

Destaca-se também a importância de compreender a categoria avaliação de desempenho escolar e suas práticas quanto ao valor que este tema toma no bojo da discussão acerca do fracasso escolar.

Embora a avaliação tome lugar de destaque para a possibilidade de uma escola mais inclusiva, democrática e comprometida socialmente, segundo Fernandes (2001), as propostas político-pedagógicas que buscam a solução do fracasso escolar a partir de alterações em seu sistema de avaliação, o fazem apenas através de novas práticas de promoção, "flexibilidade do tempo escolar, progressão entre os anos escolares, promoção de matrículas por série/idade".

Diante de várias concepções de avaliação, constata-se que o fracasso e o sucesso dos discentes tornam-se quase que incompreensível diante dos fatores e das

consequências, que às vezes, desresponsabiliza a escola diante desse ato tão complexo, que é o saber avaliar.

Segundo Lüdke (2001, p.27) ,“não se pode imputar à avaliação a responsabilidade pelo fracasso escolar, mas não se pode também isentá-la inteiramente dessa responsabilidade, pois ela representa o conjunto de mecanismos através dos quais se sanciona o sucesso ou o insucesso do aluno.” Também para Esteban (1999, p.7) “qualquer reflexão sobre avaliação só tem sentido se estiver atravessada pela reflexão sobre a produção do fracasso/sucesso escolar no processo de inclusão/exclusão social”.

Nesse sentido, esses autores vinculam a avaliação como ênfase para o fracasso escolar, ou seja, o fracasso é um artefato produzido pelo exercício da avaliação em si. Porém a avaliação precisa ser analisada não sob a ótica do fracasso, mas sim do sucesso. É necessário lutar contra uma avaliação/seleção massificante e discriminatória, já que atinge aqueles que são mais fracos e mais pobres.

De acordo com Arroyo (2000, p. 13), instaurou-se nas últimas décadas nos ensinos privado e público uma “indústria da reprovação”. Há uma valorização das instituições e de profissionais que optam por “selecionar “os cobras” e “eliminar os medíocres””. Essa cultura de exclusão estaria encarnada no sistema escolar que legitima o fracasso. Paro (2001), pesquisando sobre a resistência dos professores à promoção de seus alunos e a insistência na reprovação, aponta que a reprovação escolar constitui-se numa renúncia à educação. Vasconcellos (1998) destaca que a temática da avaliação é importante, pois traz repercussões negativas como a evasão e os altos índices de reprovação. Para ele, a importância se deve ao fato de que a avaliação pode contribuir para a construção de uma escola democrática e de qualidade para todos.

Portanto, em relação às diversas definições sobre avaliação dos autores acima, faz-se necessário ser um processo reflexivo e, que seja construído procedimento mais democrático no intuito de sintonizar com o movimento de democratização da escola e da sociedade.

1.1 O fracasso escolar no contexto brasileiro

Patto (1999), ao explicar a questão do fracasso escolar na escola pública brasileira, afirma que os estudos sobre escolarização e dificuldades de aprendizagem basearam-se, num primeiro momento, nas teorias racistas, vigentes desde o ano de 1870, quando os colonizadores tinham os colonizados como seres inferiores intelectualmente e, como tais, incapazes de aprender. O auge destas ideias racistas ocorreu no período de 1850 a 1930, quando os intelectuais brasileiros começaram a atentar para as questões da escola e da aprendizagem escolar sob a influência da filosofia e ciência francesas.

Os educadores do escolanovismo², por volta nos anos vinte e trinta do século XX, empreenderam as pesquisas iniciais das concepções a respeito da maneira predominante de entender a escolarização das classes populares sobre o fracasso escolar. Nesse sentido, o ideal seria apontar as causas das dificuldades de aprendizagem não no indivíduo; mas sim, nos métodos, os quais deveriam ser determinados pela observação do indivíduo (este representando a natureza humana e não a especificidade de cada um) e de suas capacidades, denominados pelos estudiosos de fatores intraescolares. Vivia-se a crítica à escola tradicional e se formulou uma nova concepção de criança, observando as necessidades desiguais, assegurando o acesso ao conhecimento, reconhecendo a sua especificidade psicológica (mérito dos proponentes da escola nova). Os programas e métodos educacionais deveriam ser determinados pela observação do indivíduo e de suas capacidades e não por critérios externos (id, ibid). De acordo com Patto:

À medida que a psicologia se constitui como ciência experimental e diferencial, o movimento escolanovista passou de seu objetivo inicial de construir uma pedagogia afinada com as potencialidades da espécie, à ênfase na importância de afiná-la com potencialidades dos educandos. (id, ibid, p. 87).

²Escolanovismo: Movimento de renovação do ensino surgido no final do século XIX e reforçado nas primeiras décadas do século XX. Iniciado nos EEUU chegou ao Brasil em 1882, e exerceu grande influência nas mudanças do ensino na década de 20, sob inspiração das ideias político-filosófico de igualdade entre os homens e direito de todos à educação (Portal do educador. Disponível em: <http://www.wikipedia.org/wiki/Escola_Nova>. Acesso em: 20.07.2011.

Esta autora postula ainda, que a psicologia, a partir dos anos trinta, adotou a prática de diagnóstico e tratamento dos desvios psíquicos, passando a justificar o fracasso ou, no máximo, a tentar impedi-lo por meio de programas psicológicos preventivos, baseados no diagnóstico precoce de distúrbios no desenvolvimento psicológico infantil. Predominou a explicação psicologizante das dificuldades de aprendizagem. Essa forma de explicar o fracasso produziu duas distorções na proposta escolanovista:

De um lado, enfraqueceu a ideia revolucionária e enriquecedora de levar em conta, no planejamento educacional, as especificidades do processo de desenvolvimento infantil enquanto procedimento fundamental ao aprimoramento do processo de ensino, substituindo pela ênfase em procedimentos psicométricos e deslocando novamente a explicação do fracasso escolar para o aprendiz e suas supostas deficiências; de outro o ideário escolanovista foi apropriado no que tinha mais técnicos, em detrimento da dimensão de luta pela ampliação e democratização da rede de ensino fundamental (PATTO, 1999, p. 88).

As explicações psicologizantes desse período também conviviam com as teorias racistas, marcadas, desde a colonização, pelo preconceito em relação aos índios, aos mestiços e aos negros. Já no período imperial, uma Antropologia Filosófica Evolucionista tentava provar a inferioridade das raças não brancas, justificando, assim, a sua sujeição ao branco. Mesmo com a abolição da escravatura (1888) e com o advento da República (1889), continuou-se a proclamar esta inferioridade, só que, naquele momento, para justificar o lugar livre, mas subalterno, que índios, negros e mestiços passaram a ocupar na nova estrutura social, caracterizando a denominada inferioridade racial do brasileiro.

A Psicologia Educacional configurou-se no Brasil, sob a influência médica. Os primeiros cursos de Psicologia foram ministrados nas Faculdades de Medicina, tendo os médicos como professores, em cujos cursos pesquisavam-se sob a influência da eugenia e do branqueamento progressivo da raça negra, por meio da importação de imigrantes e numa vertente voltada para a psicanálise. Tal realidade influenciou na construção de discursos fraturados, muitas vezes contraditórios, das causas do fracasso escolar.

Segundo Patto (1999), até os anos setenta, houve um predomínio das explicações das causas do fracasso escolar em função das características biológicas, psicológicas e sociais dos alunos. Diante dessa realidade, começa a se consolidar a teoria da carência social com ênfase nas ideias do sociólogo Francês Pierre Bourdieu (2005), em detrimento à explicação que considerava os aspectos estruturais e funcionais do sistema de ensino como determinante desse fracasso. O termo social era empregado no sentido de déficit cultural dos usuários das escolas públicas, não contemplando a relação com a estrutura na qual se organizava a sociedade. Os psicólogos educacionais, de formação psicanalítica, psiconeurológica ou cognitivista, perderam de vista a dimensão pedagógica do processo.

Durante os anos setenta, tentou-se superar, o discurso sobre as causas do fracasso escolar que passou a ser explicado pela teoria da Carência Cultural, por meio da qual se afirmava que as deficiências do ambiente cultural das chamadas classes baixas produziam a deficiência no desenvolvimento psicológico infantil, ocasionando as dificuldades de aprendizagem e de adaptação escolar. Tal manifestação é considerada por Patto (1999), como sutil, porém, a mais poderosa, de preconceito racial e social. No âmbito dessa teoria está a tese da diferença cultural como explicação para o fracasso escolar. A tese afirmava que a escola era inadequada para as crianças carentes, já que os professores da classe média utilizavam-se de métodos destinados às crianças da classe favorecida.

Segundo evidencia Fernandes apud Patto (1999), os educadores e pesquisadores na área educacional, influenciados pela teoria de carência cultural e por uma concepção positiva de produção de conhecimento, apropriaram-se da concepção de escola como aparelho ideológico do Estado, com distorções conceituais, levando a descaminhos teóricos. O objetivo não era, portanto, garantir às classes subalternas a apropriação do saber escolar enquanto instrumento de luta na transformação radical da sociedade, mas acenar para o pobre com a possibilidade de melhoria de suas condições de vida, por meio da ascensão social e econômica, estruturalmente possível para a maioria.

No decorrer dos anos setenta, contudo, uma das características que diferenciou a pesquisa do fracasso escolar foi a investigação crescente da participação do próprio sistema escolar na produção do fracasso, através da atenção ao que se convencionou

chamar de fatores intraescolares e suas relações com a seletividade social operada na escola, privilegiando a investigação de aspectos estruturais, funcionais e da dinâmica interna da instituição escolar. O ano de 1977 constituiu-se como o marco na mudança de enfoque, após tantos anos buscando as causas das dificuldades de aprendizagem escolar, nas características psicossociais do aprendiz. Passou-se a ter, nesse período, uma nova visão da escola, quando esta passa a ser vista como instituição social a serviço da ascensão social dos mais capazes, ou seja, reprodutora das desigualdades sociais geradas no nível da divisão e da organização do trabalho, agora determinada pelos condicionantes sociais e econômicos mais gerais, porém com certa autonomia para determinar o sentido de sua ação social da escola para a população, momento em que se passa a valorizar os conhecimentos e as habilidades ensinados na escola.

Na história da explicação do fracasso escolar, até os anos noventa, percebem-se avanços e retrocessos, como expõe Patto:

É importante notar que se nos anos de predomínio da teoria da deficiência cultural os aspectos intra-escolares receberam pouca atenção, na vigência da teoria da diferença cultural a responsabilidade da escola pelo fracasso ficou limitada à sua inadequação à clientela, à medida que as pesquisas vão desvendando mais criticamente aspectos da estrutura e funcionamento do sistema escolar, ao invés de atribuir à clientela as causas do fracasso escolar ter sido superada, ela foi apenas acrescida de considerações sobre a má qualidade do ensino que se oferece a essas crianças. Nesse sentido, a pesquisa no início dos anos 80 sobre o fracasso escolar repete, com algumas exceções, o discurso fraturado que predominou no período em que vigoravam as ideias escolanovistas, quando não repetem a tentativa de colagem destes discursos afirmando que a escola que aí está é inadequada à clientela carente (PATTO, 1999, p. 154).

Embora a pesquisa dos fatores intra e extraescolares nas dimensões pedagógicas, sociais, políticas, estruturais e funcionais da situação da escola e do ensino tenha ganhado novo fôlego, também as afirmações sobre as características da clientela continuaram as mesmas dos anos setenta, imunes à crítica da teoria da carência e a resultados de pesquisas que a puseram em xeque, caracterizando, assim, rupturas e ao mesmo tempo, repetição de conceitos já superados. Segundo Forgiarini et al (2007), em plena década de 1980, a reprovação e evasão na escola pública de primeiro grau continuam a assumir proporções inaceitáveis e este problema, mesmo que tenha sido denunciado desde a década de trinta, ainda persiste.

Diante de todos os períodos decorridos, verifica-se que o fenômeno fracasso escolar se explica diante de classes sociais que vivem com as desigualdades sociais em um processo dinâmico das instituições escolares, em que se reproduz o insucesso tornando-se um problema nas escolas públicas brasileiras.

Para Nagel (2001), durante os anos noventa, as políticas educacionais, estiveram diretamente subjugadas aos interesses do capital estrangeiro, sob as determinações do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI), momento em que houve a reorganização da ideologia liberal de acumulação do capital, denominada de neoliberalismo. Para garantir sua soberania, este sistema utilizou-se, nas Diretrizes Educacionais, de palavras chaves como: desregulamentação, descentralização e flexibilização, as quais visavam estimular à autonomia, à liberdade, à independência, à iniciativa e à criatividade, desencadeando o esvaziamento de conteúdos da escola pública brasileira ou como afirma Nagel, o “caos” da educação brasileira.

Nessa perspectiva, o fracasso escolar conforme (Nagel 2001 p. 05) passaria a ser visto como “produto de professores mal qualificados”, não se levando em consideração qualquer outro tipo de comentário capaz de estabelecer uma relação entre concentração de renda e condições reais de aprendizagem. Em um estudo realizado por Angelucci et. al. (2004) sobre produções escritas, no período de 1991 a 2002, em mestrados e doutorados, na cidade de São Paulo, a respeito do fenômeno fracasso escolar – tanto nos cursos de Pedagogia e Psicologia das universidades, quanto nos da Fundação Carlos Chagas, – as autoras observaram, nas 71 obras selecionadas para análise, que o referido tema é compreendido como:

- Problema psíquico: A culpabilização das crianças e de seus pais (foco no aluno);
- Problema técnico: Culpabilização do professor (foco no professor);
- Questão institucional: A lógica excludente da educação escolar (foco na política pública como determinante do fracasso escolar);
- Questão política: Cultura escolar, cultura popular e relações de poder (foco nas relações de poder estabelecidas no interior da instituição escolar, mais especificamente na violência praticada pela escola ao estruturar-se com base na cultura dominante e não reconhecer – e, portanto, desvalorizar – a cultura popular).

No Brasil, tem-se discutido sobre a solução dos problemas da educação brasileira apontando-se, como único recurso, a sua resolução via Decreto. Nagel afirma que:

A escola não pode esperar por Reformas Legais para enfrentar a realidade que lhe afoga. Além do mais, a atitude de esperar “por decretos” [...] reflete o descompromisso de muitos e a responsabilidade de poucos com aquilo que deveria ser transformado. A escola tem uma vida interior que, sem ser alterada por códigos legislativos, pode trabalhar com o homem em nova dimensão, bastando para isso que seus membros se disponham a estabelecer um novo projeto de reflexão e ação (NAGEL, 1989, p.10).

Para estabelecer este projeto de reflexão e ação faz-se necessário, segundo a autora, estudos e aprofundamentos de todos, e de cada um, nas questões relativas à humanidade, à sociedade. “Repensar a sociedade exige que no mínimo se tenha conhecimento sobre ela” (op. cit. p. 10).

Assim, a ação pedagógica possível de contribuir com a qualidade mencionada seria respaldada, de acordo com a concepção de Saviani, numa pedagogia histórico-crítica, a qual implica:

Na clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como é preciso se posicionar diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual a direção que cabe imprimir à questão educacional (SAVIANI, 1991, p.103).

Neste sentido, a garantia de um padrão de qualidade em educação vai além da oferta de vagas, pois envolve a permanência e o sucesso dos que nela ingressam. E este sucesso numa perspectiva de educação histórico-crítica, fundamentada numa concepção materialista histórica-dialética, perpassa pela garantia de uma educação capaz de propiciar a aquisição de conhecimento científico, historicamente acumulado de forma crítica.

Portanto, se faz necessário dar importância à formação da cultura democrática e a potencialização de ações rumo à transformação desta sociedade extremamente

injusta, numa perspectiva de que o aluno se perceba enquanto parte desta sociedade que é contraditória, reconhecendo-se como homem sujeito.

Segundo Arroyo (2000), o tema do fracasso nunca abandonou a escola e o pensamento educacional brasileiro insiste em velhas concepções que o explicam como algo externo ao processo de ensino e a sua organização. Para este autor, o que preocupa não é a temática do fracasso, mas a forma como o mesmo continua sendo encarado. De acordo com este autor, abordagens como a da *Privação Cultural* (grifo do autor) e das carências sociais e nutricionais dos alunos e suas famílias, que resultaram em programas como o da *Educação Compensatória* (grifo do autor), ainda estão presentes entre nós. Tais abordagens, embora há muito tempo superadas no discurso, e mesmo entendendo-se hoje, que grande parte da fabricação do fracasso escolar está na própria escola, e em seus fatores *intraescolares*, o tema do fracasso ainda é tratado, segundo (Arroyo, 2000, p.12) como se “estivéssemos diante de uma epidemia, uma doença crônica que se impõe à nossa competência profissional e a nossa ousadia pedagógica. Esse caráter, do fracasso como algo externo ao processo de ensino e à sua organização, parece-nos um dos aspectos mais preocupantes”. Para Lüdke (2001, p.27), no nível fundamental do ensino “pode-se e deve-se (*sic*) esperar que o sucesso chegue a *todos* (grifo da autora) os alunos, já que é um direito de todos eles, como cidadãos, o que, infelizmente, ainda está longe de ocorrer entre nós”.

Autores como Lüdke (2001) e Perrenoud (2000) apontam a superação do discurso acerca do fracasso escolar, mas também de denunciar a sua presença nas escolas e entre os estudantes das camadas menos privilegiadas econômica e socialmente. Segundo afirma Lüdke (2001, p.30), “já avançamos bastante a partir da denúncia feita pelos sociólogos dos anos 70, que nos ensinaram como a escola e todos os sistemas educativos podem contribuir para a manutenção de um sistema social que interessa a grupos dominantes”. Para a autora:

já estamos bem convencidos do importante papel que a escola e o professor podem desempenhar no caminho da transformação social, sem nos iludirmos, entretanto, sobre o alcance limitado desse papel, ao lado do de outros fatores igualmente importantes e situados em esferas bem menos acessíveis (LÜDKE, 2001, p. 30).

Entretanto, a escola é vista como espaço de uma complexidade, já entendida por vários autores, onde suas atribuições aparecem sempre como sendo excludente, passando a ser entendida como espaço de tensões de diversas alternativas e como uma instituição que acolhe diversos papéis no meio social. Porém, ao iniciar o século XXI, percebe-se que a educação começa a superar os diferentes discursos sobre as causas do fracasso escolar.

Segundo Bossa (2002), a necessidade de avançar nos estudos sobre o que chama de sintoma fracasso escolar no Brasil pode destacar-se com base em várias perspectivas: O sofrimento que causa à criança; os prejuízos que representa ao país; a necessidade de rever a teoria e a prática psicanalítica diante da natureza desse sintoma; enfim, a necessidade de representá-lo à luz de paradigmas pós-modernos.

Segundo a autora supracitada, a tradição científica tem contribuído com conhecimentos fragmentários a respeito da concepção de homem e do processo de aprendizagem, e pouco tem contribuído para a compreensão do histórico fracasso escolar. Assim, alerta para a necessidade de ampliar a especialidade e a temporalidade do trabalho psicanalítico, bem como a importância atribuída ao sintoma. Este, por sua vez, na aprendizagem escolar, faz apelo ao psicanalista, a fim de considerar seus efeitos em face do universo sociocultural no qual é gerado. Sua especificidade coloca em crise conceitos centrais da teoria e interroga a prática. O trabalho analítico, teoricamente calçado, deve, entre outras coisas, levar-nos para além dos discursos ideológicos.

Segundo o pensamento de Bossa (2002), analisando esse sintoma do ponto de vista social, pode-se afirmar que, embora muito se tenha estudado e discutido os problemas da educação brasileira, o fracasso escolar ainda se impõe de forma alarmante e persistente. O sistema escolar ampliou o número de vagas, mas não desenvolveu uma ação que o tornasse eficiente e garantisse o cumprimento daquilo que se propõe, ou seja, o acesso à cidadania. A escola surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna, paradoxalmente acaba por produzir, na contemporaneidade, o insucesso de milhares de jovens. Na verdade, essa instituição está fundada em um ideal narcísico da humanidade e, como tal, está fadada no fracasso.

Para esta autora, vive-se em um país onde a distribuição do conhecimento como fonte de poder social é feita privilegiando alguns e discriminando outros. É necessário, portanto, buscar soluções para que a escola seja eficaz no sentido de

promover o conhecimento e, assim, vencer problemas cruciais e crônicos do sistema educacional brasileiro como: evasão escolar, aumento crescente de alunos com problemas de aprendizagem, formação precaríssima dos que conseguem concluir o ensino fundamental, desinteresse geral pelo trabalho escolar. Para tanto, é necessário superar os paradigmas científicos da modernidade e produzir conhecimentos que permitam maior compreensão desse fenômeno que desafia clínicas e preocupa educadores do mundo. A autora afirma que,

o fracasso escolar visto como um sintoma social da contemporaneidade transcende as instituições particulares no seio das quais foi estruturada a singularidade do sujeito psíquico e leva-nos a perguntar pela lógica inconsciente de nossa época, subjacente e fundante de um modo de ser que atravessa a história, todo o tecido social e todas as instituições (BOSSA, 2002, p. 26).

Percebe-se, que a falta de vontade política, consciência crítica e, principalmente, conhecimento científico e articulação de fatores existentes no ambiente escolar caracterizam o fracasso, visto como problema de aprendizagem, mas que não é produzido somente dentro da sala de aula.

1.1.2 Fatores determinantes do fracasso escolar

No entendimento de Lopes (2007), estudos recentes mostram que, atualmente, existem inúmeros fatores capazes de influenciar na aprendizagem e levar os alunos das séries iniciais do ensino fundamental ao fracasso escolar, tais como: a) de ordem psicológica, relativos aos aspectos cognitivos e de saúde do aluno; b) de ordem socioeconômica, e cultural, como as relações familiares, a fome, a desnutrição, as diferenças culturais, a linguagem etc. c) organizacionais da escola e de modo geral, das políticas sociais e educacionais. Para Thomaz (2002, p. 86), “há sempre um bode expiatório para o problema do fracasso escolar: a família, o professor da série anterior, o governo, a miséria, o desemprego, a fome, a desnutrição, os problemas de saúde, a promoção automática”.

1.1.3 Aspectos psicológicos

Segundo Aquino (1997), há discursos que apontam os distúrbios de aprendizagens como de origem psicológica, influenciados pelos fatores emocionais. Arelado à questão psicológica está outro fator determinante do fracasso escolar: a discriminação presente na sociedade, a qual rotula o aluno antes mesmo deste começar sua vida estudantil. Às vezes a própria família e os professores taxam a criança como “sem jeito” para os estudos.

Do ponto de vista socioeconômico e cultural, tem-se uma confluência de fatores relacionados à vivência do educando em família e na escola. No entendimento de Fontes (2004), certos professores no início do ano criam expectativas positivas ou negativas sobre os alunos, acabando por influenciar o seu desempenho escolar. Sem que se perceba, os professores agem com preconceitos, podendo afetar o rendimento do aluno julgado sem competência para aquisição de conhecimento. Geralmente, percebe-se o fracasso no final do ano escolar, momento em que se faz a análise dos que foram promovidos, dos evadidos e dos que foram reprovados. Esta análise deveria ser processual, proporcionando assim, recuperar o aluno que apresenta menor desempenho escolar. Nessa perspectiva, a avaliação formativa é essencial para o acompanhamento do desenvolvimento dos processos educativos.

Os resultados de uma pesquisa realizada por Nutti (2001) indicam que professores bem sucedidos na prática docente percebem que o fracasso escolar não é causado por fatores relacionados exclusivamente ao aluno. Nessa perspectiva, os professores não se restringem apenas a detectar o fracasso dos alunos, mas procurar suportes metodológicos para sua prática pedagógica e promover uma aprendizagem de qualidade sem contrariar com problemas psicológicos e/ou emocionais.

Kauark e Silva (2008), em seu trabalho sobre a atuação psicopedagógica sobre os problemas de aprendizagem, afirmam, mesmo adotando suporte teórico da Psicologia Histórico-Cultural, que os problemas de aprendizagem possuem como causa o comportamento e/ou problemas emocionais do aluno. Para eles, compete à escola, à família e aos profissionais especializados procederem ao diagnóstico desses problemas

nos alunos e a intervir, revendo as metodologias de ensino, considerando, também, a formação dos professores no referido processo. Nesse trabalho, mesmo que se perceba uma tendência a reconhecer o papel que a escola pode desempenhar na luta contra o fracasso escolar, ainda se observa uma grande ênfase nos fatores biológicos e emocionais do aluno como determinantes de seu desempenho escolar.

Portanto, as concepções psicopedagógicas estabelecem possibilidades pelas quais se verificam as condições do aluno quanto ao processo de evolução de maturação, que é determinado pelo fator biológico que levam a detectar o sintoma do fracasso escolar.

Ferreira (2008), também falando do ponto de vista da psicopedagogia, argumenta, em seu trabalho, que se faz importante analisar qual abordagem deve ser adotada para a compreensão do insucesso do aluno, mas ressalva que o maior problema se encontra na educação, no modo como as dificuldades de aprendizagem são tratadas. Ele apresenta duas visões psicopedagógicas diferentes, que indicam os possíveis causadores do fracasso escolar; a social/pedagógica que leva em consideração a sociedade, a escola e o aluno e a psicanalítica que enfatiza a história pessoal e familiar do sujeito. Conclui que as dificuldades de aprendizagem podem ter sua origem nos fatores internos (biológicos, cognitivos, afetivos ou emocionais) ou em fatores externos (socioeconômicos ou educacionais/pedagógicos) e que a psicopedagogia possibilita algumas respostas para determinadas dificuldades.

Assim, pode-se afirmar que os maiores problemas estão na educação e só serão resolvidos quando houver mudanças no próprio sistema educacional.

Em suas análises clínicas, Bossa (2002), declara que o trabalho clínico denuncia, todos os dias, testemunho dos sofrimentos gerados e vividos nos relacionamentos, especialmente os provenientes de aprendizagem escolar. O apelo desse sintoma na criança introduz no mundo das relações. Muitas crianças escolhem inconscientemente a área escolar para manifestar um sintoma. O apelo do não aprender tem na angústia o seu motor. Mobiliza, comove, traz à tona uma verdade, a verdade do sujeito. Para além das queixas, há o peso das tensões e interferências da dinâmica emocional inconsciente dos adultos que vivem à volta das crianças. Alicerçada sobre a ideia de indivíduo racional, a educação procurará obter domínio sobre o ser da criança. Conforme o autor, o conceito de inconsciente, segundo Freud aponta que algo do ser

sempre escapa a toda e qualquer tentativa de controle, atropela e ultrapassa o sujeito; este algo é constituído pelo imprevisto ao qual estamos sujeitos. Portanto, qualquer tentativa de coerção e domínio sobre o ser da criança terá sempre algo de malsucedido, mostrará algum mal-estar, algum fracasso.

Nessa perspectiva, o fracasso escolar, considerado como sintoma social, deve ser analisado quanto ao contexto individual, cultural e escolar do aluno, reconhecendo os obstáculos à aprendizagem, decorrentes dos fatores externos e internos da escola e do próprio sistema educacional.

Segundo Mannoni (1977), o ideal da educação organiza-se em torno de uma carência e aponta a dimensão do impossível. A educação é condicionada pelo ideal estabelecido de antemão pelo educador e só pode resultar em fracasso escolar e sofrimento para a criança.

Uma pesquisa pedagógica desde o início o ideal a atingir só pode desconhecer o que diz respeito à verdade do desejo (da criança e do adulto). Expulsa do sistema pedagógico, essa verdade retorna sobre a forma de sintoma e se exprimirá na delinquência, na loucura e nas diversas formas de inadaptção. (MANNONI, 1977, P.44)

Nesse sentido, a criança que faz fracassar esse ideal de educação é excluída do cotidiano escolar, apontando-se ao fato de que o conceito de criança escolar, de criança ideal, está dissolvendo-se no mundo atual, da mesma forma que os laços sociais na contemporaneidade indicam a diluição da função paterna.

A autora acima citada declara que a educação, por sua vez, é de suma importância para a entrada da criança na cultura, para que haja continuidade na transmissão do saber cultural. Os próprios limites e exigências impostos pela escola são necessários, posto que não há como escapar às renúncias impostas pela civilização. Educar sem proibições não possibilitaria a criança o acesso ao gozo; sem interdições, não poderia instaurar-se no desejo.

No entanto, não se pode ter uma educação perfeita, um controle total da criança, assim haverá algum fracasso, uma impossibilidade de realizações. Millot (1987), afirma que a psicanálise, com base em sua ética, pode fornecer alguns ensinamentos: ao educador, para que não abuse de seu papel e despenda-se do narcisismo, evitando colocar a criança no lugar de seu ideal; à educação, para que,

apoiada na ética psicanalítica, possa fazer uma crítica às ilusões mistificadoras dos ideais e renunciar à fantasia de domínio sobre o outro.

1.1.4 Fracasso escolar e diversidade cultural

O fracasso escolar tem sido uma temática importante para o campo dos estudos culturais. A relação entre fracasso e diversidade cultural tem sido pesquisada atualmente pelo campo curricular. Segundo Souza:

em várias partes do mundo, constata-se que crianças oriundas de grupos sociais, cultural ou etnicamente marginalizadas, têm um rendimento escolar inferior à média das crianças dos grupos culturalmente dominantes. [...] Nos casos de crianças migrantes ou filhos de migrantes, o fracasso se explica pelo fato delas não dominarem plenamente os códigos lingüísticos, simbólicos e comportamentais da cultura dominante da sociedade na qual estão inseridas. Porém, não são apenas os migrantes que estamos considerando aqui como culturalmente marginalizados. No Brasil, os negros, por exemplo, estão cultural e socialmente excluídos (SOUZA, 2000, p. 22).

Para este autor, as teorias racistas e a teoria da privação cultural ainda estão muito presentes nos dias atuais. Portanto, considerar os alunos e suas famílias culpadas foi e tem sido uma postura bastante comum. Vislumbra em seu estudo, a existência de outra vertente, a qual entende o fracasso escolar como uma forma de resistência, uma maneira dos estudantes pertencentes aos grupos marginalizados, tanto no campo social quanto cultural ou etnicamente, afirmarem sua diferença e sua identidade.

Garcia (1995) cita uma pesquisa realizada com jovens afro-americanos, cujo pesquisador, Michael Afolayan, chega a conclusão de que há uma resistência quanto ao processo de “domesticação” e inculcação aos estudantes, dos valores da “civilização ocidental, burguesa, branca e patriarcal.” E afirma:

As crianças, ao fracassarem, estariam resistindo ao processo de inculcação a que são submetidas na escola, e as que têm sucesso, seriam as ‘negras de alma branca’ ou que foram ‘embranquecendo’ para serem aceitas, e terem sucesso, na escola e fora dela. Muitas crianças e jovens, intuitivamente e inconscientemente, vão criando

formas de resistência ao processo de aculturação imposto pela escola, que lhes faz perder a sua identidade cultural própria. A resistência se pode verificar na indisciplina, no desinteresse, no absenteísmo, na agressividade, tão conhecidos das professoras e tão pouco estudados do ponto de vista da criança e do jovem (GARCIA, 1995, p.133)

O fracasso escolar vinculado à cultura passa a enfatizar a necessidade de se fomentar uma cultura de sucesso escolar, por meio do entendimento e do reconhecimento da complexidade e da diversidade da cultura brasileira. Sob o enfoque da diversidade cultural pode-se identificar no âmbito da escola, ações que poderiam levar à superação do fracasso escolar, considerando seus currículos e as novas formas de organizar os tempos e os espaços escolares.

A visão dos professores acerca da relação entre o aluno e o fracasso escolar vincula-se entre o meio social e o capital cultural. Observa-se que essa relação foi estudada e pesquisada por diversos autores, como Pierre Bourdieu (2005), que faz uma reflexão sobre deficiências culturais, cujo aluno que não apresenta um capital cultural considerado pela escola, não consegue atingir o nível exigido para cada ano de ensino, alegando que as crianças, oriundas das classes populares, são prejudicadas, uma vez que a escola determina uma cultura dissociada da realidade contextual do aluno, predominando a cultura das classes dominantes, desconsiderando e dificultando a aquisição da mesma, efetivando o fracasso escolar. “Contribuindo para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima.” (Bourdieu, 2005 p.58). Educadores observam que no dia a dia as questões sociais sentidas pelos professores se identificam ao meio social do aluno, o qual interfere de forma efetiva o fracasso escolar. Portanto, cultura e aprendizagem são faces inseparáveis na construção do processo ensino aprendizagem e decisivas nas comprovações dos resultados.

1.1.5 As implicações familiares no processo do fracasso escolar

De acordo com Benavente et. al. (1990), o processo de escolaridade é uma arte da ação educativa na qual há intervenção de vários intérpretes, cada um deles exercendo influência, de alguma maneira, nos seus resultados. Nessa perspectiva, traz a análise,

entre outros atores, as relações traçadas entre a escola e as famílias vista como meio de analisar e pôr em prática estratégias de transformação da realidade a partir dessas interações.

Para esta autora, uma análise nesse nível pressupõe levantar as representações formadas pelos alunos e por suas famílias acerca do professor, da escola e do ambiente de ensino-aprendizagem, assim como as sedimentadas nos professores e na escola a respeito dos alunos e suas famílias, refletidas na sua prática pedagógica.

Silva et all (2009), empreenderam um estudo no qual constataram haver atualmente no Brasil, um considerável número de debates a respeito do fracasso escolar. Dentre tais pesquisas destacam Polônia et all (2005) e Paro (2007) as quais constataam a influência da família na produção do sucesso escolar do aluno, e, por outro lado, como são apontadas como culpadas pelo fracasso escolar dos filhos, sendo uma impulsionadora do desinteresse escolar e da desvalorização da educação se ocorrer um distanciamento da mesma, da vida escolar de seus filhos. Venosa (2005) relata sobre a transformação do papel da mulher no século XX, acarretando sensíveis consequências no ambiente familiar. Ao serem assegurados os direitos da mulher, o convívio entre pais e filhos modificou-se. Com o auxílio da legislação, as responsabilidades foram divididas entre a família, a comunidade, a sociedade em geral e o Poder Público, como reza o artigo 4º da Lei nº 8.069, de 13.07.1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

Silva et all (2009) reporta-se a Malavazi (2000), ao afirmarem ter havido uma troca de papéis entre família e escola, ficando esta com normas de conduta das crianças, enquanto as famílias centram-se no ensino, gerando um conflito de atribuições.

Portanto, a escola, como espaço de possível apreensão do saber historicamente produzido e de desenvolvimento do indivíduo, não deve se transformar apenas em transmissora de conteúdos, mas desenvolver habilidades mentais necessárias à formação de um raciocínio flexível e criativo. Outra tarefa da escola no entendimento destas autoras é o reconhecimento da importância da cooperação dos pais na história e no projeto escolar dos filhos, assim como na transformação da sociedade.

Por outro lado, afirmam como principal papel dos pais, a socialização da criança, a sua inclusão no mundo cultural através da língua materna e das regras de

convivência em sociedade, assim como “a transmissão do equilíbrio emocional e afetivo para a formação humana das crianças” (Silva et al., 2009, p. 17)

Diante do contexto acima, deve-se reforçar que a família é o espaço que dá garantia a sobrevivência e desenvolvimento integral dos filhos, que propicia os aportes afetivos que favorecendo bem-estar de seus membros. É nesse espaço de formação que são acatados os valores éticos e humanitários, fundamentando, assim seu papel decisivo na educação formal e informal.

Segundo Paro in Silva et al. (2009) é necessário interligar a educação da escola com aquela dada pela família, pois a uma instituição precisa atrair a adesão dos seus usuários aos seus propósitos educacionais da escola, propiciando ações efetivas capazes de contribuir para o bom desempenho dos alunos. As autoras supracitadas afirmam que mesmo sendo vistos apenas como um ângulo do processo do fracasso escolar, a família e a escola não podem isentar-se de exercer importante papel nesse contexto.

Assim, a escola não pode prescindir da colaboração dos pais. Percebe-se que a participação democrática dos pais na escola, às vezes não acontece de forma espontânea, mas como resultado de um processo construído coletivamente, ou seja, com a chamada gestão democrática participativa. Deduz-se, então, que é dever da escola em prever instrumentos institucionais incentivadoras dessa participação.

Couto (2011) questiona a explicação encontrada para o fracasso escolar, relacionada aos conflitos familiares ou carências paternas, explicação muito utilizada pelos envolvidos com o lidar das crianças. Segundo esta autora, numa alusão aos estudos de Patto (1999), o fracasso escolar é comumente explicado como consequência dos conflitos familiares, tanto na escola, quanto em seu meio social, pelo fato de se buscar explicar tal fenômeno apenas pelo viés psíquico, o que leva à culpabilização das crianças, de seus pais ou do meio social no qual estão inseridos. Nessa perspectiva, pressupõe-se que o insucesso escolar decorre de problemas emocionais. No âmbito da psicologia clínica, as dificuldades de aprendizagem seriam consequências dos conflitos familiares e, por isso, manifestam-se em crianças advindas de famílias problemáticas. Segundo a mesma autora, este diagnóstico é mais conclusivo quando a criança apresenta condutas agressivas, imaturas ou nervosas. Na busca de compreender o fenômeno conhecido como família problemática, a autora empreendeu estudos sobre as produções no campo da psicologia escolar, da educação, da psicanálise, assim como na sociologia

da educação e da família, cujos argumentos apontavam para uma posição contrária à aceitação da família desajustada como causa do fracasso escolar.

Reportando-se aos estudos de Patto (1999), a autora apresenta resultados de pesquisas que demonstram uma predominância da responsabilização sobre o fracasso escolar nas camadas mais pobres do Brasil entre os anos 1970–1980, a partir do fenômeno explicado pela teoria da carência cultural³, compreendendo a pobreza como fato social natural, resultando em problemas psíquicos e físicos das crianças. Haveria uma inadequação familiar para estas crianças:

O ambiente familiar geralmente é descrito como pobre ou precário em termos das condições que oferece ao desenvolvimento psicológico da criança; barulhento, desorganizado, superpopuloso e austero são termos frequentes usados para qualificá-lo. Além disso, é constante a referência à falta de artefatos culturais e de estímulos perceptivos que favoreçam o desenvolvimento da prontidão para a aprendizagem escolar, destacando-se a pobreza e a desorganização dos estímulos sensoriais presentes. Outro capítulo importante deste mesmo tema – o ambiente familiar – tem sido a inadequação dos pais enquanto modelos adultos e enquanto provedores das necessidades cognitivas dos filhos. (PATTO, 1999, p. 260).

Couto (2011) mostra ainda, outros estudos que concluem haver ausência ou privação do apoio emocional às crianças de classes sociais menos favorecidas, gerando uma dificuldade no alcance das metas da educação formal, dificuldades reforçadas pela baixa autoestima, além do baixo autoconceito dessas crianças. Tais problemas também decorrem dessa inadequação no seio da família. Neste ponto de vista, a autora corrobora com o ponto de vista de Patto (1999), quando afirma que, visto sob esta ótica, o adulto responsável pela criança, se localizada nesse ambiente, é considerado prejudicial, por ser agressivo, relapso, desinteressado pelos filhos, inconstante, viciado e imoral, ou seja, psicologicamente não saudável.

Couto (2011) apresenta a esse respeito, outros estudos discordantes quando se trata da validade de conceitos e do conhecimento acumulado pelas populações consideradas carentes, organizados em três grupos:

³ Teoria brotada pela psicologia educacional dos Estados Unidos da América, nas décadas de 60 e 70 através da qual se explica o problema das desigualdades sociais e suas conseqüências para a escolarização (COUTO, 2011, p. 21).

Quanto ao próprio conceito de carência cultural e a caracterização da população carenciada, [...] quanto aos programas de educação compensatória e suas consequências segregativas; e, por fim, quanto aos pressupostos filosóficos e políticos que alicerçam o movimento educacional em direção a uma igualdade de oportunidades (COUTO, 2011, p. 23)

Esta autora analisa, a possível carência cultural percebida nesse meio social, cultural e familiar como mais um preconceito, desta, produzido no âmbito de pesquisas realizadas pelo BANCO MUNDIAL (1997), conforme o estudo a associação entre os melhores resultados escolares das crianças e maior nível de escolaridade dos adultos e com base na hipótese de que pais mais exigentes influenciam o desempenho das escolas, também recomendam a participação dos pais no processo educacional, uma vez que, os fatores familiares geram impacto sobre os resultados educacionais.

Assim como o desenvolvimento da criança dentro da sala de aula sofre impacto diante de tratamentos, muitas vezes inadequados, como por exemplo, a superproteção, a convivência familiar também é afetada, principalmente quando há diagnóstico relacionado a bloqueio, ao medo e à autoestima da criança.

Destaca Briggs (2002), que a criança pode ser prejudicada pelo tratamento que recebe em casa, seja ele permissivo demais ou autoritário demais. Deve haver um equilíbrio para que se mantenha a autoimagem. O excesso de críticas à criança influencia negativamente a sua autoimagem. Os pais, muitas vezes, ao exigir demais da criança acabam fazendo com que ela se sinta fracassada e a criança com acúmulo de repressão não tem muita energia para enfrentar os desafios da escola. Por outro lado, a permissividade e o excesso de proteção também são atitudes praticadas em casa que interferem de maneira negativa na aprendizagem. Se a criança não recebe em casa as instruções de como e porque se devem adotar determinados comportamentos, dificilmente terá condições de aceitar regras na escola e isso pode levá-la a não se adaptar ao ambiente. Nisso decorre a indisciplina é um assunto que tem provocado debates, pois seus reflexos são perceptíveis na escola e na sociedade.

[...] quanto pior for o comportamento da criança, mais ela será censurada, punida ou rejeitada [...] o mau comportamento crônico pode se basear numa visão deformada do eu, embora uma autoestima

precária não seja a única causa do mau comportamento (BRIGGS, 2002. p.29)

A criança para se defender do medo, da ansiedade, da insegurança ou para sua inadaptação ao meio, usa recursos defensivos que a ajudam a manter sua integridade. Quando a criança não se sente bem harmonizada ao meio, os reflexos são visíveis na aprendizagem, pois os desajustes entre os colegas, juntamente com a rejeição da família, contribuem drasticamente para a baixa autoestima. Assim, o fracasso pessoal concorre para o fracasso escolar.

2 A RELAÇÃO ENTRE O FRACASSO ESCOLAR/AMBIENTE FAMILIAR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

De acordo com Maria Helena de Souza Patto em seu texto “o estudo da arte da pesquisa sobre fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório” há a intenção de interpretar o fracasso escolar, como fator resultante, das dificuldades de aprendizagem que são concebidas como consequências de conflitos familiares geradores de perturbações de ordem afetiva manifestando-se em crianças oriundas de famílias problemáticas. Estabelecer o que se designa, mais precisamente, como família problemática é o foco dos estudos propostos pela autora na área de seu conhecimento em associar o fracasso escolar à família problemática.

Portanto, este capítulo tem por objetivo relacionar os diferentes discursos que explicam o fracasso escolar, enfatizando a participação familiar como um dos fatores primordiais para a erradicação desse fracasso, organizando propostas educacionais com a participação direta da família que vê na educação um futuro melhor para seus filhos.

Souza et all (2011) revela o quanto a escola tem sido questionada e como vem perpetuando ao longo do tempo e da tradição escolar as práticas culturais inerentes ao ato de ensinar e aprender ao observar a inquietação da escola em relação aos impasses sofridos por parte de diversos segmentos sociais. Quanto ao setor produtivo, principalmente dos gerados pelas famílias dos alunos, há o questionamento referente à

escola quanto ao cumprimento da sua função social por ser uma instituição de formação, especificamente no tocante da aprendizagem escolar, escola essa que desenvolve uma prática inclusiva no processo ensino-aprendizagem com objetivo de obter resultados positivos no meio socioeducacional.

Ao avaliar o problema de aprendizagem diagnóstica, temos de um lado as ideias comportamentalistas e de outro as cognitivistas. Para os comportamentalistas, a aprendizagem é resultado da mudança de comportamento. Já para os cognitivistas, o conhecimento é elaborado a partir das operações mentais realizadas pelo sujeito no processo subjetivo de interação com o espaço e o meio ambiente, destacando o meio familiar.

Partindo desse conceito, pode-se explicar que o fracasso escolar como consequências dos conflitos familiares é uma tendência muito presente nos discursos que circulam entre e além dos muros das escolas. A sociedade se articula com atitudes de selecionar a aprendizagem através da prática pedagógica do professor e o desejo dos pais no resultado positivo de seus filhos quanto à aprendizagem escolar.

A epidemia das dificuldades de aprendizagem projeta-se não só em problemas pedagógicos como também em problemas econômicos e sociais.

Vivemos numa sociedade competitiva, onde o diploma é sinônimo de salvo conduto e de sobrevivência social. O êxito escolar impõe como uma hiperexigência dos pais e, muitas vezes, como um meio de promoção profissional dos professores. A sociedade impõe à instituição escolar uma dimensão produtiva, onde a matéria-prima é a criança e o instrumento de produção, o professor. Ambos são vítimas de um sistema social que se exige transformar. (FONSECA, 1995, p. 241).

Diante das cobranças e da elevada demanda por parte do segmento social que a criança é burilada, pode-se perceber através das errôneas práticas político-pedagógicas uniformizadas e descontextualizadas contribuindo, assim para o fracasso escolar. As dificuldades de aprendizagem podem inferir no comportamento da criança, refletindo no jeito de brincar ou desenhar, na forma de pensar e sentir. A atitude da criança ou de qualquer pessoa reflete, enfim, sua graduação mental, o nível de desenvolvimento cognitivo e afetivo emocional.

Segundo Souza et al (2011) para identificar uma criança ou adolescente com problemas de aprendizagem deve-se atentar para alguns sintomas como: saber esforçar-se por aprender, mas não consegue, perde objetos frequentemente, é desorientada, atrapalha-se ao falar, coordena mal o movimento, tem proativas, sabe muita coisa, mas, não aprende a ler e escrever.

Percebe-se que entre esses desajustes gera a angústia que repercute no cotidiano escolar e no ambiente familiar, em que muitas das vezes a culpabilidade é atribuída aos professores, aos pais e até mesmo aos próprios alunos, resultando, no entanto na não aprendizagem.

O fracasso escolar da criança é segundo Benaventes et al (1982), antes de tudo, um insucesso social do adulto que precisa resolver seus problemas, quer nos aspectos político-educacionais, quer nos aspectos científico-pedagógicos. A prevenção de fracasso escolar poderá levar à diminuição de insucesso na vida adulta.

É notório que todos os aspectos da vida familiar estão diretamente relacionados ao sucesso escolar dos filhos. Portanto, é necessário articular a adaptação da criança, cultural e economicamente desfavorável ao processo ensino aprendizagem, de oferecer-lhes oportunidade de superar a inter-relação entre pobreza e desenvolvimento cognitivo na tentativa de superar as dificuldades de aprendizagem.

Nozaki et al (2003), estudando a relação de fracasso escolar e exclusão social constataram que, as famílias das crianças aprovadas constituíam-se de quatro a seis pessoas, essencialmente pai, mãe e filho(s), enquanto as famílias de crianças reprovadas variavam de dois a onze pessoas. Nessas famílias, a variação do número de membros encontrava-se diretamente relacionada à presença de parentes, além do núcleo familiar, tais como avós, tios, primos, dentre outros. Dessa forma, crianças oriundas de tais meios familiares, em sua grande maioria, fracassam na escola e, conseqüentemente, são excluídas socialmente.

Damiani (1999) observou que o risco de fracasso escolar entre filhos de famílias com renda mensal inferior a um salário mínimo era 2,9 vezes maior em relação àqueles com renda superior. O nível de escolaridade dos pais tem sido associado ao desempenho escolar dos filhos. “O risco de ocorrer fracasso escolar foi 2,3 vezes maior entre crianças com mães analfabetas ou com até dois anos de escolaridade”. (Damiani, 1999 p.21).

Em outro estudo, Carvalho (2004) constatou que a renda familiar parece estar associada a reforço escolar, oportunizando o fracasso escolar. No mesmo artigo, é relatado que alunos cuja renda familiar atingia até cinco salários mínimos compunham 36% do grupo de alunos indicados para reforço, apesar das crianças de diferentes faixas de renda estudarem sob as mesmas boas condições.

O tipo de trabalho realizado pelos pais de crianças aprovadas apresenta maior diversidade e maior qualificação profissional do que aqueles realizados pelos pais de crianças reprovadas. Enquanto que 70% das mães de crianças reprovadas trabalham fora, mais de 70% das mães de crianças aprovadas não trabalham (Nozaki et al 2004 p.348).

Assim, denota-se que a escola, geralmente é feita para crianças que já vivem em um clima favorável à aprendizagem. Na classe média ou alta, a criança tem acesso a materiais escolares para experimentar e, muitas vezes frequentam a pré-escola, aproximadamente desde dois ou três anos. Nos primeiros anos escolares, é provável que tenha melhor desempenho do que aquela que nunca viu uma caneta, nem manipulou um livro, por exemplo. Como também, a escolaridade dos pais que influenciam no desempenho escolar dos filhos, essas reflexões estão vinculadas às desigualdades sociais que acarretam o fracasso escolar.

Para Benavente (1976), a questão do insucesso escolar pressupõe a coexistência de inúmeros fatores que incluem as políticas educativas, as questões de aprendizagem, os conteúdos e mesmo a relação pedagógica que se estabelece. Contudo, a ênfase reside nas contradições que os alunos são incapazes de resolver, nomeadamente:

- i) entre a escola e a realidade em que vivem;
- ii) entre as aprendizagens exigidas pela escola e as que fazem na família e no meio social;
- iii) entre as aspirações, normas e valores da família e as exigidas pela escola;

Portanto, diante desses fatores, a relação família e escola é vista como mecanismo do processo de construção dessas situações de sobrevivência escolar, que muitas vezes propicia o sucesso e o insucesso na trajetória social e escolar.

2.1 A influência da família e da escola no processo de ensino aprendizagem

É no ambiente familiar e escolar que o sujeito se prepara de acordo com os padrões culturais e sócios históricos pré-definidos para atuar na sociedade. Nesse sentido, é interessante realizar um estudo sobre as influências da família no processo de aprendizagem e sobre como se dá ou não o processo de articulação escola e família, já que ambas constituem-se como referenciais fundamentais para a formação do educando e é nessa articulação que a educação acontece de forma insubstituível. É necessário que haja a aproximação desses dois contextos a partir de uma ação coletiva, que complete a ação, uma vez que tanto o contexto familiar quanto o contexto escolar apresentam aspectos positivos e negativos.

Quanto à análise em desempenho escolar feita por Dal'inga (2011), alguns elementos construtivos dessa noção: conhecimento, comportamento e família, a autora retoma as conclusões que contribuem para relacionar a participação da família com o desempenho escolar: Segundo Dal'inga (2011, p23-24).

1- *Família como responsável pelo desenvolvimento integral (e normal) das crianças*- Considerando a noção de criança que precisa (e deve) ser percebida como uns todos os professores referiam-se à família como responsável pelo desenvolvimento integral e em promover o desenvolvimento infantil e este último com aprendizagem, às professoras posicionavam a família como responsável pelo fracasso escolar.

2- *Mobilização do tempo família como sinônimo de mãe* – explorando as falas das professoras, foi observado um deslizamento do termo família para o termo mãe. Nas referências das professoras acerca da importância da participação da família no contexto escolar destacava-se que a função de acompanhamento do desempenho escolar de seus filhos era atributo da mulher-mãe, independentemente de sua condição de mulher trabalhadora. Como mãe ela era responsabilizada pelo fracasso escolar de filhos e filhas, o que implicava posicionar algumas mulheres-mães - neste caso, mulheres-mães pobres - como desviantes.

3-Investimento da escola na educação das famílias – considerando que a escola, enquanto instituição normalizadora investe em operações de classificação e valorização dos desvios, foi possível analisar, ainda, uma terceira questão: o modo como algumas famílias, principalmente das camadas populares, são posicionadas como alvo de práticas educativas e de controle sistemáticas.

Relacionados os sustentáculos formais da relação família/escola/educação, é importante pontuar segundo Dal'inga (2011) ainda alguns aspectos: em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a família, independente do modelo como se apresente, pode ser um espaço de afetividade e de segurança, mas também de medos, incertezas, rejeições, preconceitos e até de violência. Em segundo lugar, na relação família/educadores, um sujeito sempre espera algo do outro e para que isto de fato ocorra é preciso que exista a capacidade de construir coletivamente uma relação de diálogo mútuo, em que cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, mas também de escrita, no qual exista uma efetiva troca de saberes. A capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às ideias emitidas e a flexibilidade para receber ideias que podem ser diferentes das nossas.

Assim, é fundamental que se conheça os alunos e as famílias com as quais se lida, sobretudo que se conheça as dificuldades, seus planos, seus medos e anseios. Enfim, que características e particularidades marcam a trajetória de cada família e consequentemente, do educando a quem se atende. Essas informações são dados preciosos para que possamos avaliar o êxito das ações dos educadores, identificar demandas e construir propostas educacionais compatíveis com a nossa realidade. Atualmente, há a necessidade da escola estar em perfeita sintonia com a família. Uma depende da outra, na tentativa de atingir um grande objetivo, que é o melhor futuro para o filho e educando consequentemente para toda a sociedade. O que faz a diferença no processo ensino aprendizagem é o acompanhamento dos pais e o esforço comprometido dos professores que às vezes deixa a desejar. É perceptível a ausência dos pais, devido à correria do dia a dia não dão atenção mínima aos filhos, ocasionando, assim, a dificuldade da família em resolver problemas gerados pelos filhos tanto no cotidiano escolar como no meio social.

A parceria entre família e escola deveria partir dos professores, com ações que

visem aproximar os pais da referida instituição, conscientizando-os da importância do seu envolvimento na vida escolar de seus filhos, tornando-os responsáveis na sua missão de educador da formação básica dessas crianças e jovens no meio social. Essa postura resultará em crianças e jovens cientes de uma convivência inserida no seio familiar. Através dessa relação espera-se que os educadores possam tornar-se pessoas mais humanas, capazes de construir laços de afeto, considerando a família como base para qualquer ser. No entanto, percebe-se que a família está transferindo sua função social, em termos de formação dos filhos, para a escola. Com isso a própria escola às vezes chega a perder o seu foco e a família a sua função. Portanto, é necessário que seja bem analisada a relação família e escola quanto à influência no processo ensino aprendizagem, para que ambas possam se planejar, assumindo dessa forma o compromisso para com a educação de seus filhos e educandos.

Dal’Inga (2011), ressalta que na contemporaneidade, vemos se desenharem questões centrais para a análise da relação família-escola. A autora argumenta que, “no contexto da governabilidade neoliberal, a relação família-escola é reinscrita, ressignificada e reinventada, ganhando outros contornos”. Dal’Inga (2011, p.113). A família torna-se parceira da escola, passa a compartilhar responsabilidade para gerir a educação das crianças, diminuir a evasão e a repetência; fiscalizar o uso dos recursos; auxiliar na aprendizagem dos conteúdos, entre outras incumbências.

Outras funções atribuídas à família e à escola na contemporaneidade, segundo Dal’Inga (2011, p.111), é que enquanto a *aliança* entre família-escola pressupõe “uma distinção clara das responsabilidades, a parceria implica um compartilhamento de responsabilidades”. Sendo a família acionada como parceira da escola para garantir que a criança seja educada para entrar no jogo, permanecer no jogo e desejar permanecer no jogo - jogo esse entendido como processo de escolarização. Trata-se de uma parceria família-escola que envolve a identificação, o acompanhamento e o controle dos desempenhos - uma gestão dos processos escolares.

Na relação família-escola, Oliveira (2010), esclarece que, enquanto no enfoque sociológico a família é responsabilizada pela formação social e moral do indivíduo, no enfoque psicológico, ela é responsabilizada pela formação psicológica. A ideia de que família é referência de vida da criança- o *locus* afetivo e condição *sinequa non* de seu desenvolvimento posterior – será utilizada para manter certa ligação entre o rendimento

escolar do aluno e sua dinâmica familiar, colocando, a família no lugar de desqualificada. Nesse enfoque, as razões de ordem emocional e afetiva ganham um colorido permanente quanto ao entendimento da relação família-escola e da ocorrência do fracasso escolar. Nesse sentido, ganha status natural a crença de que “boa” dinâmica familiar é responsável pelo “bm” desempenho do aluno.

2.1.2 Abordagem sociológica da família

Com inúmeros conceitos e concepções de família e de nossa própria vivência familiar, entende-se família como um sistema inserido numa diversidade de contextos e constituído por pessoas que compartilham sentimentos e valores formando laços de interesse, solidariedade e reciprocidade, com especificidade e funcionamento próprios. Os conceitos podem ser diversos, mas um ponto comum é “que a união dos membros de uma família, com ou sem laços consanguíneos”, se dá a partir da intimidade, do respeito mútuo, da amizade, da troca e do enriquecimento em conjunto. (Simionato et al, 2003).

Diante de algumas transformações históricas da família, mudanças ocorreram na sociedade brasileira, destacando o século XXI com a família pós-moderna ou pluralista, como tem sido denominada, pelos tipos de convivência que apresenta. Peixoto e Cicchelli (2000) assinalam que nas últimas décadas falou-se muito a respeito da crise da família, numa alusão à baixa taxa de fecundidade, ao aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, à crescente proporção da população com mais de 60 anos. Os autores afirmam que o fator caracterizante desse processo a que se chama de crise, não é propriamente o enfraquecimento da instituição família, mas o surgimento de novos modelos familiares, de novas relações entre os sexos, numa perspectiva igualitária, mediante maior controle da natalidade, e a inserção massiva da mulher no mercado de trabalho, entre outros aspectos. Costa (1983) aponta que as famílias vêm, há tempos, vivendo conflitos internos e dificuldades socioeconômicas que conferem pouca credibilidade em seu poder de ação.

É notório que a família vem perdendo sua capacidade de cuidar da educação dos seus membros, tornando-se bastante dependente dos profissionais da educação. Há famílias que vivem em situações de risco, com doenças, desemprego, conflitos conjugais, dependência de drogas, distúrbios mentais, dentre outros, perdendo, assim o domínio perante seus dependentes familiares, tornando-se quanto adultos impossibilitados de acompanhar a educação dos filhos, chegando a influenciar no processo ensino aprendizagem acarretando o fracasso escolar das crianças e jovens.

Na estrutura familiar, as crianças são os membros mais vulneráveis às situações de conflitos no grupo e, neste sentido, estão mais expostas que os demais, justamente por não ter autonomia e capacidade de plena defesa. Com relação aos adolescentes, a situação é praticamente a mesma, com o agravante de que, muitas vezes, eles são depositários de expectativas e esperanças de ascensão do grupo familiar, sofrem com a frustração destas expectativas, tanto pelo contexto familiar de sobrevivência, como pelo contexto de possibilidades de inclusão social. Essa Inserção depende da formação educacional do ser a se tornar digno de seus direitos e deveres na sociedade.

São várias as concepções, mas que não se diferem dentre a dos outros autores como Elsen et al (2002) e de Peixoto et al (2000), para estes, a família é entendida como unidade social bastante complexa, como um sistema articulado de valores, crenças, conhecimentos e práticas, como espaço físico e psicológico relevante ao processo de socialização e humanização de seus membros. A partir das concepções de família em que se define e caracteriza sua complexidade nos aspectos psicológicos e sociológicos é que se constitui a formação familiar, considerando, portanto, as diferenças sociais para que as famílias se tornem autônomas diante dessas mudanças entre grupos.

Nogueira (2005), em seu estudo sobre a relação família escola na contemporaneidade, esclarece que um extenso olhar sociológico no processo dos objetos de conhecimento e dos métodos investigativos da sociologia da educação deram novos enfoques às práticas pedagógicas cotidianas, enfatizando os estabelecimentos de ensino, a sala de aula o currículo, a família, surgindo assim, um novo campo de estudo que se destinam as trajetórias escolares dos indivíduos e das estratégias utilizadas pelas famílias nos percursos escolares.

O funcionamento e as orientações familiares concretizam-se a partir de uma determinada medição, de um lado a posição da família na estratificação social e, de outro, os anseios, os procedimentos educativos e a relação com o nível de escolaridade dos filhos. Surge assim, um novo contexto social, resultando através das mudanças ocorridas tanto no âmbito familiar quanto na esfera dos processos escolares. Entretanto, o que se deve enfatizar é a importância da ligação entre essas duas instituições, família e escola, especificando suas funções de formação, reconhecendo a estima e necessária parceria que fortaleça os processos educacionais e sociais.

Além do ponto de vista pedagógico, esse novo ideário vem encontrando afirmações no plano das políticas educacionais que por diversas formas passam a recomendar e incentivar a compreensão, interligação e a parceria entre família e escola. Portanto, as políticas de participação e democratização são postas em prática, assim as instituições de ensino vem dando às famílias espaços com possibilidades de intervir nas decisões e até mesmo no funcionamento do referido estabelecimento. Portanto, modificações surgidas nas estruturas, nos modos de vida familiar e nas estruturas e processos escolares devem se unir para dar origem a um sistema de influências recíprocas entre família e escola.

2.1.3 Os processos de socialização escolar e os desafios da família

No ponto de vista de Ramos (2010), para compreender os desafios da família diante dos processos de socialização escolar na conjuntura atual, é necessário compreender a evolução e o desenvolvimento dessa instituição que há séculos compõem a nossa sociedade. O autor enfatiza que as diversas mudanças pelas quais a estrutura familiar vem passando dificultam a relação da comunidade com a escola. São diversas as mudanças, sobretudo no campo externo, mas que influenciam direto ou indiretamente na relação família escola. As mais evidentes são o aumento do número de divórcios, o aumento das relações sexuais fora do casamento, o baixo capital cultural, a presença da mulher no mercado de trabalho, o decréscimo da conduta religiosa, o individualismo e a liberdade dos filhos diante dos pais, a grande falta de respeito com a autoridade dos pais

entre outras.

A família é constituída, conforme Ramos (2010), por uma constelação de pessoas interdependentes girando em torno de um eixo comum. Seja qual for a sua configuração, as estruturas familiares reproduzem as dinâmicas sócio-históricas existentes. Cada família repassa à criança aquilo que sua realidade oferece. Pode ocorrer um organizado processo de socialização, como também esse processo não ser desenvolvido, gerando então alguns desafios enfrentados pela atual família. Os desafios pelos quais se depara hoje a família na socialização escolar são influenciados por essa nova concepção de sua estrutura.

As relações de gênero e geração, por sua vez, modificam os referenciais de socialização, principalmente nas famílias mais favorecidas. Segundo a análise de Morrish (1975), os pais tendem a esquecer as atitudes que (não permissivas/tradicionais) foram fundamentais para sua educação, o que é em grande parte, objeto de crítica e ressentimento na criação dos filhos. Os pais tornam-se inseguros para decidir o que é melhor para os filhos, ocasionando um conflito entre o idealismo do jovem e o realismo tradicional do adulto. Outro desafio a enfrentar é que hoje o tempo destinado à convivência é mais escasso, seja pela maior jornada de trabalho, em razão das necessidades econômicas, seja pela solicitação de atividades externas exercidas individualmente ou com grupos extrafamiliares.

Ademais, transformações profundas na sociedade contemporânea, relativas à economia e à organização social, apontam para uma revolução na área de reprodução humana, mudanças de valores e liberalização de hábitos e costumes. Segundo Mioto (2000, p.217), essas transformações “desencadearam um processo de fragilização dos vínculos familiares, o que deixou as famílias mais vulneráveis, tornando-se outro desafio à socialização”.

Para Mioto (2000 p. 221), “o terreno sobre o qual se movimenta a família não é o da estabilidade, mas sim do conflito e da contradição”. As relações são profundamente marcadas pelas contradições entre as expectativas que a sociedade tem e as possibilidades objetivas de realização. Essa situação é condicionada tanto pela organização econômica e social da distribuição dos recursos quanto pela coexistência de modelos culturais (valores, normas, papéis) reciprocamente contraditórios.

Diante dessas teorias contextualizadas, constata-se as consequências

negativas para a socialização das crianças no âmbito escolar. Os problemas mais notáveis entre os alunos são o baixo rendimento escolar, comportamento social coletivo inadequado; falta de concentração; pouco interesse pelos estudos que permeia assim, o fracasso escolar.

A participação da família na escola é uma função de responsabilidade, mas torna-se hoje um desafio diante das alterações estruturais pelas quais a família vem passando. As famílias esforçam-se na medida do possível, porém alguns pais ainda estão distantes da cultura escolar dos filhos, tornando-se complexa a integração da comunidade na escola. A instituição em si não precisa atuar sozinha, já que a *parceria* é relevante no desenvolvimento socioeducacional das crianças e jovens. Essa participação aumentaria o rendimento escolar, melhoraria o comportamento social, desenvolveria as habilidades e facilitaria a aquisição das normas e dos valores necessários à vida educacional dos alunos.

Portanto, ao socializar-se, a criança se desenvolve sócio psicologicamente, assimilando sua cultura ao meio social. A escola contribui através dos princípios éticos e morais e dos modelos de aprendizagem para o melhor convívio social da criança como também a família com a sua organização social, pois vivemos uma realidade social repleta de desafios.

A interdependência e a influência recíproca entre família e escola sofrem transformações por um lado quanto às estruturas e os modos de vida familiar e por outro, quanto às instituições e aos processos escolares. Diante desses fatores, estudam-se as dinâmicas intrafamiliares e as estratégias educativas relacionadas aos capitais familiares, temática essa que resume o pertencimento social e as dimensões da realidade escolar dos indivíduos.

Só numa relação de parceria entre família e escola, independente da classe social, é que se consegue uma participação dos pais. A escola como promotora dessa participação, precisa antes de tudo, conhecer um pouco das famílias, observando seus comportamentos e atitudes, e, através da compreensão e do respeito, procurar estratégias adequadas às necessidades da família sem descriminá-las com critérios sociais de classe, ou como nos alerta Zago:

Nas camadas populares, a relação com a escola é heterogêneas com frequência contraditória, ou seja, apesar do discurso marcadamente

pró-escola, não assimilam subjetivamente, como uma disposição real para os estudos, adotando comportamentos que podem ser caracterizados de contra cultura escolar. (ZAGO, 2010 p.30)

De acordo com a definição da autora acima, a família na relação com a escola participa da construção do sucesso escolar de diferentes maneiras. Suas ações podem contribuir ou não para a permanência duradora do filho na escola. Alguns pais apresentam uma postura contrária à escola, não estimulando o estudo dos seus filhos. Outros, entretanto, criam a expectativa de satisfazerem seus desejos educacionais não alcançados e de superar a condição social em que vivem, para isso, transmitem conselhos, valores e costumes familiares em relação aos estudos, que nem sempre são apreendidos pelos filhos que em alguns casos, acabam apresentando comportamento de resistência à escola.

De acordo com Libâneo (2000, p.85) “A pedagogia familiar não deve estar desarticulada da pedagogia escolar”. As ações educativas sejam na escola, na família ou em outro ambiente não acontece isoladamente, uma influencia a outra implícita ou explicitamente e se procederem de forma desarticulada pode levar ao fracasso escolar do aluno, principalmente quando este pertence a uma classe economicamente baixa, tendo uma educação familiar diferente da educação escolar.

As famílias ocupam papel importante na vida escolar dos filhos, e esta realidade não pode ser desconsiderada, pois conscientes que intencionalmente ou não, influenciam no comportamento escolar dos mesmos. Muitas, infelizmente, influenciam negativamente, seja por questões econômicas, pessoais, de relacionamento, de amadurecimento dos pais ou separação.

Lahire (1997, p.17) afirma que:

[...] a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependências com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros da família. [...]. Suas ações são reações que “se apoiam” relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela.

Por outro lado, os comportamentos escolares não se reduzem às influências do ambiente familiar, o aluno participa nas interações sociais seja, no bairro, na escola ou

na família entre outros, devendo haver uma articulação da realidade cultural e socioeconômica do sujeito com a realidade sociocultural mais ampla, pois a aprendizagem no sentido amplo ocorre durante toda a vida da criança. Independente do ambiente em que se encontra o aprender abrange aspecto de nossa vida afetiva e valores culturais. Nesse sentido, deve a família participar efetivamente desse processo de aprendizagem, com o intuito de facilitar a prática escolar.

Muitas famílias trabalhadoras não têm condições de acompanhar o processo de aprendizagem dos filhos. Portanto, está o papel da escola em abrir as portas, apontando outras saídas para as famílias participarem, de alguma maneira, no processo educativo dos filhos. O que não se pode é conceber essa desarticulação, uma vez que a família, como instituição, tem o papel de reprodução social, no contexto econômico, cultural, social em que se insere, transmitindo herança cultural de geração a geração. E ainda

o capital cultural transmitido pela mãe constitui elemento significativo no processo de reprodução social da família que tem na escolarização dos seus filhos, um recurso importante para promover relativa mobilidade social deles e, indiretamente, da própria unidade doméstica (ROMANELLI, 2010, P. 120)

Partindo da definição do autor, na relação mãe/filhos, essa transmissão se dá de forma mais efetiva, através do diálogo e não da imposição. Contudo, não se deve desconsiderar a importância do pai no processo de escolarização, pois há uma relação de afeto, mesmo que algumas vezes seja de modo diferente. É do pai também a função orientar seus filhos para que não cometam os mesmos erros que ele cometeu. Nesse sentido, muitas vezes termina impondo sua decisão aos filhos.

A reprodução social da família não envolve apenas a transmissão de diferentes tipos de capital, que se prolonga com o aumento da escolaridade, incluindo auxílio muitas vezes material que se dá de forma direta e indireta e através de estratégias específicas que se referem à estrutura da família. Dentre as estratégias de reprodução social encontram as escolares, que se referem ao investimento feito pelos pais para encaminhar os filhos às escolas e cursos adequados à manutenção e ampliação da posição social. Portanto, é importante avaliar as condições de transmissão do capital cultural e escolar da unidade doméstica. É o que esclarece Lahire, (1997, P.338):

Construir os dispositivos familiares que possibilitariam “transmitir” alguns de seus conhecimentos ou algumas de suas disposições escolarmente rentáveis, de maneira regular, contínua e sistemática. É por essa razão que, com capital cultural equivalente, dois contextos familiares podem produzir situações escolares muito diferentes.

Lahire mostra ainda que o sucesso e o fracasso escolar são encontrados tanto no modo como no seio de uma configuração social específica, onde os indivíduos vivem em relação de interdependência e adquirem diversos tipos de capitais. O conceito de configuração social, centrado na reflexão de Lahire (1997, p.39-40), “consiste no conjunto dos elos que constituem uma parte (mais ou menos grande) de realidade social concebida como uma rede de relações de interdependência humana”.

Sociólogos da família e sociólogos da educação vêm discutindo, nos últimos anos, sobre a necessidade com a qual se defrontam as famílias contemporâneas, de instrumentalizar seus filhos para as diferentes situações de competições que estes deverão enfrentar na vida, enfatizando, dentre elas, a competição pelo capital escolar, cuja importância na determinação do destino ocupacional e da posição social do indivíduo, é cada vez maior.

Percebe-se que os pais, atualmente, enfrentam os desafios do mundo moderno, mas não deixam de se preocupar com o futuro dos filhos, procurando orientá-los e conscientizá-los da necessidade de ter o conhecimento para sobreviver no meio social, onde a luta por uma profissão digna e por uma boa qualidade de vida está cada vez mais difícil, pois bebemos na fonte de um sistema capitalista.

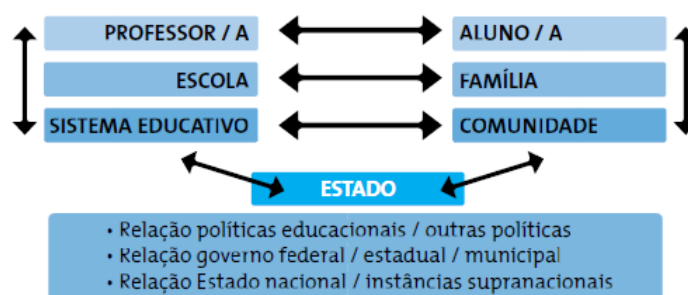
3 RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E PRÁTICA DOCENTE

A família representa uma grande aliada para que o aluno compreenda a importância da educação na sua vida presente e futura, porém o professor sente a necessidade de apoio e passa atribuir à família uma responsabilidade que muitas vezes, é da escola. Instala-se um mecanismo de defesa, o que geraria uma barreira entre escola e a família, justificando o fracasso escolar pela ausência da parceria familiar. A família

pode ser parceira da escola, mas não a responsável pelo o que a escola desenvolve, sem confundir suas funções, pois essa parceria deveria intervir no desenvolvimento das funções cognitivas dos alunos, através do acompanhamento de práticas pedagógicas adequadas percebendo a instituição escolar como um espaço para apropriação de novos conhecimentos e comportamentos requeridos na dinâmica no meio social. Enquanto os professores no dia a dia em sala de aula atribuem a causa do fracasso escolar ao descompromisso da família em não contribuir com a aprendizagem dos alunos, os pais acreditam que o fracasso escolar é consequência de uma ação docente fragilizada. Diante dessas diferentes concepções que se insere na instituição escolar percebe-se a necessidade de uma formação docente comprometida com uma reflexão do professor em desenvolver ações de combate ao fracasso escolar. Contudo, para a concretização dessa visão, caberá ao professor perceber que é membro integrante desse processo, assumindo seu papel com esforço e dedicação, somando seu empenho com o compromisso social da sua instituição além de conta com uma satisfatória formação da estrutura familiar.

Segundo Regattieri et all (2009 p.56), as redes de ensino precisam apoiar as escolas para que “aposentem gradualmente o discurso da família desestruturada como disfunção a ser tratada” e comecem a construir nas escolas competências para discernir situações de negligência e vulnerabilidade socioeconômica que precisam ser encaminhadas, de arranjos familiares pouco usuais. O fundamental é que a escola consiga integrar ao seu planejamento um saber sobre: quais grupos familiares são capazes de cumprir bem a função de pátrio poder (e isso não depende apenas da condição socioeconômica) e quais grupos familiares são capazes de dar suporte à vida escolar dos filhos. A inclusão dos saberes mais aprofundados sobre o aluno e seu contexto social no planejamento do trabalho pedagógico é especialmente importante, pois, sem mudanças na cultura escolar e em suas práticas, todo esse esforço pode se perder no meio do caminho e não beneficiar de fato os alunos.

De acordo com as autoras supracitadas, é recomendável optar por uma abordagem relacional entre educação e contexto social. Sempre com foco nos processos de ensino-aprendizagem, enxergamos as relações professor-aluno em uma perspectiva ampliada que considera a cadeia de relações que está por trás e entre esses dois atores, conforme sugere o esquema seguinte:



Fonte: Néstor López et ali, 2009.

Figura 1- Relação entre Educação e Contexto Social.

Pode-se dizer que a relação entre escola e família está presente, de forma compulsória, desde o momento em que a criança é matriculada no estabelecimento de ensino. De maneira direta ou indireta, essa relação continua viva e atuante na intimidade da sala de aula. Assim, sempre que a escola se perguntar o que fazer para apoiar os professores na relação com os alunos, provavelmente surgirá a necessidade de alguma interação com as famílias. Nesta corrente, cabe aos sistemas de ensino o estabelecimento de programas e políticas que ajudem as escolas a interagir com as famílias, apoiando assim o processo desenvolvido pelos professores junto aos alunos.

Conforme López (2009), o conhecimento das condições de vida das crianças e adolescentes em idade de escolarização obrigatória pode dar origem a ações interligadas em dois níveis:

1. A revisão dos projetos e práticas educacionais, pensando na diversidade dos alunos e não apenas no aluno esperado;
2. A convocação de novos atores e a articulação das políticas educacionais com políticas setoriais capazes de apoiar as famílias dos alunos para que elas possam exercer suas funções.

3.1 O papel dos pais na escolarização dos filhos

Além de representantes dos filhos, os familiares têm sido estimulados – inclusive pela legislação educacional – a interagir com os profissionais da educação

também como cidadãos que compõem a esfera pública da instituição escolar. A participação em conselhos escolares (ou associações de pais e mestres), em conselhos do Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação), conselhos de merenda etc. É parte desta tarefa de representação da sociedade civil e de controle social. Essa dupla função – representante do filho e representante da comunidade – torna mais complexa a delimitação dos lugares reservados aos pais e mães na escola, mas abre possibilidades importantes de exercício democrático de participação que podem beneficiar a todos.

Quando falamos em interação, pensamos em atores distintos que apresentam algum grau de reciprocidade e de abertura para o diálogo. Nessa perspectiva, é importante identificar e negociar, em cada contexto, os papéis que vão ser desempenhados e as responsabilidades específicas entre escolas e famílias. Por exemplo, considera-se que o ensino é uma atribuição prioritariamente da escola, esta, porém, divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz. Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais. A escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta. Assim como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias mais vulneráveis aquilo que elas não têm para dar.

Segundo Carvalho (2000), apesar da família ser apontada como uma das variáveis responsáveis pelo fracasso escolar do aluno, a sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável. A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade.

Nesse aspecto, quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas.

De acordo com Polônia et all (2005) em seu artigo - Em busca de uma compreensão das relações entre família escola - as relações entre a família e a escola apresentam padrões e formas de interação bem peculiares que precisam ser identificadas, apreendidas e analisadas como intuito de propiciar uma melhor compreensão não só dos aspectos gerais da integração entre ambos como também daqueles mais peculiares a cada ambiente. Conforme a tipologia proposta por Epstein engloba cinco tipos de envolvimento entre os contextos familiar e escolar.

Tipo 1. *Obrigações essenciais dos pais*. Reflete as ações e atitudes da família ligadas ao desenvolvimento integral da criança e à promoção da saúde, proteção e repertórios evolutivos. Além da capacidade de atender às demandas da criança, considerando sua etapa de desenvolvimento para inserção na escolarização formal, é tarefa da família criar um ambiente propício para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento sistemático e orientações contínuas em relação aos hábitos de estudos e às tarefas escolares.

Tipo 2. *Obrigações essenciais da escola*. Retrata as diferentes formas e estratégias adotadas pela escola com o intuito de apresentar e discutir os tipos de programas existentes na escola bem como evidenciar os progressos da criança, em diferentes níveis, para os pais ou responsáveis. As formas de comunicação da escola com a família variam, incluindo desde mensagens, jornais, livretos, convites e boletins até observações na agenda do aluno. A explicitação das normas adotadas, do funcionamento geral da escola, dos métodos de ensino e de avaliação e a abertura de espaços, onde os pais possam participar ativamente e dar suas opiniões sobre estes temas, é estratégica.

Tipo 3. *Envolvimento dos pais em atividades de colaboração, na escola*. Refere-se à forma como os pais trabalham com a equipe da direção no que concerne ao funcionamento da escola como um todo, isto é, em programações, reuniões, gincanas, eventos culturais, atividades extracurriculares e etc. Este tipo de envolvimento visa auxiliar professores, orientadores, psicólogos, coordenadores e apoio pedagógico em suas atividades específicas, quer mediante ajuda direta, em sala de aula, quer na preparação de atividades ligadas às festas ou desfiles.

Tipo 4. *Envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento escolar, em casa*. Caracteriza-se pelo emprego de mecanismos e

estratégias que os pais utilizam para acompanhar as tarefas escolares, agindo como tutores, monitores e/ou mediadores, atuando de forma independente ou sob a orientação do professor.

Tipo 5. *Envolvimento dos pais no projeto político da escola.* Reflete a participação efetiva dos pais na tomada de decisão quanto às metas e aos projetos da escola. Retrata os diferentes tipos de organização, desde o estabelecimento do colegiado e da associação de pais e mestres até intervenções na política local e regional.

No entanto, cada escola em conjunto com os pais, devem envolver-se nas tomadas de decisões, encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores enfim, de todos os que fazem a instituição escolar para que possam fortalecer uma parceria a fim de tornar-se o crescimento no envolvimento dos segmentos quanto ao aspecto socioeducativo.

A autora Polônia et al (2005) relata sobre as percepções de pais e professores sobre o envolvimento da família com a escola, fatores que dificultam a aproximação entre pais e professores, dentre eles, as barreiras culturais, especialmente quando a escola não as considera como elo importante nesta cadeia. Portanto, é necessário que professores, diretores e outros segmentos da escola desenvolvam habilidades e ações que explorem os diferentes níveis de experiências, conhecimento e oportunidades dos pais, visando uma implementação mais efetiva do envolvimento família escola. Para isto, a percepção que os professores possuem da família como agente educativo desempenha papel preponderante no processo ensino aprendizagem.

Para estabelecer uma relação efetiva entre pais e escola é necessário que os professores aceitem a responsabilidade de se comunicarem de forma clara, simples e compreensível com os pais. Além disso, percebam que o sucesso da parceria pais-professores está interligado à compreensão das diferentes questões que os envolvem na ação educativa, com respeito ao aluno e sua história escolar. Considerando ainda, que a pais e educadores têm uma relativa igualdade no impacto sobre a criança, o que leva pais e educadores serem honestos uns com os outros, emergindo daí um grande envolvimento ao criar e estabelecer um âmbito de aprendizagem que leve em conta a complexa formação do ser. Todos estes aspectos são relevantes quando visam o seu bem estar e o seu desenvolvimento.

3.1.2 Considerações do olhar docente sobre o fracasso escolar

Questões como reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar, quase sempre, são associadas ao fracasso escolar, no intuito de se explicar o fenômeno e apresentar intervenções que superem tal quadro. Agora, surge outra inquietação, nesta pesquisa, firmada em como essas realidades são compreendidas na perspectiva do trabalho dos professores que lidam com os sucessos e insucessos dos educando.

Mergulhando no contexto escolar percebe-se o significado conotativo do fracasso escolar e o valor desagradável, principalmente relacionado às experiências de fracasso vividas no seio da escola e que para muitos deixam marcas profundas. O que se evidencia nas últimas décadas é um decréscimo do papel formador em meio a uma crise política e socioeducacional, uma vez que, a escola tenciona a produzir o sucesso através do ensino e aprendizagem.

O descontentamento que transcorre através de posturas docentes e discentes vivenciada no cotidiano escolar leva a condensar o termo fracasso escolar. Pensar o fracasso escolar é pensar também, em reprovação, que segundo Torres (2004, p.34), é “a solução interna que o sistema escolar encontra para lidar com o problema da não aprendizagem ou da má qualidade de tal aprendizagem”, entre outros significados que nomeia o termo fracasso.

Um aspecto pertinente a ser destacado quanto à questão do fracasso escolar é a escola classificar os alunos em bons e maus a partir do desempenho escolar quanto ao seu rendimento, em que a avaliação é vista como uma vertente em que se leva a entender o fracasso escolar. Assim, o aluno é considerado fracassado quando é incapaz de dar resultados positivos a sua referência de reprodução quanto o que produziu ou construiu ao longo do processo ensino aprendizagem. Assim, a nota parece referendar o coeficiente intelectual do que fora aprendido, ou não, sendo o educando o referencial a promover o fracasso no sistema em que está inserido, professores usam de estratégias e meios com moldes tradicionais para avaliá-los.

Assim, o trabalho docente deve investir na compreensão do que realmente é interessante para o aluno, nas distintas formas de organização da sala de aula, valendo-

se de metodologias inovadoras nas quais incentivem os alunos a participarem ativamente do processo ensino aprendizagem e na avaliação do seu rendimento. Esse trabalho deve ser ofertado com tempo disponível, com acompanhamento e disposição dos professores. Quanto ao aspecto docente de organização do trabalho pedagógico e formação continuada, o planejamento e a organização das atividades do professor são condições essenciais para o sucesso educacional dos educadores e educandos, uma vez que

[...] é preciso que os alunos com maior risco de fracasso escolar tenham “experiência do êxito escolar” [...] a história escolar dos alunos que não terminam a educação obrigatória ou a abandonam prematuramente está cheia de experiências frustrantes, de falta de confiança, de experiências negativas, de baixa autoestima, de sensação de impossibilidade, de antecipação do próprio fracasso. É preciso romper essa dinâmica e propiciar que o aluno tenha experiências positivas que melhorem sua autoestima e que o revigorem para manter o esforço em tarefas posteriores. Para isso, é necessário que o professor ajuste a tarefa às possibilidades de cada um e mantenha expectativas positivas para a aprendizagem de todos os seus alunos (MARCHESI & PEREZ 2004, p.32.).

Segundo os próprios autores, o interesse dos alunos para com a aprendizagem se dá através da participação no cotidiano de sua vida escolar, na manutenção de vínculos como forma de minimizar o insucesso escolar. Com a desmotivação no aprendizado, a maioria dos alunos procura viver fora do convívio escolar e se desprendem da aprendizagem, comprometendo a sua formação educacional num todo.

Perrenoud em seu livro *Construir as Competências desde a Escola* faz a seguinte pergunta: Efeito da moda ou resposta decisiva ao fracasso escolar?

E acrescenta:

O desafio de uma reforma do sistema educacional só será maior se ela beneficiar, prioritariamente, os alunos que fracassam na escola. Pode-se visar a uma modernização, a uma descentralização ou a uma profissionalização maior do ofício de docente. (PERRENOUD, 1999, p.71)

Para o autor, o principal problema da escola, que resiste às sucessivas reformas é a dificuldade em instruir jovens, em que eles alcancem, ao chegar à idade adulta, um

nível aceitável de cultural e competência. Assim, os autores chegam a um questionamento - a questão de saber se o fracasso escolar é o fracasso do aluno ou o da escola.

O autor, ainda faz abordagem quanto às competências acreditando que se deve relacionar a vários outros componentes do sistema educacional tais como: reconstruir a transformação da didática; atenuar as divisões disciplinares; romper o currículo fechado; criar novas formas de avaliar; reconhecer o fracasso, ou seja, a escola seleciona e fabrica fracasso, com frequência, de maneira a esconder seu próprio fracasso.

O desafio de diferenciar o ensino, portanto, está em reunir, frente a uma mesma situação de aprendizado, alunos de níveis diferentes, sem que isso favoreça, sistematicamente, os favorecidos; transformar a formação dos docentes, pois para muitos, a abordagem de competência, não “diz nada”, nem sua formação profissional, nem sua maneira de dar aula predispõem-nos para isso. Assim, deve-se romper com o círculo vicioso, uma vez que, caso não aconteçam mudanças, tudo só levará a produção do fracasso escolar.

Nesse aspecto, propõe assim, uma pedagogia diferenciada, pois se trata de uma proposta politicamente correta, que visa atender às diferenças sociais e culturais, dentro de uma trajetória educacional, onde as individualizações precisam ser consideradas.

Perrenoud enfatiza que:

A individualização dos percursos não é um fim em si. É uma consequência lógica de uma concepção coerente e ambiciosa da pedagogia diferenciada. Diferenciar consiste em propor a cada um, situações de aprendizagem ótima em vista de sua progressão para os objetivos. Como os alunos são diferentes, convém propor-lhe situações de aprendizagem diferentes, não só às vezes, mas sempre que isso for pertinente (PERRENOUD, 2004, p.104).

Nessa concepção, o autor, sugere que as novas pedagogias programem dispositivos que favoreçam ativamente os desfavorecidos, pois operando a partir de parâmetros inflexíveis, a prática pedagógica leva ao fracasso, porque não está preparada para lidar com a pluralidade de contextos, pois a falta de algumas práticas produz a desigualdade social, a exclusão, favorecendo a permanência do fracasso escolar dentro do sistema educacional. Nesse contexto, os professores precisam aprender a conviver com um alto grau de heterogeneidade, para atingir de forma justa os discentes, dentro de

uma organização de trabalho flexível, fortalecendo o conhecimento, com uma visão de educação, em que o espaço escolar efetive e desenvolva em seus discentes as competências- pessoal, relacional, produtiva e cognitiva, uma vez que a sociedade cobra do sujeito, assim inserido competências e habilidades para interagir com os outros diante decisões.

O professor desrespeita as diferenças e as individualidades dos alunos, muitas vezes costuma ter atitudes pelo aluno, sentindo até capaz de determinar o tempo que o aluno deveria ocupar em sua aprendizagem.

Qualquer que seja os programas, sempre haverá alunos rápidos, interessados, ativos, apoiados por suas famílias, dispondo de um capital cultural importante, e outros, que, nas mesmas condições, aprenderão menos rapidamente, menos facilmente, menos seguramente, menos duradouramente. (PERRENOUD, 2004, p.103).

Considerando o ponto de vista do autor, é preciso redefinir o papel do professor e do aluno, sendo o aprendente um ator responsável no processo ensino aprendizagem pela reconstrução do conhecimento. E que as diferenças e os percursos diversificados de uma aprendizagem conduzam a uma pedagogia diferenciada, exercida pelo professor.

A partir das características pessoais ou a formação de conduzir o processo de ensino, verifica-se a eficácia docente. Para alterar a dinâmica das interações em sala de aula, o professor deve ter autoconhecimento assim como conscientizar-se da importância e as consequências de seu comportamento no de seus alunos.

Portanto, os reflexos do meio social em que vive, a forma de agir e de comportar-se de cada sujeito são devidos às influências que são assimiladas quando se constrói a sua identidade, sendo muitas vezes delegadas pelos fatores socioculturais que determinam as suas práticas sócias e pedagógicas, diferenciadas pelos docentes quando usufruem das concepções pedagógicas.

Para Sisto et all (2008), o autoconceito que temos de nós mesmos não é exatamente o que os outros veem em nós. Não seria possível saber quem somos sem a avaliação que nos fornecem de nós mesmos.

Segundo os autores, quanto ao estudo das relações ocorridas no âmbito escolar, a literatura tem abordado o fato de que o êxito e/ou o fracasso escolar influenciam de

maneira significativa na esfera afetiva e social. Sabe-se, porém que quando se espera um retorno negativo de uma situação, investe-se menos energia em sua realização e conseqüentemente quando se percebe a falta de valor desses esforços, acaba-se por sentir desmotivados diante daquela situação, podendo produzir um resultado desfavorável.

Nesse contexto, convém realizar uma reflexão acerca das fragilidades que a escola precisa dar conta para minimizar os problemas referentes ao fracasso, não só dos que aprendem, mas também dos que ensinam, pois o professor também sofre as conseqüências desse fracasso, seja em termos profissionais, morais, físicos ou sociais.

Vasconcellos (2006) aponta alguns fatores que contribuem para um quadro de desvalorização da educação, mais especificadamente do trabalho docente, afirmando que: Em um tempo relativamente curto, mudanças enormes aconteceram. Para ajudar a compor o cenário, podemos apontar alguns indícios dessas transformações da escola e do professor nos últimos anos no Brasil. Tais fatores estão descritos abaixo. (Vasconcellos, 2006 p.18).

- Avanço do processo de industrialização e exponencial urbanização, aumentando a demanda pela escola;
- Expansão quantitativa x deterioração qualitativa. Degradação progressiva e acentuada das condições de trabalho (número excessivo de alunos por sala, falta de instalações adequadas, equipamentos, material didático, etc.);
- Aumento efetivo do número de vagas no ensino fundamental e médio na escola pública e no ensino superior nas faculdades particulares;
- Fragmentação e esvaziamento da formação dos professores;
- Diminuição drástica dos salários dos professores;
- Queda do status social do professor; deixa de ser referência cultural da comunidade;
- Crescimento da valorização social baseada na capacidade de consumo (não basta ter, é preciso mostrar que tem, consumindo);
- Parcialização do trabalho do professor no interior da escola; com a entrada dos “especialistas”, vai perdendo o controle sobre as várias etapas de sua atividade;
- Aumento dos “problemas de disciplina” em sala de aula, levando até mesmo, muitos professores a pensarem em deixar o magistério;

· Tendência a ter o professor como o grande responsável pelos males da educação, da cumplicidade quase doentia entre escola e família, passando pelo estágio de esvaziamento do papel docente (expresso, entre outras coisas, no famigerado fenômeno de chamar a professora de “tia”), parte-se para uma relação de desconfiança e de defesa incondicional dos filhos nos conflitos com o professor.

O professor não tem vez com os pais: se o filho vai bem, é mérito dele (filho); se vai mal, é culpa do mestre.

Partindo desses índices, se faz necessário articular ações para viabilizar mecanismos que possam contribuir significativamente para a “reconstrução” do processo de ensino e aprendizagem com maior qualidade. Analisar, portanto, esses fatores é uma tentativa vigente para superar as dificuldades de aprendizagem.

Além de todos esses fatores, há ainda, a problemática da escola ter assumido para si algumas funções basicamente familiares ou políticas. A escola propõe a fornecer ao homem o que é necessário para que ele, como sujeito de sua própria história adquira o seu desenvolvimento humano, mas esses fatores já relacionados ocasionam um desmonte em todo o sistema educacional. Frente a esse preocupante quadro, que é preocupante, há situações em que muitos alunos depositam anos de sua vida nos bancos escolares e quando chegam à vida adulta, são muitas vezes excluídos do meio social, tornado-se um ser constrangido e desestimulado quanto à conclusão da sua formação, sendo, assim preocupante para os educadores.

A política educacional e a instituição escolar pouco são questionadas no cotidiano da escola. Surgiram algumas propostas educacionais, diante do quadro da evasão, reprovação escolar, como a aceleração de aprendizagem configurada num projeto de adequação idade-série ou correção de fluxo, organização escolar por ciclos, classes aceleradas, todos com o intuito de resolver o problema referente ao fracasso escolar.

Diante dos fatores expostos, verifica-se que a questão referente ao fracasso escolar requer ser analisada com profundidade na tentativa de angariar meios para o seu enfrentamento, sempre em busca de elevar os índices de aprovação e melhorar o desempenho dos alunos, através do esforço coletivo entre alunos, pais, educadores e autoridades.

Segundo a autora, Nagel (2009), em seu artigo A Educação dos Alunos (ou filhos) da Pós-Modernidade, esclarece que, a escola como uma instituição que vem perdendo sua função fundamental que é a de ensinar.

Segundo a autora,

Os professores, no interior de uma situação de opacidade, de indefinições, de discursos e de práticas sociais contraditórias, vivenciam essa realidade cotidianamente em sala de aula. Homem de sua época, e também sem um saber totalizante que de conta desse universo histórico, social e/ou psicológico, o professor enfrenta, sozinho, as acusações de que seu ensino não corresponde às necessidades individuais dos seus alunos...Escuta as reclamações dos pais que, independentemente do nível da escola a qual se dirigem, responsabilizam o corpo docente e/ou técnico pelos “problemas dos filhos”. Problemas que, segundo a ótica paterna, só existem ou se transformam em problemas, pela falta de conhecimento, de compreensão, administração e/ou de atendimento às peculiaridades de cada um de seus rebentos (...) É a pós-modernidade falando, agora, objetivada na figura do pai que não se compromete, não estabelece vínculos, não admite frustrações e tampouco se dispõe a refletir sobre a prática social, da qual faz parte ativa e que transforma seu filho em eterno irresponsável por seus próprios atos.(NAGEL, 2009, p.3)

Percebe-se que hoje é direcionada à escola, a função de exercer o papel de formação de caráter dos indivíduos, deixando-se de dar ênfase, em muitos casos, à formação acadêmica tão necessária ao processo de humanização. Antes o que era definido às crianças no meio familiar, atualmente passou a ser assumido pela escola. Os conteúdos, ou seja, os conhecimentos passaram a ficar em segundo plano, o currículo passou a ser calcado em competências e habilidades que levam a escola a resolver às vezes problemas até do meio social, através de forma enganosa que é o “poder resolver”.

Quanto a esse pressuposto, a escola como contexto de construção e apropriação de conhecimentos deve compreender que, professor e aluno, participam desse processo essencialmente pela interação e a mediação entre si. Contudo, complementa Alarcão, (2001, p.25), a escola reflexiva vai além, no momento em que vê a escola como uma organização que continuamente pensa em si própria, “na sua missão social e na sua organização, e se confronta com o desenrolar da sua atividade em um processo heurístico simultaneamente avaliativo e formativo”, pois “só a escola que se interroga

sobre si própria se transformará em uma instituição autônoma e responsável, autonomizante e educadora”.

Portanto, a escola não cumprindo seu papel como organização cairá no fracasso escolar.

A concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade colaboram para uma aprendizagem adequada do aluno, além de suas características, personalidade e a sua forma de agir em sala de aula. É necessária também, a participação efetiva e conjunta da escola, junto da família, do aluno e profissionais ligados à educação, de forma que o professor também entenda que o aluno não é um sujeito somente receptor dos conhecimentos.

A relação estabelecida entre professores e alunos constitui o ápice do processo pedagógico. Não há como segregar a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, e sendo essa relação uma “via de mão dupla”, tanto professor como aluno podem ensinar e aprender através de suas experiências. Para tanto, Gadotti refere-se a essa relação como:

Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem "perdido", fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber. (GADOTTI, 1999, p.2)

No que se refere o autor, quando educadores escolares fazem reflexão sobre sua prática de ensino, é possível analisar o porquê do aluno não conseguir aprender e conseguem detectar os fatores que estão interferindo, negativamente, no processo de aprendizagem e que provocam o insucesso do aluno, da escola e de sua família. Para tanto, a escola precisa, recorrer aos psicopedagogos para juntos estruturarem ações, estratégias e intervenções psicopedagógicas que contribuam como solução para diminuir os problemas de aprendizagem, pois o aluno é sujeito de transformação e de aquisição de aprendizagens. Para que aconteça uma melhoria na aprendizagem, é necessário que o professor refaça a sua prática pedagógica, de maneira a contribuir com o desempenho da aprendizagem dos alunos, pois o trabalho pedagógico é visto como elemento relevante de sucesso ou insucesso para aquisição de aprendizagens.

A importância da parceria família e escola em todos os aspectos, seja através do papel que deve exercer os pais na escolarização dos filhos ou do olhar docente sobre o fracasso escolar, onde este repense de maneira mais reflexiva sua prática pedagógica diante das dificuldades que surgem no âmbito escolar, devido às transformações ocorridas no ensino. Sobre a parceria família/escola pode se comprovar empiricamente, além dos teóricos supracitados neste capítulo, autores como ZAGO (2010) que destaca a relação da família com a escola na construção de diversas maneiras para o sucesso escolar; LIBANEO (2000), onde afirma que a pedagogia familiar não deve se desarticular da pedagogia escolar; DAL'INGA (2011) que analisa o desempenho escolar como uma ação coletiva entre família e escola onde se inclui a relação da família com o docente; NOGUEIRA (2005), que destaca a relação família/escola na contemporaneidade e a trajetória escolar de alunos, cujos pais utilizam de diversas estratégias para o sucesso desse percurso, se aliando a escola e buscando o diálogo com os docentes. OLIVEIRA (2010), LOPEZ (2009), CARVALHO (2000), entre outros, os quais colocam implícitos ou explicitamente o papel da escola, dos docentes e da família para o desenvolvimento escolar dos alunos e a importância de suas ações participativas.

CAPITULO II

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS

O tipo de pesquisa realizada diante do fenômeno em estudo trata-se de uma pesquisa de campo. Franco (1985) refere-se à observação dos fatos e fenômenos como ocorrem na realidade, coleta, análise e interpretação de dados, com cunho de abordagem quali quantitativa. De acordo com Laville & Dionne (1999) é quantitativa, pois reúnem os elementos retirados da pesquisa em categorias, estas são utilizadas de formas objetivas, como frequência ou índices numéricos, para então chegar à análise das suas variáveis, como também mantém um cunho qualitativo, tendo a mesma base da categorização como a quantitativa.

Esta análise observa as nuances obtidas na pesquisa, considerando a especificidade dos elementos do conteúdo e as relações entre os elementos portadores da significação da mensagem analisada. Estas metodologias, de acordo com os autores acima citados podem ser utilizadas juntas, pois não se opõem, mas se complementam, contribuindo para o pesquisador extrair as significações essenciais das mensagens, ou seja, a partir da análise própria dos valores numéricos, como também da análise das nuances, das questões embutidas diante das linhas de pesquisas do trabalho, pode-se obter um resultado mais claro e específico dos dados coletados.

Com a modalidade descritiva, esse estudo procura descrever os passos e resultados obtidos diante dos objetivos propostos ao representar um nível de análise que permite identificar as características dos fenômenos, possibilitando, também a ordenação e a classificação desses objetivos. Por meio do qual, objetiva-se analisar a importância da parceria família e escola na erradicação do fracasso escolar, sistematizando um direcionamento de outros objetivos de forma mais específica, relacionados a seguir:

- Levantar informações sobre os aspectos sociais e psicológicos que influenciam direta ou indiretamente no insucesso ou sucesso escolar dos alunos;
- Reconhecer fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem dos alunos quanto à visão dos professores;
- Caracterizar a interação família e escola e sua contribuição no desenvolvimento da educação dos filhos/alunos;

- Compreender a importância da influência da família no processo ensino aprendizagem, abordando a atuação do professor.

2.1 Universo da pesquisa

2.1.2 Sujeitos Participantes

A pesquisa foi desenvolvida numa escola municipal da cidade de Aurora – Ceará - Brasil. Sendo a população da referida pesquisa constituída por pais, professores e alunos das séries do ensino fundamental II. Escolheu-se o Ensino Fundamental II como referência da pesquisa devido aos maiores índices de fracasso escolar se encontrarem nessa categoria, como fica claro nas tabelas que seguem ao longo do trabalho.

A opção para a realização do estudo de campo na escola em foco se justifica por estar localizada em bairro de classe baixa, por atender uma demanda de alunos pertencentes às classes mais desfavorecidas e por apresentar um baixo nível de aprendizagem além da maioria dos alunos pertencer à zona rural. Para terem acesso à escola, esses discentes utilizam o transporte escolar fornecido por uma parceria entre estado e município, onde às vezes enfrentam alguns problemas tanto de percurso, quanto administrativo, dificultando ainda mais a situação dos estudantes.

A Escola Romão Sabiá foi fundada em 11 de janeiro de 1994, consta de 822 (oitocentos e vinte e dois) matriculados nos seguintes níveis de modalidade de ensino: educação especial, educação infantil, ensino fundamental I e II e Educação de jovens e Adultos, sendo que o foco da pesquisa centra-se nos 337 (trezentos e trinta e sete) alunos, matriculados no fundamental II. A escola constitui-se da seguinte equipe administrativa: 01 diretora, 02 coordenadores e 01 secretária. A equipe docente é composta por 38 professores (sendo 06 habilitados e 28 especialistas), 08 desses professores lecionam nas séries do ensino fundamental II. A escola conta ainda com 01 agente administrativo, 06 vigilantes, 14 auxiliares de serviços gerais (merendeiras e auxiliares de limpeza), 01 instrutor de informática. A referida escola funciona nos turnos manhã com 16 turmas e tarde com 14 turmas.

Tabela 1 - Quantidade de alunos por turma e turno do Fundamental II

	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Manhã	42	45	37	23
Tarde	55	35	49	51

Fonte: Dados da Secretaria da Escola.

Todos os segmentos da escola em foco trabalham com objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico - PPP elaborado em 2011, tendo como objetivo geral:

Reavaliar e reconstruir a prática pedagógica oportunizando acesso ao conhecimento, formando alunos autônomos, críticos, responsáveis, cientes dos valores a serem vividos, tornando-se cidadãos atuantes em sua comunidade e com os respectivos objetivos específicos: Motivar e possibilitar a vivência dos valores éticos; garantir um currículo que possibilite a formação de cidadãos comprometidos com a sociedade, tornando os conteúdos significativos para os educandos; incentivar os educadores a manter uma formação continuada; manter as comunidades educativas atentas às questões sociais, intervindo na realidade presente através de ações concretas, entre outros. Apresenta como missão ser uma referência na qualidade de ensino e na formação do senso crítico do aluno para torná-lo cidadão de valores éticos e morais conscientizando os professores da necessidade de encontrar caminhos adequados e prazerosos para a concretização do processo ensino aprendizagem, construindo dessa forma, um ambiente estimulador e agradável. (PPP da Escola, p.31-32, 2011)

A escola conta com a parceria do Conselho escolar, Associação de pais e mestres (Unidade executora) e com a interação Família x Escola que tem como finalidade incentivar a participação dos pais nas reuniões pedagógicas; desenvolver palestras, seminários com participação dos pais e alunos, fortalecer a participação da família no cotidiano escolar. O Regimento escolar foi elaborado em 2011 com a participação dos representantes dos segmentos da referida escola da comunidade escolar/local.

Quanto à estrutura funcional, a escola conta com 16 salas de aulas, com 01 sala de multimeios, 01 quadra esportiva, 01 secretaria, 01 diretoria/salas de professores, 01 cantina e 10 banheiros, não dispondo de laboratórios de informática e de ciências.

De acordo com os questionários e entrevistas respondidas no que se refere às condições socioeconômicas das famílias dos alunos dessa escola. A maioria das mães exerce profissão de doméstica, trabalhando em casas de família, enquanto os pais vivem

de subempregos, com renda insuficiente para mantê-los em condições favoráveis, o que propulsiona esses discentes sentirem-se necessidade de cedo ingressar no mercado de trabalho, assim revelando a dificuldade em permanecer na escola, e, consequentemente levando-os a evadirem e serem reprovados por apresentarem baixo índice de aprendizagem devido a elevado número de faltas na escola.

Quanto ao rendimento escolar dos alunos do Ensino fundamental II, modalidade do objeto de estudo em foco, os resultados obtidos nos anos 2010, 2011 e 2012, demonstram os que não obtiveram êxito escolar, sendo reprovados ou por evadirem, assim, produzindo o fracasso escolar. Esse fenômeno, nos leva a investigar a necessidade da parceria da família e escola para erradicá-lo.

Tabela 02 - Estatística das turmas do Ensino Fundamental II (A)

	6º ANO					7º ANO				
	Mat	Eva	%	Rep.	%	Mat	Eva	%	Rep.	%
2010	104	11	10.5	10	9,6	118	19	16.1	02	1.6
2011	95	19	20	20	21,0	86	08	9.3	04	4,6
2012	106	18	16.9	11	10.3	80	04	5	06	7.5
	8º ANO					9º ANO A-B				
	Mat	Eva	%	Rep.	%	Mat	Eva	%	Rep.	%
2010	99	08	8,0	11	1,1	59	06	10,1	09	15,2
						9º ANO A- B-C				
	Mat	Eva	%	Rep.	%	Mat	Eva	%	Rep.	%
2011	111	11	9,9	07	6,3	91	06	6,5	01	1,0
2012	71	06	8,4	06	8,4	94	11	11,7	00	00

Fonte: Dados da Secretaria da Escola

Estes fatos justificam e intrigam ainda mais esta pesquisa.

2.1.3 Caracterização da população

A população da qual fez parte da pesquisa está constituída de pais, professores e alunos do Ensino Fundamental II, assim discriminados:

Alunos: 120 participantes.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação

Pais: 45 participantes.

Professores: 08 participantes.

A escola possui um total de 822 alunos, no qual utilizamos como critério de inclusão os alunos do ensino fundamental II, por ser a modalidade que apresenta um maior índice de fracasso escolar, totalizam 337, assim excluídos do nosso universo de pesquisa 485 alunos, que representam os alunos matriculados no ensino fundamental I, por terem um índice de fracasso escolar menor do que a modalidade escolhida. Dos 337 alunos do ensino fundamental II optamos por incluir 120 como sujeitos de investigação, estes correspondem a aproximadamente 36% dos sujeitos do universo da pesquisa, sendo um número considerável para atingir o objetivo proposto.

A escolha dos pais participantes dessa pesquisa se deu pela assiduidade em reuniões com os professores, pela participação em colegiados e o acompanhamento no dia a dia de seus filhos, ou por estarem presentes na escola ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Foram excluídos da pesquisa os que não comparecem a escola, ou seja, os que não são ativos. Pode-se perceber de acordo com a tabela abaixo o sexo, faixa etária, estado civil, dentre outros dados que são de fundamental importância para esta pesquisa.

Tabela 3 – Perfil dos Pais

SEXO	FAIXA ETÁRIA		ESTADO CIVIL			RENDA FAMILIAR			ESCOLARIDADE			
	30-50 Anos	Acima de 50 anos	Solteiro	Casado	Separado	<1SM	1SM	>1SM	FUND INC	FUND COMP	MED INC	MED COMP
Feminino	33	-	-	33	-	31	2	-	33	-	-	-
Masculino	7	5	4	3	5	8	-	4	-	2	5	5

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os dados coletados constata-se que a maioria dos pais participantes da pesquisa é de sexo feminino, ou seja, são as mães que mais participam da vida escolar dos filhos. Tais mães apresentam como estado civil a maioria casada. De 12 pais pesquisados, 05 são separados e respectivamente mantêm a família com menos de 01 salário mínimo. Em relação à escolaridade todas as mães possuem ensino fundamental incompleto, assim, justifica as dificuldades apresentadas em acompanhar a realização das atividades (tarefas escolares) dos filhos, isso conseqüentemente, provoca um baixo rendimento quanto à aprendizagem, portanto, sendo um dos fatores que

contribui para o fracasso escolar. Percebe-se que apenas cinco pais possuem ensino médio completo, nenhum conseguiu ingressar no ensino superior.

Os professores incluídos na pesquisa foram os do Ensino Fundamental II, nesta proporção, foram entrevistados todos os professores, obtendo 100% da amostra mediante o fato de se ter apenas como total 08 docentes, ou seja, essa quantidade levaria a maior possibilidade de dados e obter maior precisão na pesquisa. Ainda porque esses docentes têm mais horas aulas na escola, como também participam mais ativamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos e tem uma relação mais próxima com os pais. Já os excluídos da pesquisa foram os professores que possuem menor carga horária, muitas vezes não participam do acompanhamento desses alunos e não possuem uma relação tão próxima com os pais.

Dentre esses, aspectos demonstra-se na tabela abaixo o perfil dos professores quanto ao sexo, à faixa etária, estado civil, valor de remuneração, o nível de formação, o tempo de experiência na escola em foco e tempo de experiência em docência.

Tabela 4 – Perfil dos Professores

SEXO	FAIXA ETÁRIA		ESTADO CIVIL			VALOR DE REMUNERAÇÃO	NÍVEL DE FORMAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA EM FOCO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA EM DOCÊNCIA	
	30-50 Anos	50-60 Anos	Solteiro	Casado	Separado	DE 3 a 4 Salários Mínimos	Pós Graduação/Especialização	de 10 a 14 Anos	de 10 a 20 anos	de 20 a 30 anos
Feminino	03	-	02	01	-	03	03	03	01	02
Masculino	03	02	02	03	-	05	05	05	02	03

Fonte: Dados da pesquisa

Constata-se que os professores entrevistados, a maioria encontra na faixa etária de 30 a 50 anos, apresentam-se como estado civil 50% solteiro e 50% casado. Quanto ao nível de formação todos têm pós-graduação (especialização) e respectivamente recebem o valor de remuneração de 3 a 4 salários mínimos. (R\$ 678,00 mínimo). Em relação ao tempo de experiência na formação docente a maioria possui de 20 a 30 anos de exercício, uma vez que todos já exercem de 10 a 14 anos a função de docente na escola em foco da pesquisa realizada.

A opção por trabalhar com esses segmentos é por razão de estarem acompanhando no dia a dia na escola professores/alunos no ambiente escolar e pais/filhos e no ambiente familiar. Segundo Polônia et al (2000), a família e a escola

emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. Diante dos critérios de inclusão e exclusão utilizados obtiveram-se os resultados da pesquisa.

2.1.4 Procedimentos da Pesquisa e instrumentas de coleta de dados

Para cumprir os objetivos da presente pesquisa, foi realizado um estudo a partir de uma revisão bibliográfica com a contribuição de vários autores sobre o fenômeno fracasso escolar e a interação família - escola que tem despertado interesse e abordando o diálogo entre os envolvidos, principalmente por empregar uma metodologia qualiquantitativa.

Com fins de traçar um diálogo entre a literatura existente sobre a temática com os dados obtidos, esta pesquisa pautou-se nos estudos de: Patto (1999), Bissoto (2009), Charlot (2000), Bossa (2002), Perrenoud (2000,2004), Couto (2011), Fernandes (1991, 2001,2005), Paro (2008), Couto (2011), Gurgel (2008), Bourdieu (2005), Zago (2010), Benavente (1990) entre outros.

Dentre todos os postulados que abordam a questão do fracasso escolar, deu-se destaque à contribuição de Patto (1999), ao discutir a complexidade do fracasso escolar, utilizando o materialismo histórico como referencial teórico e definindo a necessidade de se conhecer de perto a realidade na qual se produziu concepções sobre as diferenças de dificuldades de aprendizagem e de rendimento escolar existentes nos estudantes. Pois, não há educação se não houver uma construção coletiva do saber sistematizado na interação ação-reflexão-ação.

No segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo, ampliando a discussão com a participação dos segmentos do ambiente escolar, utilizando o instrumento de entrevista e questionário para a coleta e análise de dados.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003) a entrevista “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Conforme as autoras, esta segue alguns padrões técnicos podendo se apresentar duas formas: Padronizada ou estruturada, onde o pesquisador segue um roteiro de perguntas previamente estabelecido; Despadronizada

ou não-estruturada, onde não há uma rigidez de roteiro de perguntas, o pesquisador tem liberdade para direcionar a entrevista.

A entrevista nesse trabalho será padronizada e de fundamental importância, pois através das falas dos sujeitos, procura-se compreender como se dar a participação familiar na vida escolar dos filhos e a parceria família e escola como um instrumento na busca da erradicação do fracasso escolar.

Já a técnica de se aplicar o questionário é comum em pesquisa de cunho empírico e de abordagem social. Conforme Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Segundo o autor supracitado, essa técnica é deveras importante para as pesquisas empíricas pelo fato de fornecer diversas vantagens; dentre elas, destacam-se três de grande relevância para este trabalho.

- a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio;
- b) garante o anonimato das respostas;
- c) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente. (GIL, 1999, p. 128).

As entrevistas foram aplicadas para os pais e professores, pois como Laville & Dionne afirmam que a importância desse modelo quanto à franqueza da taxa de resposta corre o risco de enfraquecer o trabalho. Foi, também, essa uma das preocupações quando se aplicou entrevistas, no intuito de possibilitar um contato maior entre o entrevistado e o entrevistador, como também nas análises das respostas baseadas no objeto da investigação.

A Entrevista foi dividida em dois blocos. No primeiro aplicou-se perguntas objetivas onde buscando informações sobre o perfil dos pais, escolaridade, renda, idade, situação civil e etc. O segundo bloco, constituiu-se de oito perguntas a respeito da influência da família na vida escolar dos filhos, se a escola está preparada para lidar com as dificuldades dos filhos, sobre os fatores que contribuem para o fracasso escolar, a

importância da parceria família escola, e, ainda, se a escola abre as portas para a participação da família.

Já os questionários foram aplicados para os alunos, de forma usual, conforme prescreve Laville & Dionne (1999), que constam em perguntas sobre o tema visado. Assim, para cada uma foi oferecida uma opção de respostas definidas a partir dos indicadores, assim eles assinalam a que melhor responde a sua visão, já que é permitido alcançar de forma rápida e simultânea um grande número de pessoas.

Os questionários foram estruturados de perguntas objetivas, com opções de sim e não e as relacionadas aos fatores que influenciam no fracasso escolar eram dadas opções para marcar. Algumas das questões pediam para serem justificadas, porém a maioria não justificou. As perguntas objetivas deram suporte para a construção dos gráficos que se constituem elementos quantitativos do trabalho.

Baseado nas referências teóricas da pesquisa, os questionários e entrevistas foram organizados com a seguinte estrutura: primeiro bloco com identificação dos representantes dos segmentos e o segundo bloco conhecimento e concepções sobre o tema da pesquisa.

A solicitação para a realização da pesquisa à referida escola foi feita junto ao diretor, através de correspondência (termo de consentimento), buscando autorização para a aplicação do instrumento de coleta de dados. Também foram entregues termos de consentimento aos participantes da pesquisa, pais, professores e alunos.

2.1.5 Procedimento da análise de dados

A partir da aplicação dos questionários e entrevistas foram sumarizados e interpretados os dados obtidos, adotando procedimentos específicos, ou seja, coerentes com os referidos instrumentos trabalhados, considerando o objeto em estudo.

Quanto às perguntas abertas, os resultados foram categorizados e analisados através da análise de conteúdos, com a técnica de análise temática seguindo as ideias de Bardin (1979), adotando os seguintes passos:

- A pré-análise, que consiste em sistematizar as ideias;
- Análise do material coletado, (criando categorias a partir dos próprios dados);

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação

- Tratamento dos resultados, ou seja, resultado final em que consiste, através de interpretações, a produção final da pesquisa.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p.214) análise de conteúdo consiste em demonstrar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.

CAPITULO III

PRECURSO ANALÍTICO DA PESQUISA

3 ANÁLISE DOS DADOS

Procurou-se, a seguir, por meio da análise e interpretação dos dados coletados, compreender e explicar o foco deste estudo. Nesta análise em particular, ouviu-se os participantes como professores, pais e alunos em seus próprios contextos, e considerou-se suas concepções acerca das entrevistas e questionamentos realizados. Partiu-se então de um estudo através de referenciais teóricos que possibilitaram uma discussão sobre o fenômeno abordado. Por fim, foi feita a análise dos dados coletados para responder os objetivos da pesquisa, a fim de contribuir com a temática em estudo. Examinaram-se os dados coletados, com a técnica de análise de conteúdo, buscando favorecer a identificação da pluralidade de temáticas que se constroem com o agrupamento de elementos mais significativos, ampliando assim, os subtemas sobre a investigação, compreendendo os resultados obtidos.

Resultaram em três subtemas direcionados aos professores. A saber: concepções sobre o fracasso escolar; a importância da parceria família/escola; visão do professor sobre o fracasso escolar e a prática pedagógica. Cada um desses subtemas será exemplificado, e todos serão discutidos, a seguir, com base na literatura consultada.

3.1 Análise da participação dos professores

A concepção sobre fracasso escolar na visão dos professores foi construída, a partir de suas vivências, e suas referências acerca do processo ensino-aprendizagem como também suas informações sobre o tema.

Dentre as respostas dos professores da escola, percebeu-se uma variedade em torno de sua visão ou concepção de fracasso escolar. Um dos professores participante pensa o assunto como algo complexo, que envolve vários fatores, dentre eles a relação escolar e familiar.

“Difícil de encontrar uma definição certa por se tratar de um assunto que engloba as condições de interação relacionadas à escola, à proposta de ensino, assimilação de conteúdos, modelo de ensino e avaliação, currículo, prática docente, além do contexto escolar e familiar.” (Prof. 02)

“... O sistema que rege a educação no Brasil aliado a desassistência dos governantes à escola e, sobretudo a educação pública municipal, associadas a sua clientela, a classe menos favorecida e os problemas sociais que a afetam, leva o educando a não aprendizagem, que para mim, é o maior fracasso escolar”. (Prof 04)

Analisando os discursos dos professores ao encontrar dificuldades para uma definição mais correta, compreendemos que o tema não é algo que foge do seu conhecimento, visto que segundo Lopez (2007) o fracasso escolar é causado por diversos fatores, sejam eles de ordem psicológica, social ou estrutural e organizacional da escola e ou do sistema. Muitas vezes atuando simultaneamente. No que discerne ao papel do educador, não se pode perder de vista essa compreensão, sem deixar de reconhecer a parcela que cabe a escola e o que ela pode fazer para alcançar o sucesso na aprendizagem de seus alunos.

Dentre outras concepções acerca do fracasso escolar, alguns professores afirmaram que fracasso escolar é o desestímulo dos alunos, as dificuldades de aprendizagem, a falta de acompanhamento pedagógico, falta de compromisso, baixo rendimento dentre outros. Eis a evidência em algumas respostas:

“Falta de entendimento do conteúdo o que reflete nas avaliações. Desinteresse por parte dos docentes e discentes. (Prof.03)

“É o aluno sem estímulo nenhum para o estudo, gerando a repetência e a evasão, é o aluno mesmo se esforçando não consegue bom desempenho na aprendizagem”. (Prof 01)

“O fracasso escolar se dar pela falta de acompanhamento pedagógico especial e necessário ao aluno com dificuldades de aprendizagem”. (Prof 06)

“Falta de compromisso e responsabilidade de modo geral, seja por parte do aluno, escola, docentes e a falta da assistência familiar”. (Prof 08)

“É o desinteresse do aluno que não se sente estimulado para os estudos, não gosta de estudar e não tem perspectiva de vida. Não ver que através dos estudos terá a oportunidade de uma vida melhor.” Prof 05)

É evidente, através dos relatos acima, como perdura o discurso entre os docentes de que o aluno não consegue aprender pela falta de interesse para com os estudos, desconsiderando ou ignorando o fato de que a própria prática escolar quando não é satisfatoriamente realizada, resulta no desestímulo, na indiferença para com os

estudos e na falta de vontade do aluno frequentar a escola. Nesse raciocínio, é perceptível que quando o professor não domina o conteúdo nem se vale de aportes metodológicos para transmiti-lo gera grandes consequências no aprendizado do aluno por este último não se sentir motivado nessa relação de ensino-aprendizagem.

Dentre as diversas falhas que consistem no fracasso escolar deve-se considerar que a ausência de conteúdos por parte de alguns docentes constitui-se como agravante do insucesso do processo ensino aprendizagem. Como afirma Bossa (2002, p.18) em uma de suas pesquisas, quando concluiu que “a escola que surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna acaba por produzir na contemporaneidade a marginalização e o insucesso de milhares de jovens”. Essa marginalização de que nos fala a autora acima, se dá, muitas vezes, no cotidiano da sala de aula e da escola, por meio da maneira como são transmitidos, assimilados e avaliados os conteúdos, pois dependendo do modelo de ensino no qual o professor fundamenta sua ação, esse pode ampliar ou reduzir as chances do aluno desenvolver seu potencial.

Sobre os fatores que podem contribuir para o fracasso escolar três professores optaram pelo afetivo, enquanto três atribuíram ao fator socioeconômico e dois citaram ao mesmo tempo, o fator afetivo e cultural. Os seguintes dados constam nas entrevistas respondidas pelos docentes. E abaixo seguem exposto algumas respostas que fundamentam os dados da referida entrevista.

“Há diversos fatores que influenciam no fracasso escolar, penso que esse conjunto de fatores estão associados, mas vejo que se houvesse mais afetividade por parte de pais e professores ao tratarem seus ,filhos e alunos, estes teriam estímulo para aprender. Eu penso que o fator afetivo influencia bastante tanto para o sucesso quanto para o fracasso escolar, depende da importância que é dada a este”. Prof 05

“O meio cultural em que a criança se insere é deveras relevante para o desenvolvimento da vida escolar. Penso que se a criança advém de um meio cultural mais frágil, sua bagagem de conhecimento é reduzida, visto não ter acesso aos mesmos recursos que crianças provenientes de um meio cultural mais abrangente”. Prof 08

“Acredito que o fator que mais influencia para o insucesso do aluno na escola, é o socioeconômico. Muitas vezes as crianças de famílias mais carentes frequentam a escola para ter acesso a merenda, muitos não tem o que comer em casa, a maioria não dispõe de material escolar necessário por que não tem como adquirir, não há recursos de mídia em casa entre outros. Isso a meu ver dificulta bastante”. Prof 03

Essa compreensão por parte do docente é deveras relevante, visto que esses associam à causa do fracasso ou desestímulo do aluno pelos estudos. Neste sentido, Patto (1999), formulou importantes contribuições no sentido de romper com o estigma de que fracasso é culpa do aluno ou de sua família e alerta para a presença dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar, ao integrar problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo, assim, com as visões psicologizantes, ou da carência cultural, que se tornaram comuns nas falas e nas práticas entre educadores e nas políticas oficiais.

É relevante ressaltar que a superação desse desafio - Fracasso Escolar -, passa por um aprofundamento maior nas discussões coletivas desse tema em âmbito institucional, procurando identificar os condicionantes na comunidade escolar, as possibilidades de superação e o planejamento de ações, objetivando, desse modo, a construção do sucesso escolar nesta comunidade. Concordando com Patto (1999), ao entender o fracasso escolar, como fenômeno que expressa a complexidade da sociedade atual, produzido por múltiplas determinações.

Em relação à importância da parceria família e escola no processo ensino aprendizagem, perguntou-se aos professores se eles acreditam que a relação entre família e escola pode contribuir para erradicar o fracasso escolar. As respostas foram todas positivas. Vejamos alguns dos trechos dos informantes.

“Sim, por que a contribuição da família tem papel decisivo na formação de valores, regras e princípios”. (Prof 02)

“Sim, pois o sucesso escolar depende muito da parceria que deve ser mantida entre família e escola”. (Prof 04)

Sim, a família por sua vez, é também responsável pela aprendizagem da criança. (Prof 07)

“A família que está sempre presente na escola, cobrando, buscando melhorias, acompanhando seus filhos, contribuem positivamente no processo de aprendizagem”. (Prof 03)

Os registros da escola mostraram que todos acreditam ser de extrema importância a relação família/escola, contudo algumas questões muitas vezes dificultam essa relação, como a falta de escolaridade dos pais, a desestruturação familiar, a imposição de regras por conta da escola e a falta de diálogo entre ambas. Porém todos veem na união entre família e escola, um elo fundamental para a erradicação do fracasso

escolar. Os relatos abaixo demonstram as dificuldades encontradas pelos docentes de manter viva a relação família e escola.

“Sim, vejo que é necessário que haja um diálogo amistoso entre família e escola [...] quando essa relação não acontece, fica difícil da escola ter um bom resultado”. (Prof 05)

“Alguns pais não têm escolarização, por essa razão não dão o valor merecido à escola dos filhos, seria muito bom se eles entendessem e participassem mais”. (Prof 06).

“Sim, desde que a família seja estruturada, pois quando não é, a criança não tem um acompanhamento sistemático, por fazer parte de um quadro familiar desajustado e isso poderá prejudicá-la”. (Prof 01)

Para os docentes da escola pesquisada, esses foram alguns dos problemas encontrados que afetam a participação concreta dos pais na vida escolar de seus filhos, porém todos concordam que a família e a escola juntas possam trazer bons resultados no processo ensino aprendizagem.

Na visão dos professores a parceria entre família e escola pode muito contribuir para o desempenho dos alunos, pois o professor e a escola, sem a participação efetiva dos pais, não conseguem desenvolver um trabalho eficaz. Segundo Sousa et al (2008, p.7) “Família e escola precisam, juntas, criar uma força de trabalho para superarem as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva; para isto, é fundamental que se encarem como parceiras de caminhada, [...]”.

Entendeu-se que a interação entre família e escola é de grande importância para o desenvolvimento do processo educativo dos educandos, pois ambas as instituições precisam criar estratégias para que haja equilíbrio entre a relação estabelecida, superando os problemas existentes quanto às dificuldades de aprendizagem, ampliando uma comunicação com os educadores, promovendo iniciativas que vão de encontro às necessidades dos discentes.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades (...) (PIAGET, 2007,p.50).

Quanto à visão do professor sobre o fracasso escolar, questionou-se aos professores qual a relação que eles fazem entre o fracasso escolar e a prática pedagógica. Não sendo uma pergunta muito fácil de ser respondida, pois o leva a uma autoanálise.

Diante da pesquisa, foi possível perceber que os docentes enfrentam muitos problemas para amenizar os resultados do insucesso na aprendizagem, dentre quais, destacamos alguns aspectos voltados para a práxis pedagógica que diante das vicissitudes do processo ensino aprendizagem, alguns professores demonstram ter grande dificuldade de superar determinados obstáculos pedagógicos. Alguns exemplos citados foram: a falta de mecanismos dos docentes para incentivar os alunos; a desvalorização do professor que o torna desmotivado; a ausência de se reunirem em busca de um mesmo fim, na hora do planejamento, ou seja, a falta de uma preocupação maior dos docentes e gestores de se unir para buscarem erradicar o fracasso escolar. Neste sentido os docentes relataram:

“Há uma sobrecarga atribuída ao professor, onde na maioria das vezes, não tem assistência humana ou pedagógica para desenvolver um trabalho com menos sacrifício para a obtenção de um resultado positivo”. (Prof 07)

“O professor está desvalorizado, desestimulado, sem incentivo, sem apoio pedagógico. Isso faz com que muitos deles não inovam sua prática, nem dinamizam as aulas”. (Prof 03)

“O professor muitas vezes não tem o apoio necessário da equipe pedagógica para assessorar nas dificuldades dos alunos, o planejamento não é bem direcionado para a superação das dificuldades dos discentes”. (Prof 01)

Outro grupo de docentes sente que não é uma tarefa fácil erradicar o insucesso na aprendizagem, mas veem na sua práxis pedagógica um meio de amenizar os resultados negativos. Neste sentido muitos ao fazerem essa ponte entre fracasso escolar e prática docente, apontam alguns meios que podem ajudar a superar as dificuldades dos alunos no processo educativo. Dentre tais estratégias estão a adaptação do currículo à necessidade do aluno; a dinamização das aulas, a autoavaliação do professor, e o diálogo procurando conhecer as dificuldades do aluno

“A prática pedagógica deve ser constantemente repensada para que os alunos sintam-se sempre motivados a buscar cada vez mais melhorar seus desempenhos nas atividades escolares.” (Prof 05)

“Buscar fazer uma escuta particular do sujeito possibilitando encontrar causas do não aprender e organizar metodologias que busquen facilitar um melhor desenvolvimento do aluno”. (Prof 04)

“(…) para que esse aluno não fracasse o professor no decorrer do ano adequa sua prática pedagógica às necessidades do aluno”. (Prof 02)

“A prática pedagógica deve ser desempenhada de forma mais dinâmica, tornando a aula mais atrativa e significativa para o aluno”. (Prof 06)

Os professores, por sua vez, demonstram que a qualidade do ensino está relacionada com a prática pedagógica fundamentada em princípios que conduzam o educador a exercer um papel de facilitador no processo ensino aprendizagem. É necessário ressaltar que existe a consideração de que a ausência de apoio pedagógico, a falta de identificação dos conteúdos a serem trabalhados, do diagnóstico do conhecimento do aluno e dos problemas do ensino e/ou aprendizagem, fatores esses que se entrelaçam e se vinculam ao fracasso escolar. Para saber a quem os professores procuram, quando surgem as dificuldades de aprendizagem, elencaram-se alguns pontos e foi indagado a quem recorrem quando surgem as dificuldades de aprendizagem. Os mesmos responderam que procuram a família, pois é o elo que tem que ser reforçado, além de procurarem o psicólogo, psicopedagogo e orientador educacional.

No processo de construção do conhecimento, que considera tanto as experiências dos alunos como a dos professores inseridos, faz-se necessário uma abordagem dos conteúdos, conforme Anastasiou (2003), isso se dá através de um método dialético, a partir da reflexão e discussão conjunta, uma nova concepção ou forma de ação. Situações como processos de ensino, constituem mais um desafio para uma ação docente inovadora e comprometida. Precisa-se buscar uma prática social complexa, que seja efetivada entre os sujeitos, professores e alunos e buscando englobamento tanto da ação de ensinar como de aprender.

Os fatores contribuintes para o fracasso advêm de diversos contextos e universos, é o que constata a maioria dos relatos dos professores ao referirem-se que a prática pedagógica é o distanciamento de uma interação entre o professor e o aluno, que provoca uma reflexão acerca do potencial que o conhecimento e o meio externo da escola exercem na ocorrência de deficiências cognitivas; ausência de sentidos motivadores para que o indivíduo permaneça na escola e procure enfrentar através de

meios eficientes os desafios que surgem no cotidiano escolar. Essa ação deve ser exercida tanto pelos professores quanto pelos alunos.

3.1.2 Análises da participação dos pais

Procurou-se, a seguir, por meio da análise, a partir de subtemas constituídos de: concepção relação família e escola; fatores que influenciam no fracasso escolar; o processo de aprendizagem e as dificuldades humanas. No intuito de compreender melhor as respostas dos pais, especificando sua participação na vida escolar dos seus filhos e sua influência no processo ensino aprendizagem.

Em relação à concepção sobre a relação família e escola quanto ao fracasso escolar, identificou-se que na perspectiva dos informantes, esta é de grande importância para a aprendizagem dos seus filhos, assim como acreditam que o compromisso leva ao crescimento da escola e família, evitando o desvio de conduta dos educandos, além de considerarem a importância do contato direto da família com a escola, havendo uma interação recíproca entre essas duas instituições. Assim, podemos constatar em alguns relatos a seguir:

“A união entre família e escola contribui para uma melhor aprendizagem.” (P1)

“A comunicação / relação entre escola e família ajuda o aluno a se interessar mais nos estudos, evitando não passar de ano.” (P2)

“Seria bom que a família acompanhasse os filhos nas escolas, mas vejo que a minoria acompanha, deixando tudo para os professores. É preciso a união entre os pais e escola para que haja uma boa aprendizagem dos alunos, evitando o fracasso escolar”. (P3)

“Importante os pais estarem sempre em contato com a escola para saber como anda a aprendizagem do aluno.” (P3)

“Se todos tiverem o mesmo compromisso tudo pode mudar e a escola só tem a crescer.” (P34)

Conforme os depoimentos dos sujeitos acima, os pais acreditam na sua contribuição positiva na formação dos filhos e através da parceria família e escola esperam poder erradicar o fracasso escolar. Por outro lado, revelaram, através da pesquisa que os principais fatores que influenciam de forma negativa para o problema são: em primeiro lugar, o baixo índice de aprendizagem, em seguida, o fator psicológico,

o afetivo, o fator cultural e, por fim, os fatores socioeconômicos. Ou seja, suas observações não foram diferentes das dos professores que participaram do estudo em questão. Fato que faz os pais acreditarem que a sua contribuição pode fazer a diferença, visto que não atribuem culpabilidade ao aluno, mas ao sistema em si e as diversas situações sociais que levam o discente a fracassar.

Neste caso, participar de reuniões, acompanhar o processo ensino-aprendizagem do filho, preocupar-se com as resoluções de tarefas, buscar ajuda de professores entre outras ações, são atitudes dos pais que buscam auxiliar seus filhos no processo educativo. Os mesmos percebendo os diversos problemas externos que causam o insucesso escolar sentem a necessidade da sua participação no processo educativo dos filhos.

Todas essas exposições nos apontam para a grande necessidade que se tem da família frequentar regularmente a unidade escolar que os filhos estudam e participem de decisões relacionadas à educação dos mesmos. Pode-se constatar que a maior parte deles afirma frequentar periodicamente a unidade escolar em que os filhos estudam. Segundo Nogueira (1999, p.15), “Se a escola é uma instituição pública da qual os pais dos alunos fazem parte, estes devem poder participar de tomadas de decisão em relação aos objetivos educacionais, à prioridade e às metas do projeto educativo.”.

Segundo o autor supracitado, entende-se que atualmente a relação família e escola tem se tornado mais presente, pois muitas instituições de ensino têm aberto as suas portas para a participação das famílias. Quando isso ocorre os pais participam ativamente e colaboram para incentivar os filhos pelo interesse das atividades escolares. No entanto, alguns pais mostram-se insatisfeitos devido à escola não desenvolver projetos com a participação dos mesmos, uma vez que hoje conta-se com uma gestão democrática e participativa, principalmente com representantes desse segmento, ou seja, os pais. Portanto, a escola deve buscar cada vez mais estratégias de aproximação, as quais ainda necessitam implantá-las de forma que priorizem a cooperação e o respeito às intuições família e escola.

É importante ressaltar que a escola tem como função estimular a construção do conhecimento nas áreas do saber, considerada fundamental para o processo de formação de seus alunos. É verdade que a modernidade trouxe uma série de mudanças, inclusive na família, mas tal realidade não isenta a instituição familiar de seu papel educador

primordial ao desenvolvimento e integração do filho na sociedade. Sabe-se que os pais exercem extrema influência, mais do que eles próprios imaginam. Educar demanda uma grande responsabilidade, sem contar que "A educação começa no berço".

Em se tratando especificamente da Família x Escola quanto ao acompanhamento dos pais das ações realizadas na escola e sua liderança para superar as dificuldades apresentadas pelos alunos, foram reveladas de forma não satisfatória por parte de alguns do referido segmento. Seguindo o depoimento da amostra dos pais surgem questionamentos como: a escola está preparada para lidar com as dificuldades apresentadas pelos alunos? De que forma a família deve ajudar quanto à aprendizagem dos filhos e não responsabilizar a escola? A falta de estrutura da escola, muitas vezes a torna despreparada? Até que ponto a indisciplina por parte do aluno e a falta de liderança de alguns professores contribuem para o fracasso escolar? Mesmo diante de tantas indagações, a maioria dos pais afirma que a escola está preparada para lidar com as dificuldades. Conforme se pode perceber nas falas de alguns pais participantes da pesquisa:

“Sim. O aluno que tem dificuldade deveria se interessar mais e não culpar a escola. A família deve contribuir para diminuir a dificuldade apresentada pelo filho/aluno”. (P1)

“Sim. Hoje a escola está muito avançada tem muitas coisas para o aluno aprender”. (P25)

“Sim. Pois a escola tem professores preparados, o ensino é bom e a escola tem coordenador que ajuda”. (P32)

Penso que sim (P35).

“Acredito que a escola hoje é diferente de antigamente, ajuda mais, tem mais coisas que faz o aluno se interessar”. (P13)

“Sim a escola orienta a ter aulas de reforço para os que necessitam e dão um acompanhamento mais de perto” (P09)

Como podemos observar, alguns pais responderam que a escola está preparada para lidar com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos, colocando em voga se tratar de uma escola mais modernizada, com mais recursos, professores capacitados e assessoria pedagógica aos alunos que necessitam.

Porém outra parte dos pais que paticiparam do estudo discordaram dos demais, percebendo uma falha por parte da escola em melhor trabalhar as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Dentre as deficiências citadas pelos pais, está a prática

pedagógica – o saber fazer do professor; a indisciplina dos alunos, que não respeitam professores e diretores; a ausência de regras; a estrutura da escola e a falta de recursos.

Vejamos trechos de alguns relatos:

“Não. Os professores devem exercer melhor sua profissão, ou seja, acompanhar melhor o ensino dos alunos”. (P2)

“Não, vejo que os alunos não respeitam professores e diretores. A diretora e professores tentam resolver os problemas, pois tem pais que não acompanham os filhos”. (P3)

“Não. Porque na maioria das vezes acontece algo diferente, a escola não está preparada, principalmente com as crianças que têm dificuldades na família e traz para a escola”. (P34).

“Não. Acho que deveria ter uma preocupação maior com esses alunos, mas todos são tratados iguais, tendo dificuldade ou não”. (P6)

“Não. Nem sempre a escola tem a estrutura adequada. (P30)

“Não. Acho que a escola era para ter mais regra e chamar mais os pais para participar”. (P 23)

Em se tratando do processo de aprendizagem e suas dificuldades humanas, devem ser consideradas as realidades internas e externas da escola, procurando compreender as questões cognitivas, orgânicas, sociais, familiares, emocionais e também o trabalho pedagógico como elementos relevantes de sucesso ou insucesso para aquisição de aprendizagens. Assim como, a estrutura física que quando se apresenta favorável contribui para o desenvolvimento das atividades relacionadas às competências e habilidades a serem adquiridas pelos alunos.

Considera-se que para a escola resolver problemas de aprendizagem, ela deve levar em conta todas as esferas em que o indivíduo participa, ou seja, na própria instituição, na família, ou no ambiente e fora dela. A escola é um dos lugares mais privilegiados para diminuir problemas de aprendizagem. Ela deve oferecer condições favoráveis, satisfatórias e ambientais adequadas para que o aluno possa se sentir bem acomodado com a maneira de se ensinar daquele ambiente.

Afirma Scoz, (2002, p.22) que não há apenas uma única causa para os problemas de aprendizagem “[...] é preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos/ sociais”. Ainda na visão Scoz (2002), a realidade educacional brasileira ainda não conseguiu uma política clara e segura de intervenção que torne a escola capaz de ensinar e contribuir com a superação de problemas de aprendizagem [...].

Portanto, a instituição escolar precisa promover momentos de reflexão de ações pedagógicas, ao priorizar o papel de reconstruir a figura do aluno e do professor, onde o professor facilite a aprendizagem e o aluno protagonize o seu processo pessoal, educacional e social/cultural. Quando a escola conduz à aprendizagem significativa, o conhecimento aprendido e apreendido passa a ter significado para a vida do aluno. Sabe-se que a escola, independente de concepções político-educacionais e até mesmo apesar destas, é um espaço importante para a vida de crianças e adolescentes.

Para que a escola se constitua como um espaço democrático de fato, levando o discurso da democratização ao incorporar outro elemento como o compromisso com a qualidade, torna-se um desafio que precisa ser superado, que é o sucesso escolar de todos. Para tanto, família e escola necessitam manter um elo entre si, buscando cada qual cumprir com suas incumbências, desempenhando, a contento, seus papéis relacionados à educação e assim, conseguir melhor empenho e sucesso na aprendizagem. Através dos relatos dos pais é possível perceber que estes vêm se empenhando e participando com mais ênfase da educação escolar dos filhos.

Neste sentido, buscando informações relativas à participação e a frequência dos pais na unidade escolar em que seus filhos estudam, percebeu-se, nesta pesquisa, que há quatro critérios para a participação familiar na vida escolar do aluno; a) o que se refere aos pais que participam de eventos e reuniões; b) os que contribuem para a realização de atividades e participam dos eventos escolares e reuniões; c) os que buscam conscientizar os filhos da importância do estudo através do diálogo; d) os que pedem auxílio aos professores.

É possível perceber essa tipologia de participação inferida nos relatos dos pais, como pode se constatar abaixo:

a) Pais que participam dos eventos e reuniões escolares.

“Procuro acompanhar indo as reuniões e eventos na escola” (P19)

“Sim. Nas reuniões procuro sempre ir e também nos eventos”. (P15)

“Participo só das reuniões de pais e mestres e algum evento como dia das mães, entrega de notas e etc”. (P13)

“Gosto de ir pras reuniões, que é saber com ele tá na escola, e como funcionam as coisas lá e vou pros eventos que tem, é importante ir”. (P39).

Para muitos pais, o comparecimento na escola quando convocados para reuniões e eventos, é um meio de participar da vida escolar dos filhos. É nas reuniões onde estes, procuram saber como está o desempenho dos filhos na escola. A participação nos eventos escolares também se constitui um meio de conhecer a escola e o trabalho realizado pela instituição.

b) Os que contribuem com as atividades e participam dos eventos e reuniões.

“Sim. Ajudo nas tarefas e quando não sei procuro ajuda de outras pessoas, principalmente aqueles que têm mais conhecimento. Participo das reuniões de pais e mestres e dos eventos”. (P1)

“Sim. Acompanho nas atividades e participo das reuniões de pais e mestres”. (P2)

“Sim. Procuro acompanhar nas atividades, sempre vou a escola. Gosto de participar das reuniões e dos eventos escolares”. (P34)

Acompanhar os filhos nas atividades e participar dos eventos e reuniões é uma forma da família concretizar sua presença no cotidiano escolar dos filhos. Dessa forma estes pais procuram promover um elo entre escola e família de modo que contribuam para o sucesso escolar dos filhos.

c) Pais que conscientizam os filhos através do diálogo:

“Sim. Eu incentivo muito para eles estudar, por que o estudo é tudo para ter um emprego melhor e procuro saber como ele tá na escola”. (P22)

“Sim. Procuro conversar com meus filhos sobre a importância do interesse pelo estudo e procuro saber como ele tá na escola” (P35)

“Sim. Porque em primeiro lugar tá a família, ela é a principal causa de um aluno ter melhores notas e um aprendizado melhor e vou sempre á escola”. (P24)

O incentivo por parte dos pais para que os filhos se dediquem aos estudos, seja através do diálogo, seja através do auxílio nas tarefas ou por frequentar os eventos e reuniões, são meios que indicam a preocupação da família quanto aos estudos dos filhos, buscando participar de forma ativa para a melhoria dos resultados, fazendo da instituição familiar uma aliada na erradicação do fracasso escolar.

d) Os que buscam auxílio dos professores estão presentes nos relatos de alguns pais.

“Sim converso com os professores, procuro saber como eles tão, procuro tá presente nas reuniões de pais e mestres e nos eventos”. (P3)
“Sim. Eu procuro saber como o meu filho tá se comportando com a professora, se faz as tarefas de sala e vejo as atividades de casa se tá feita e sempre participo das reuniões de pai e mestre” (P31)
“Sim. Procuro acompanhar, sempre frequentando reuniões e procurando os professores”. (P37)

Neste sentido analisando os relatos supracitados quanto à participação dos pais nas atividades realizadas pela escola a maioria costuma participar das reuniões de pais e mestres, outros participam tanto das reuniões como dos eventos, alguns declaram que só frequentam a escola apenas quando são convocados para alguma conversa com os professores.

Constatou-se ainda que os pais buscam dialogar com os filhos sobre o processo ensino aprendizagem para lidar e superar as dificuldades apresentadas por esses educandos, uma vez que o diálogo contribui para uma melhor compreensão diante dos relacionamentos, solucionando muitos problemas. Os pais também recorrem ao auxílio do docente quando percebem que os filhos não conseguem aprender e muitos chegam a pedir um olhar especial do professor para com o seu filho diante dos demais.

Na pesquisa, foi constatada que só a minoria adquire materiais didáticos pedagógicos para ajudar nas atividades escolares, ou seja, ajudam os filhos a superar as dificuldades apresentadas, muitos não têm nível de escolaridade suficiente para fazer o acompanhamento necessário. É o que afirma um dos entrevistados:

Eu tento ajudar meu filho na escola, peço livros à professora para ele ter onde pesquisar mais e ter mais interesse. (P 14)
Eu participo, peço livro à escola para me ajudar a ensinar meu filho, tem coisas que tem nos livros dele e outras não tem, noutros materiais tem o mesmo assunto só que mais fácil. (P11)
Eu tento ajudar, mas não sei ensinar. Mandeí pedir uns livros para ajudar ele, eu não sei ensinar, as coisas são mais difícil, no meu tempo era mais fácil. (P36)
Não. Só vou à escola quando sou chamada... fui uma vez a reunião (17)

De acordo com as respostas dos pais, percebe-se nas falas citadas acima, que apenas um dos participantes é ausente quanto à vida escolar dos filhos, pois os demais contribuem para que haja uma aprendizagem satisfatória. Apesar de que a maioria desses pais apresenta uma baixa escolaridade enquanto um desses participantes se encontra sem nível de escolaridade, considerando, no caso, analfabeto.

Os relatos supracitados neste subcapítulo, demonstram que os pais procuram dar o apoio necessário para o desenvolvimento escolar dos seus filhos, principalmente participando de reuniões com professores, auxiliando na resolução das atividades, se envolvendo nos eventos escolares, comparecendo à escola sempre que solicitados e dialogando com os filhos. Essa é uma forma da coparticipação da família como agente facilitador do desenvolvimento escolar dos filhos.

Os registros dos pais corroboram com o citado por Souza (2008) que ressalta:

(...) é imprescindível que a família e a escola atuem juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando, pois através da educação vão se constituir em agentes institucionais capazes de exercer seu papel para a mudança da estrutura social (SOUZA et al, 2008, p.7).

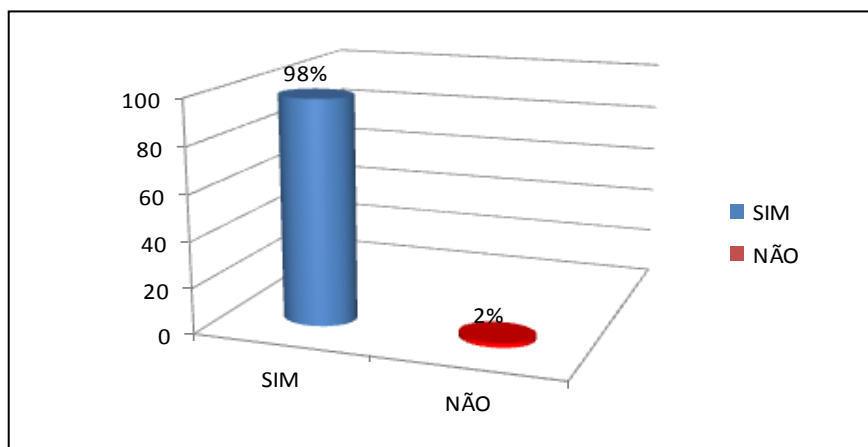
São de grande importância reuniões entre pais e escola para que possam ser debatidos assuntos relacionados à família e escola, uma vez que, o diálogo fortalece a compreensão dos envolvidos, possibilitando uma relação intrínseca que busque o desenvolvimento do capital cultural dos educandos e conseqüentemente na sua estrutura social e familiar. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos científicos trabalhados na escola.

3.1.3 Análise da participação dos alunos

A concepção de fracasso escolar dos alunos foi feita mediante questionários, de acordo com Laville & Dionne (1999) devido ao fato de ser um grande número de alunos, dá para analisar melhor a visão deles sobre o tema com o devido instrumento, para isso apresentamos as respostas obtidas a partir da análise de gráficos, divididos em categorias.

Quando questionado a importância do acompanhamento dos pais na sua vida escolar, os alunos revelaram como assim, consta no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – A IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHAMENTO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

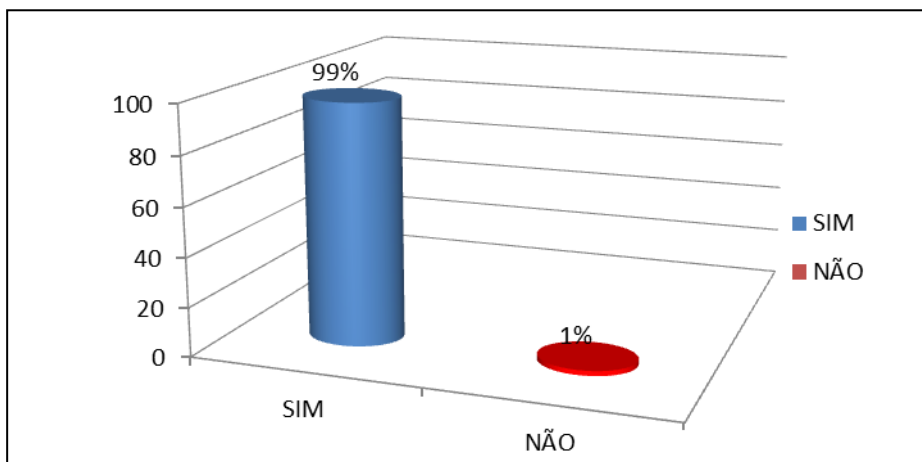


Fonte: Dados da pesquisa

Dos cento e vinte alunos que responderam ao questionário, cento e dezoito (98%) responderam que sim e apenas dois alunos 2% responderam que não. Sendo que a maioria justificou que esse acompanhamento contribui para a aprendizagem.

Quando se investiga o interesse sobre frequência escolar, obtivera-se os seguintes resultados

Gráfico 2 – INTERESSE EM FREQUENTAR A ESCOLA. (%)

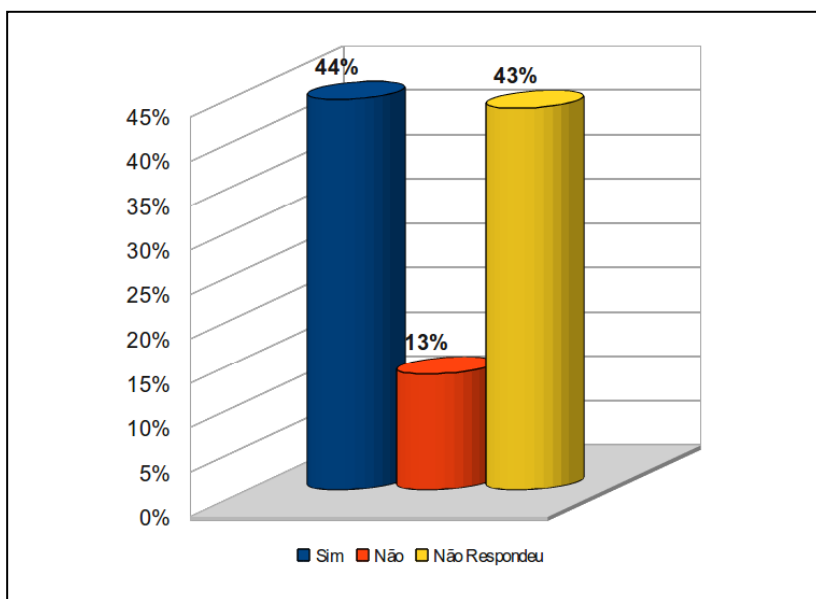


Fonte: Dados da pesquisa

Como demonstra o gráfico supracitado, cento e dezenove (99%) revelaram que tem interesse em frequentar a escola enquanto apenas um aluno (1%) revelou sua falta de interesse. Portanto, a maioria revelou que deseja se formar e ter um futuro melhor.

Com a execução de outras atividades, além dos que envolvem seus estudos os alunos apontaram no seguinte gráfico:

Gráfico 3 – ATIVIDADES EXERCIDAS ALÉM DOS ESTUDOS (%)

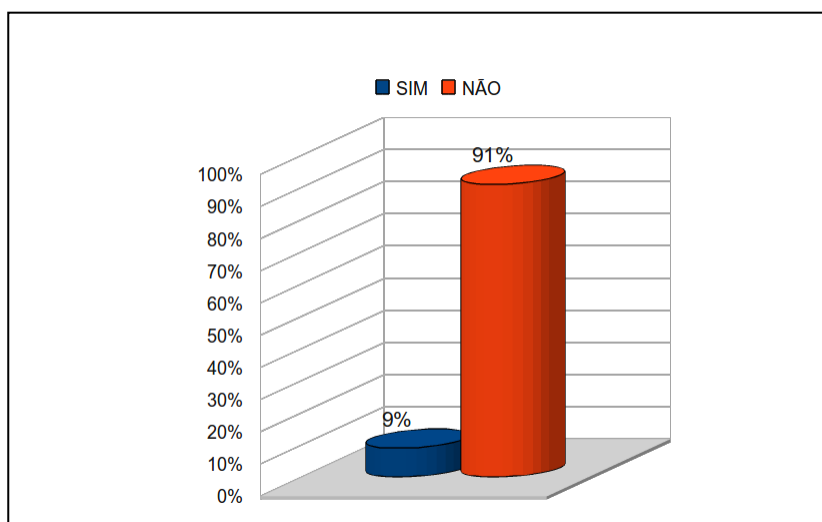


Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os resultados cento e vinte alunos participantes, cinquenta e um (43%) não responderam a questão, cinquenta e três (44%) responderam que exercem outra atividade como as atividades domésticas e dezesseis (13%) não exercem nenhuma atividade.

Diante da função realizada pela escola, questionou-se se ela sozinha conseguiria promover a formação dos alunos, assim obteve-se os seguintes resultados:

Gráfico 4 – ESCOLA E FORMAÇÃO DOS ALUNOS (%)

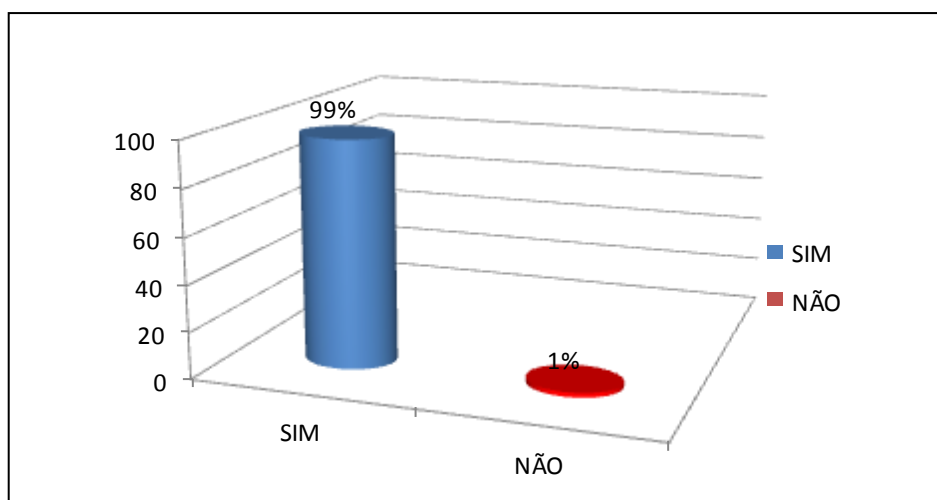


Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os cento e vinte alunos pesquisados, cento e nove (91%) declararam que a escola sozinha não promove a formação, pois é preciso do envolvimento dos pais, professores e deles próprios, enquanto onze (9%) acreditam que a escola por si só consegue dar a formação que eles buscam.

Quanto à importância da relação família-escola no processo de escolarização os participantes declararam:

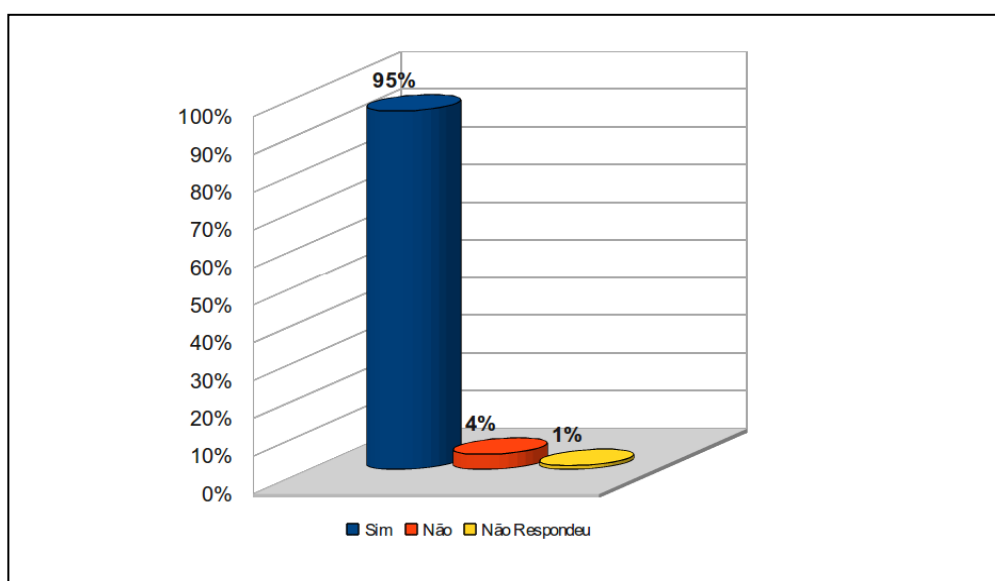
Gráfico 5 – IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO (%)



Fonte: Dados da pesquisa

Dos cento e vinte alunos, cento e dezenove (99%) dos participantes destacaram a importância da relação família- escola quanto ao processo de escolarização e (1%) responderam que não. O gráfico denota que a presença dos pais é de grande importância na vida nos filhos, muitas vezes motivando-os no processo de ensino aprendizagem, este foi um dos questionamentos apresentados, obteve-se como respostas:

Gráfico 6 – MOTIVAÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM (%)



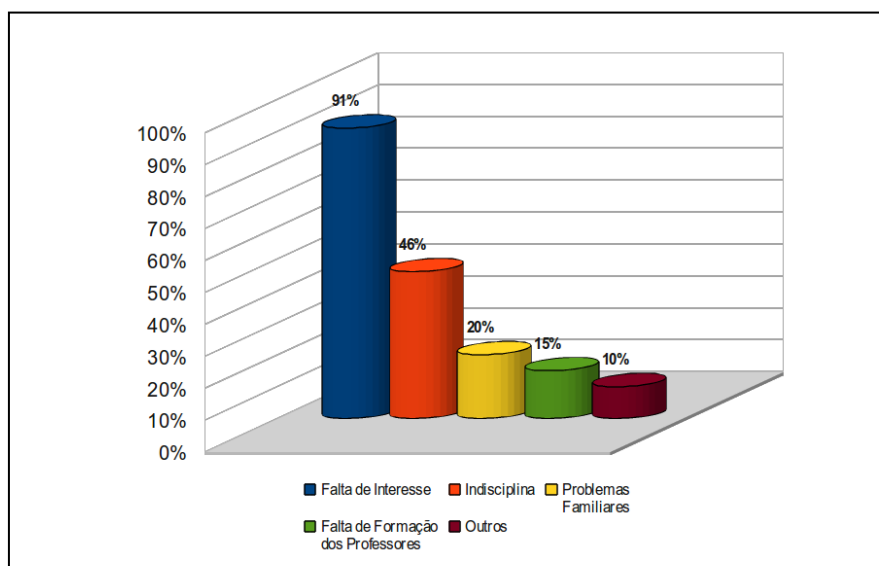
Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico supracitado mostra que cento e catorze (95%) dos alunos participantes da pesquisa apontaram a contribuição dos pais em relação à motivação quanto à aprendizagem, apenas cinco (4%) não se sentem motivados levando-os ao desinteresse, prejudicando, assim a aprendizagem, e um (1%) não respondeu.

Quanto à participação dos alunos observa-se que a maioria sente-se motivada pelos pais, pois esses genitores revelam que os filhos não tenham a mesma vida profissional que eles e declaram aos filhos que se preocupam com o futuro de cada um, além de afirmarem que a escola é o lugar de aprender a ler, escrever e diferenciar o certo do errado e que através do estudo se tem um futuro melhor, consequentemente, poderão ser bons profissionais, assim a maioria valoriza a importância da relação família e escola, uma vez que essa união contribui para o aprendizado e consequentemente para a formação, despertando, desse modo o interesse por parte do aluno. Essa relação favorece um bom acompanhamento por parte dos pais além de proporcionar uma visão favorável do ambiente escolar.

Em relação aos fatores que contribuem para o fracasso escolar foram apresentadas as seguintes opções, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 7 – CONTRIBUIÇÕES PARA O FRACASSO ESCOLAR (%)



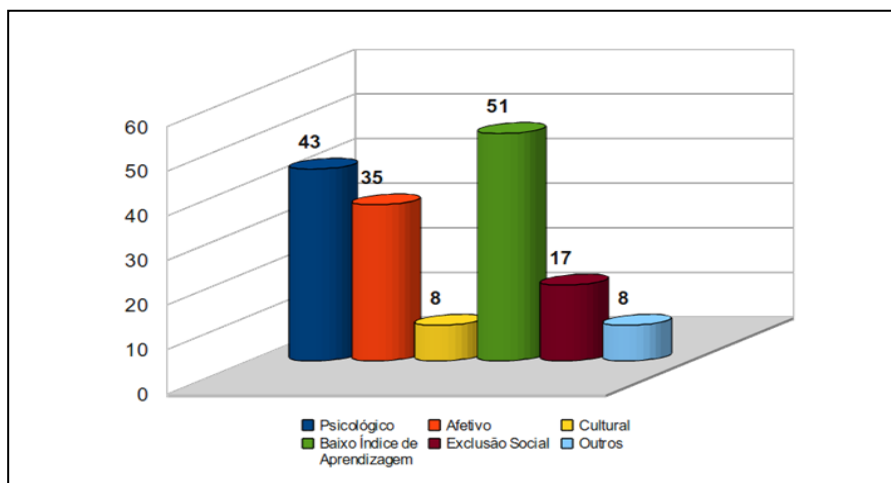
Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com os cento e vinte alunos pesquisados, alguns apontaram mais de uma opção e elegeram outras, sendo que a falta de interesse foi o fator que mais prevaleceu como um dos contribuintes para o fracasso escolar.

Neste sentido, os aspectos mais relacionados a esse fenômeno constados por parte dos alunos segue a respectiva sequência: falta de interesse (91%) e indisciplina (46%) como os fatores que mais colaboram para o insucesso do aluno na escola.

Diante da importância da temática, foi fundamental verificar quais os aspectos estão relacionados ao fracasso escolar na visão dos alunos, assim se obtiveram os seguintes resultados:

Gráfico 8 – ASPECTOS RELACIONADOS AO FRACASSO ESCOLAR (%)



Fonte: Dados da pesquisa

Dos cento e vinte alunos que responderam à pesquisa, a maioria (51%) respondeu que o baixo índice de aprendizagem leva o aluno ao fracasso escolar. Enquanto que 43% dizem que o fator psicológico é o aspecto que mais influencia para o insucesso do aluno na escola. 35% dos participantes relataram que o fator afetivo influencia diretamente para o insucesso escolar; e 17% consideram que a exclusão social traz sérios prejuízos, levando o docente a fracassar. Apenas 8% revelaram ser o fator cultural que mais influencia para o insucesso do aluno na escola e os outros 8% restante optaram outros fatores, porém não citaram quais.

Neste parâmetro, analisando todos os questionários respondidos pelos discentes participantes da pesquisa, percebe-se que a grande maioria apresentou dificuldades na escrita, apresentando erros gramaticais e deficiência na interpretação das perguntas a eles direcionadas, mas contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa, assim comprovando que o fracasso escolar está presente na escola na qual se realizou a referida pesquisa.

Esses alunos são filhos de pais de classe baixa que apresentam baixo nível de escolaridade, mas demonstram preocupação com o rendimento escolar e procuram dar apoio aos filhos através do diálogo, sempre os orientando para valorizarem o processo ensino aprendizagem, contribuindo assim para a minimização do fracasso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propôs-se através deste trabalho fazer um estudo criterioso sobre a relação família escola na erradicação do fracasso escolar, analisando assim, a participação da família na vida escolar dos filhos e os benefícios que essa participação traz para o desenvolvimento da aprendizagem evitando assim que o insucesso escolar ocorra.

Para a realização deste trabalho houve a participação de pais, alunos e professores. E de acordo com os objetivos propostos desenvolveu-se um estudo descritivo do fenômeno estudado com a realização de pesquisa de campo e a aplicação de instrumentos como entrevistas e questionários. Estes instrumentos serviram com maior precisão para a coleta dos dados, sendo que respondidos por um número maior de pessoas, pode-se fazer a relação entre as respostas dos participantes e a teoria, dando ao trabalho uma maior autenticidade.

As investigações, neste campo de pesquisa, enfatizaram questões, como a concepção sobre o fracasso escolar; a importância da parceria família/escola; a visão do professor sobre o fracasso escolar e a prática pedagógica - por parte dos professores. Acrescentando, ainda, a concepção relação família e escola; fatores que influenciam no fracasso escolar; o processo de aprendizagem e as dificuldades humanas, em relação aos pais. Por parte dos alunos tratou-se da importância do acompanhamento dos pais na vida escolar, interesse do aluno em frequentar a escola; investigando, por exemplo, se a escola por si só, conseguiria promover a formação dos alunos, inclusive, os fatores e aspectos determinantes do fracasso escolar.

Através do estudo, obtiveram-se os seguintes resultados, partindo da análise dos subtemas supracitados. A não participação familiar na vida escolar dos filhos é vista nas escolas como um entrave para o sucesso da aprendizagem, porém, neste estudo, comprovou-se que os pais dos alunos que são coparticipativos do processo ensino aprendizagem e esses têm acompanhado o desenvolvimento de seus filhos na escola, através de uma participação ativa nas atividades, buscando ajuda, indo à escola quando necessário, sendo assíduos nas reuniões, procurando os professores e se envolvendo de forma mais direta, assim têm conseguido melhor desempenho no processo educativo dos filhos.

Ao identificar os diversos fatores que interferem de maneira negativa na aprendizagem, constatou-se, através do estudo, que o motivo do aluno fracassar está para além do desinteresse do mesmo, e da não participação familiar. Os aspectos externos como fatores psicológicos, afetivos, culturais, socioeconômicos, assim como os internos que fazem parte da instituição, dentre eles a organização do local, estrutura, fornecimento dos recursos, organização do sistema educacional, formação da equipe pedagógica, influenciam diretamente ou indiretamente nos resultados quer sejam esses positivos ou negativos.

A parceria entre a família e a escola no sentido de garantir um desenvolvimento pleno para os educandos no mundo atual e a forma de educar, também interferem no desempenho escolar dos alunos. Verificou-se que para superar os obstáculos impostos pelo cotidiano – os problemas externos e internos - é necessário que haja união entre estas duas instituições sociais. A família e a escola juntas conseguirão obter melhores resultados no desenvolvimento dos estudantes.

A partir desse estudo, foi possível verificar que o fracasso escolar é um problema que atinge uma grande camada da população brasileira, sendo que se busca superá-lo através da parceria família e escola. Por esse ângulo, cabe a escola promover instâncias criativas e atrativas com vistas a estabelecer permanentes diálogos com as famílias de seus alunos, integrando os pais nos projetos educacionais de forma que esses se sintam partícipe desse processo. O que equivale a dizer que a escola reconheça a importância da adoção de uma gestão democrática e participativa que provoque o envolvimento da família no processo ensino aprendizagem de forma que o trabalho coletivo seja um aparato para os desafios impostos pela realidade do sistema educacional brasileiro.

Na concepção dos docentes; a relação entre as duas instituições tem sido muito discutida nos dias atuais, isso ocorre devido aos problemas enfrentados por profissionais da educação em sala de aula, como por exemplo, a indisciplina dos alunos, a falta de interesse; a violência escolar, levando assim às dificuldades e a um baixo índice de aprendizagem. Neste sentido, é que professores recorrem aos pais no intuito de erradicar o fracasso escolar. É então onde se constrói a relação família escola em busca de resultados eficazes e eficientes no processo ensino aprendizagem.

Neste sentido, a presente pesquisa evidenciou que educadores devem desenvolver um trabalho junto aos pais para amenizar o problema em questão, e que os mesmos fundamentem suas práticas com atividades que priorizem, sobretudo, um bom desempenho escolar do aluno na construção do conhecimento. Que educadores se conscientizem da importância da sua participação constante em formações continuadas, assim contribuindo para a sua prática em superar o fracasso escolar.

A análise da visão dos professores sobre o fracasso escolar trouxe a esta reflexão uma melhor percepção sobre o papel da escola, do professor e da família no processo pedagógico. Esses papéis foram os pontos essenciais, expostos pelos pesquisadores, no que se refere aos fatores que interferem no processo ensino aprendizagem.

Com relação às categorias relacionadas aos alunos obteve-se respostas que apontavam o acompanhamento da família como fator imprescindível para a aprendizagem dos filhos, partindo do incentivo tendo em vista a construção de um futuro mais promissor para essa geração.

Sobre a função social da escola, a mesma se empenha em acompanhar de forma específica os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, os quais apresentando índices de reprovação e evasão resultantes de fatores apontados pelos próprios alunos, já citados anteriormente na análise de dados e por relatos dos professores quanto à visão da prática pedagógica, problemas governamentais entre outros aspectos.

Diante das diversidades dos teóricos estudados verificou-se dentro deste cenário, que a questão do fracasso escolar aparece como fenômeno marcado por diferentes entendimentos ao longo da história educacional mundial e, por extensão, da história brasileira. É possível observar que vem sendo atribuído, conforme a época, o momento histórico e as concepções que a permeiam, a fatores distintos, mas tem atingido principalmente as classes sociais menos privilegiadas. Assim, os resultados obtidos, com a participação dos sujeitos dessa pesquisa, revelaram que a produção do fracasso escolar se deve, não só com a relação delicada entre família e escola, mas a diversos fatores já mencionados anteriormente.

Entre os discursos dos participantes, destacou-se a valorização da importância da relação família escola, o desinteresse dos alunos pelos estudos e os fatores externos e

internos que dificultam no aprendizado. Observando uma distinção entre os grupos ao tratar da relação ao papel pedagógico da escola.

Mediante as questões aqui apresentadas, fruto da pesquisa realizada e da análise de dados diante da participação dos pais, professores e alunos, pode-se concluir que o desafio de erradicar o fracasso escolar não é fácil, pois a função tanto da escola como da família quanto das instituições transformadoras do processo educativo são de relevância social, pois expressa em busca de alternativas para superação do fracasso escolar e torna-se viável o sucesso dos educandos na escola, na sociedade e na vida.

Houve algumas limitações para o desenvolvimento da pesquisa, especificamente o trabalho em campo devido à falta de conhecimento de alguns pais entrevistados e as dificuldades dos alunos em responder os questionários devido ao baixo nível de aprendizagem.

Essa pesquisa elucidou uma importante contribuição no campo da educação, quanto às relações entre o sintoma do fracasso escolar, à parceria família e escola, à intervenção pedagógica e aos fatores que influenciam no insucesso escolar, evidenciando assim aspectos positivos e negativos tanto para o êxito quanto para o fracasso na aprendizagem dos educandos.

Esse trabalho é deveras relevante, pois servirá como fonte de pesquisa para novas investigações neste campo onde envolve a participação familiar no processo educativo dos filhos, sendo esta uma parceira da escola na busca por melhores resultados. Sabe-se que diante da modernidade e das exigências múltiplas do papel da família, torna-se cada vez mais difícil o envolvimento desta com a escola dos filhos, porém nas escolas onde se busca a parceria com a família para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos é possível com a realização de um trabalho conjunto na busca de meios na viabilização do sucesso escolar.

Para futuras investigações neste campo, poderia partir das análises dos resultados no sentido de que o problema fora diagnosticado e a partir de então desenvolver ações que minimizem os problemas causados pelos fatores externos que dificultam o desempenho dos educandos. Os fatores identificados no decorrer da pesquisa os quais foram apontados por pais professores e alunos como negativos foram: Fator psicológico, afetivo, social, econômico e cultural, assim como a exclusão social e as relações familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANGELUCCI, C. B. [et.al]. O estado da arte da pesquisa sobre fracasso escolar: um estudo introdutório (1991-2002). **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.1, Jan/Abril, 2004.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Profissionalizante continuada docente da educação superior: um estudo de caso**. [em linha] 2001. Disponível em <<http://www.anped.org.br/24/T0411074040023>>. Acesso em 30 de set. de 2011.

_____. Profissionalização continuada do docente da educação superior: construção do memorial e as questões da identidade pessoal e profissional. In VIELLA, Maria dos Anjos Lopes (Org). **Tempo e espaços de formação**. Chapecó, Argos, 2003.

AQUINO, J. G. **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1997.

ARROYO. M.G. **Fracasso e Sucesso um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em aberto, Brasília, nº 71. 2000.

_____. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICS. A. E Moll, J. (orgs). **Para Além do Fracasso Escolar**. 3 ed. Campinas: Ed. Papirus, 2000 (p. 11-26).

BANCO MUNDIAL, UNICEF. **Chamada à ação: combatendo o fracasso escolar no nordeste**. 2ª edição. Brasília: Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais 1997

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979.

BARRO, Ana. M. **Atribuições causais e expectativas de controle do desempenho de matemática**. 1996. Tese de doutoramento não publicada. Braga: Instituições de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1996.

BENAVENTE, Ana. M. **A escola na Sociedade de classes**. Lisboa: Biblioteca do Educador Profissional Livros Horizonte, 1976. (p. 46).

_____. **Insucesso escolar no contexto português - abordagens, concepções e políticas**. Cadernos de Pesquisa e de Intervenção. Lisboa: n.1, 1990 (p.1-40).

BENAVENTE, Ana. M; CORREIA, A. P. **Obstáculos ao Sucesso na Escola Primária**. São Paulo: Ed. I.E.D. cad.3,1982.

BENAVENTE, Ana. M; COSTA, António Firmino; MACHADO, Fernando Luís. Práticas de mudança e de investigação-conhecimento e intervenção na escola primária. Lisboa: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 29.02.1990. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/029/ABenavente_et_al._pp.55-80.pdf>. Acesso em 11 de set. de 2011.

BISSOTO, Maria Luísa. O fracasso na escola. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 50, 2009, p. 81-98. Disponível em <<http://www.rieoei.org/rie50a04.pdf>>. Acesso em 21 de outubro de 2011.

BONAMINO, A. C de; BRANDÃO, Z. **Currículo: tensões e alternativas**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, n.92, fev/1995. (p. 16-25).

BOSSA, N. A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Não paginado. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/civil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em 11 de set. de 2011.

_____. Lei Nº 9.394, - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – (LDBEN) de 20 de dezembro de 1996. 5ª ed, 2010. . Disponível em <[file:///C:/Users/Win%207/Downloads/ldb_5ed%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Win%207/Downloads/ldb_5ed%20(1).pdf)>. Acesso em 11 de set.2011.

_____. Lei Nº 10172/2001 **Plano Nacional de Educação**. Acesso em 2011-09-12. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/10172.htm>.

BRIGGS, Ponothy Corkille. **A auto estima de seu filho**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, 110, 2000 (p.143-155).

CARVALHO, Marília P. de. **Quem são os meninos que fracassam na escola?** Caderno de pesquisa, v.34 nº121, 2004.(p. 228-226).

CHARLOT, B. **Da relação com o saber, elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

CHANSOU, M. “L’Échec Scolaire” in **pedagogie** nº 2-3,Paris, (p.144-149).

CHAUÍ, M. S. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1981.

CONCEIÇÃO, J.A. **Saúde escolar**: A criança, a vida e a escola. São Paulo: Savier editora, 1994.

CONT, Valdeir Del. **Francis Galton**: eugenia e hereditariedade. Sci. Stud. V. 6, n. 2, São Paulo: abr./jun., 2008, p. 201-218. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em 20 de set. de 2011.

CORTESÃO, Luísa & TORRES, Maria Arminda. **Avaliação pedagógica e insucesso escolar**. 4ª ed, Col. Ser Professor, Porto: Porto Editora, 1990.

COSTA, J.F. **Ordem médica e norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal. 1983.

COSTA, J. A.; MELO, A. S.. **Dicionário de Língua Portuguesa**, 6 ed., Porto: Porto Editora, 1989.

COUTO, Margaret Pires. **O fracasso escolar e a família: o que a clínica ensina?** 2011. Tese de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../o_fracasso_escolar_e_a_familia_o_que_ensina_a_clinicarevisada.pdf>. Acesso em 15 de set de 2011

DAL'IGNA, Maria Claudia. Família S/A. **Um estudo sobre a parceria família**. 2011, 182p Tese de doutorado Porto Alegre: Faculdade de Educação. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2011.

DAMIANI, Magda F. Fracasso escolar no Ensino Fundamental: da identificação dos fatores de risco extra-escolares ao entendimento dos processos intra-escolares **In: 22ª Reunião anual da ANPED**, V.1, 1-123. Caxambu, 1999.

DORNELES, Beatriz V. **As várias faces do caleidoscópio**: anotações sobre o fracasso escolar. In: Pátio, ano 3, n. 11. Nov 99/Jan 2000. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ELSEN, I. Cuidado familiar: Uma proposta inicial de sistematização conceitual. In: ELSEN, I MARCON, S.S; SANTOS M.R. (orgs). **O viver em família e sua interface com a saúde e a doença**. Maringá: Eduem. 2002.

ESTEBAN, M. T. A avaliação no cotidiano escolar. In: ESTABAN, M. T (org.) **Avaliação: Uma Prática em Busca de Novos Sentidos**. Rio de janeiro: DP&A Editora, 1999. (p. 7-28).

FARIA, Gina Glaydes Guimarães de. **Os ciclos do fracasso escolar**: concepções e proposições. Goiás: 2008. Universidade Federal de Goiás. [Consult. 2011.08.20] Disponível em: <http://www.google.com.br/search?sourceis=navclient&hl=pt-BR&ie=UTF-1T4ADRA_ptBRBR458BR458&q=O+fracasso+escolar+no+cotidiano+da+escola>.

FERNANDES, António Sousa. O insucesso escolar. In: **A Construção Social da Educação Escolar**. Col. Biblioteca Básica de Educação e Ensino, / Clube do Professor, Rio Tinto: Edições ASA, 1991. (p. 187-232).

FERNANDES, C. de O. Fracasso escolar em ciclos: tecendo relações, históricas, políticas e sociais. UNIRIO. In **Revista de Estudos Pedagógicos-REA**, USP, São Paulo: 2001, nº 42, v.15, p.105-142. Disponível em: <<http://antigo.campinas.sp.gov.br/smenet/pedagogico/textos%20de%20apoio/fracassoescolareescolaemciclos.pdf>>. Acesso em 25 de out. 2011.

_____. **A escolaridade em ciclos**. Caderno de pesquisa, v.35 n.124, jan/abr., São Paulo: 2005, p. 57-82. [Consult. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 20 de set. 2011

FERREIRA, Lúcia Gracia. Duas visões psicopedagógicas sobre o fracasso escolar. In **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 25, n.77, 2008. p. 139- 145. [Consult.2011-12-29]. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/77.pdf>>

FONTES, C. **Insucesso escolar**. Navegando na Educação. 2004. Disponível em: <<http://www.educarnosapo.pt/insucesso.htm>>. Acesso em 30 de mai. 2011.

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. **Escola pública: fracasso escolar numa perspectiva histórica**. Artigo apresentado no Simpósio de Educação – XIX Semana de Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 26 a Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-2.pdf>>. Acesso em 28 de out. 2011

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural do College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FRANCO, M.L.P.B. **O “estudo de caso” no falso conflito que se estabelece entre análise quantitativa e análise qualitativa**. São Paulo: PUC, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia de Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra 1996.

GADOTTI, M.. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GARCIA, R. L. Currículo emancipatório e multiculturalismo: reflexões de viagem. In: SILVA, T. T. e Moreira, A. F.(org) **Territórios Contestados: O currículo e os Nervos**. Mapas Políticos e Culturais, Petrópolis, RJ: vozes, 1995, p.144-1443.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GURGEL, T. **A origem do sucesso (e do fracasso) escolar**. Nova Escola, São Paulo: Ano XXIII, n. 216, 2008, p. 48-61. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/origem-sucesso-fracasso-escolar-419845.html>>. Acesso em 24 de fev. 2011.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: DEL PRETTE, Z. A. P. (Org). **Psicologia Escolar e Educacional: Saúde e Qualidade de vida**. Campinas: Alínea, 2001.

KALOUSTIAN, Sílvia Manoug (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1998.

KAUARK, Fabiana da Silva & SILVA, Valéria Almeida dos Santos. Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental e ações psico & pedagógicas. In **Revista de Psicopedagogia**, São Paulo: Associação Brasileira de Psicopedagogia, v. 25, n. 78, p. 264-270, Dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/download/78.pdf>> Acesso em: 31. De mai. 2012

KOVACS, Karen. O informe da OCDE sobre o fracasso escolar. In: MARCHESI. Álvaro & Marchesi HERNÁNDEZ Gil, **Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Multicultural**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004, p. 43-47.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares- As razões do impossível**. São Paulo. Ática. 1997.

LAHIRE, B. “As origens da desigualdade escolar”. In: Alvaro M.; Carlos H. G. et. al., **Fracasso Escolar: Uma Perspectiva Multicultural**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004, (p. 67-75).

LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 3ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LIRA, Geneluzia Dias de. **Fracasso escolar: visão de professores das séries iniciais do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras PB**. 2008. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2008. Disponível em: <<http://www.recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1183/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20GENELUZA.pdf>>. Acesso em 13 out. 2011.

LOPES, Cilene Knauf & OLIVEIRA, Carmem Inêz. **O fracasso escolar na ótica de professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. Artigo, FDVMG, 2007.

Disponível em: http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/SemanaAcademica2007/Anais_Artigos/Fracasso_Escolar.pdf . Acesso em 22 de set. 2011.

LÜDKE, M. **Evoluções em educação**. In: FRANCO, C. (org). Avaliação, Ciclos e promoção na Educação. Editora Artmed, Porto Alegre: 2001. (p. 29-33).

MALAVAZI, Maria Márcia Sigrist. **Os pais e a vida escolar dos filhos**. Tese de Doutorado 2011. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 19 de set de 2011.

MANNONI, O. **Freud e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1977.

MARTINS, A.M.; Yvette P. in **A legitimação insucesso escolar psicológica do insucesso escolar e (Des)responsabilidade dos professores**. Disponível em: <https://www.google.com.br/#PsJ=1&q=a+legitima%C3%A7%C3%A3o+Psicol%C3%B3gica+do+insucesso+escolar&spell=1>. Acesso em 27 de Dez. 2011.

MARCHESI, Álvaro; PÉREZ, Eva. A compreensão do fracasso escolar. In: MARCHESI Álvaro et al. **Fracasso Escolar - Uma Perspectiva Multicultural**, Porto Alegre: Artmed Editora, 2004. (p. 17-33).

MARCONI Marina de Andrade & LAKATOS Eva Maria **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.

MEC/INEP. (Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) **Censo escolar, 2008**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo>>. Acesso em: 20 de Set. 2011.

MENDONÇA, Alice. **Insucesso escolar**: etimologia e definição. Grupo de Estudo, 2008. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/investigacao/insucesso.escolar.etimologia.pdf>>. Acesso em 20 de set de 2011.

_____. Contributo epistemológico para a compreensão do fracasso escolar. In: RODRIGUES, Liliana & BRAZÃO, Paulo (org.) **Políticas Educativas: Discursos e Práticas**. CIE-UMA, Funchal, Grafimadeira, 2009, p. 235-258. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/alicemendonca/CONTRIBUTOEPISTEMOLOGICO.pdf>>. Acesso em: 20. De set. .2011.

MILLOT, C. Freud **antipedagogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MIOTO, R. C.T. **Cuidados Sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis** In: SOUZA, T.R.P. de Brasília: UNB Centro de Educação Aberta Continuada à Distância, 2000. Parte 4. (p. 217-224).

MORRISH, I. **Sociologia da Educação: uma introdução**. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar INL. 1975.

NAGEL, L. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para a reflexão**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1989.. Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br/centenario/Secretaria-de-Estado-da-Educacao-Avaliaca-Sociedade-e-Escola-Fundame-45527374>>. Acesso em 25 de set. 2011

_____. O estado brasileiro e as políticas educacionais a partir dos anos 80. In: GUIMARÃES, Francis Mary Nogueira (org). **Estado e Políticas Sociais no Brasil**. Cascavel: UNIOESTE, 2001, (p. 99-122).

_____. **A educação dos alunos (ou filhos) da pós-modernidade**, 2009. Disponível em http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/semana%20pedagogica%202010/A_Educacao_dos_Alunos_ou_Filhos_da_pos_Modernidade.pdf. Acesso em 12 de dez. 2011

_____. **Educação via banco mundial: imposição ou servidão necessária?** Trabalho apresentado no V Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana, São José de Costa Rica, 21-24 de maio de 2001>. Disponível em: <http://www.historia.fcs.ucr.ac.cr/congr-ed/brasil/.../lizia_helena_nagel.doc>. Acesso em 07 de set. 2011.

NOGUEIRA, M.A. A Construção de excelência escolar- Um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In. NOGUEIRA M. A; ROMANELLI, G. ZAGO N.(Orgs). **Família e escola: Trajetórias da escolarização em camadas médias e populares**. 5. edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010, (p. 127- 154)

NOGUEIRA, M.A. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social /interrogações sociológicas** 2005. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scie-lo/.php?pid=S0003-25732005000400005&script=sci_arttext. Acesso em 29 de dez de 2012

NOGUEIRA, Neide. A relação entre escola e comunidade na perspectiva dos parâmetros curriculares nacionais. Revista pedagógica pátio: comunidade e escola- Integração Nacional. Porto Alegre: Artmed, 1999, ano 3 nº 10 p. 13-17.

NOZAKI, Izumi; DIAS, Tatiane L; FERREIRA, Ana C, Fracasso escolar e exclusão social. **Revista de Educação Pública** 346-351, 2003.

NUTTI, J F. **Professores e especialistas diante do fracasso escolar**. In III Seminário Internacional Sociedade de 2004 Inclusiva, Belo Horizonte – MG, 24 a 28.05.2011. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em 28 de maio. 2011.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de and Marinho-Araújo, CLAISY Maria. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. Campinas: Estud. psicol. Mar 2010, vol.27, no.1, p.99-108. ISSN 0103-166X. Disponível em: http://www.scielo.br/SciELO.php?pid=S0103-166X2010000100012&script=_arttext. Acesso em 19 de set de 2011.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação

OLIVEIRA, L. C.F. **Escola e Família numa rede de encontros**: um estudo das representações de pais e professores. São Paulo: Cabral editora 2002.

PARO, Vitor Henrique. **A Produção do Fracasso Escolar**. 4 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1996.

_____. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. 3. Reimpressão. São Paulo: Xamã, 2007.

_____. **Gestão democrática da Escola Pública**. Série Educação em Ação. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. Administração escolar e qualidade de ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: BASTOS, João Batista (Org.). **Gestão democrática**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. (p. 57-72).

_____. **Reprovação Escolar - renúncia à Educação**. São Paulo: Ed. Xamã, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PERRENOUD, Ph . **Construir a competência desde a escola**. Porto Alegre, Editora artmed, 1999.

_____. **Pedagogia diferenciada - das intenções à ação**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

_____. **Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2004.

PEIXOTO, C.E. & CICCHELLI, V. **sociologia e antropologia da vida privada na Europa e no Brasil**. Os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO C.E: SINGLY, F. de; & CICCHELLI V. (orgs). Família e individualização. Rio de Janeiro, FGV. 2000, p.7-11.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação**. Rio de janeiro: José Olímpio, 2007.

PIRES, Eurico Lemos. A massificação escolar. In: **Revista Portuguesa de Educação**, nº 1, Lisboa: 1988, p. 27-43. Disponível em: <<http://www.prof2000.pt/users/lpitta/de-2/so-res2.htm>>. Acesso em 20 de maio. 2011.

POLÔNIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. In **Revista de Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas: v. 9, n. 2, dez. 2005, p. 303-312. Disponível em: <<http://www.repositorio.bce.unb.br/handle/10482/6226>>. Acesso em 15 de set. 2011.

PONTAROLO, Regina Sviech. **A relação da auto-estima e fracasso escolar**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1712-8.pdf>>. Acesso em 25 de set. 2011.

RAMOS, A.T.A; RAMOS, E.S. Os desafios da família nos processos de socialização escolar, **In Pátio Revista** Nov. 2009/JAN.2010.

REGATTIERI M. e Castro J. M. **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília : UNESCO, MEC, 2009.

ROMANALLI, G – Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos- O estudante trabalhador. In NOGUEIRA M. A; ROMANELLI, G. ZAGO N. (Orgs). **Família e escola: Trajetórias da escolarização em camadas médias e populares**. 5. edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010, (p. 101 – 123)

ROTTA, N; OHLWEILER; RIESGO, R. Rotina em Neopediatria: **transtorno de aprendizagem**. Porta Alegre: Artmed, 2005.

ROVIRA, J. M. P. Educação em valores e fracasso escolar. In: MARCHESI Álvaro & Carlos H. G. et. al., **Fracasso Escolar-Uma Perspectiva Multicultural**. Porto Alegre: Artmed Editora, (2004, p. 82-90).

SABIÁ ROMÃO ESCOLA PPP. **Projeto Político Pedagógico**. Documento da escola - Aurora 2011. 45p.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; v,5, 2 ed, São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1991.

SCHOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: O problema escolar e de aprendizagem (org)**. 10 edição. Petropolis, Vozes, 2002.

SILVA, Cármen Duarte da. et. al. De como a escola participa da exclusão social: Trajetória de reprovação das crianças negras. In: ABRAMOWICZ, Anete, et. al., **Para Além do Fracasso Escolar**. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico, Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1997, p. 27-46.

SILVA, Daiana Cristina & VARANI, Adriana. **A relação família e escola: implicações no desempenho escolar dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental**. Atas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 1724-1728. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov/portals/pde/arquivos/1764-6.pdf>>. Acesso em: 15 de set. 2011.

SIMIONATO, Marlene A.W. & OLIVEIRA, R.Gusmão. **Funções e transformações da família ao longo da historia**. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia ABP, novembro, 2003.

SISTO, Fernandes Fermino e MARTINELLI, Selma de Cássia (orgs). **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: Uma Abordagem Psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2008. (208 p)

SOUZA, Ana Paula de; FILHO, Mário José. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. Universidade Estadual Paulista, Brasil. **Revista Iberoamericana de Educacuo**n. nº 44/7- 10 de enero de 2008. Edita: Organización de Estados e Iberoamericanos para la Educacion, la ciência y la cultura (OEI), 2008.

SOUZA, M. G. **Educação e diversidade cultural: uma análise de proposta da escola plural do município de Belo Horizonte, MG**. 2000. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica - Departamento de Educação, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/n45/a14n45.pdf> . Acesso em 25 de set de 2011.

SOUZA, Aracy Mendes de. **Educação universitária e suas consequências no “fracasso escolar”**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, (s.d.). Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/imagens/Anais_XVENABRAPSO/38.%20educac%27%20o%20universit%20ria%20e%20suas%20consequ%20ancias%20no%20%93fracasso%20escolar%94..pdf . Acesso em 21 de set de 2011.

THOMAZ, S. B. **O fracasso escolar no cotidiano da escola**. Presença Pedagógica, nº 45, maio/junho, 2002.

TORRES, R. M.. Repetência Escolar: **Falha do aluno ou falha do sistema**. In MARCHESI, A; GIL,C. Hernández & Colaboradores. Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artemed, 2004, p.34-42

VASCONCELLOS, C. dos S. **Superação da lógica classificatória e excludente da avaliação- do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem**”. Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertard, v.5, 2 ed, São Paulo: Libertard, 1998.

_____. **Avaliação: Concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2006.

VENOSA, Sílvio de Salvo. **Direito civil: direito da família**. Coleção Direito Civil, v. 6, 5 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares- As contradições nos meios populares. In NOGUEIRA M. A; ROMANELLI, G. ZAGO N.(Orgs). **Família e escola: Trajetórias da escolarização em camadas médias e populares**. 5. edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010, (p.19 – 43).

APÊNDICES

APÊNDICE I
TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS

AURORA-CE, _____ de _____ de 2013

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Pais e /ou responsável

Estou realizando uma pesquisa com a finalidade de analisar a relação ente família/ escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar.

Cada representante familiar participará da pesquisa de campo na aplicação de entrevistas que faz do meu objeto de estudo como foco temático o Fracasso Escolar para que as famílias possam expressar suas opiniões diante das categorias estudadas.

Eu, mestrande Francisca Oleania Torquato Leite, responsabilizo-me quanto a realização desta pesquisa, orientada pelo professor. Dr. Roberto Anselmo.

Gostaria de contar com a sua participação nesse trabalho. Agradeço, desde já, a colaboração.

Pelo presente termo de Consentimento, declaro que fui informado (a):

- 1- Dos objetivos e procedimento desta pesquisa, de forma clara e detalhada
- 2- Da segurança de que nenhuma pessoa será identificada e que manterá o caráter confidencial e anônimo das informações desta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.
- 3- De que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela se desdobrarão.
- 4- Da garantia de receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros relacionados com a pesquisa.

Assinatura do (a) participante.

Dados para fins da pesquisa:

Nome completo do(a) familiar e/ou responsável	Parentesco com o(a)aluno(a)

APÊNDICE II
TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PROFESSORES

AURORA-CE, _____ de _____ de 2013.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Professor (a),

Estou realizando uma pesquisa com a finalidade de analisar a relação ente família/ escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar.

Cada representante, professor, participará da pesquisa de campo na aplicação de entrevistas relacionadas ao objeto de estudo como foco temático Fracasso Escolar, para que os professores possam expressar suas opiniões diante das categorias estudadas.

Eu, mestrandia Francisca Oleania Torquato Leite, responsabilizo-me quanto a realização desta pesquisa, orientada pelo professor. Dr. Roberto Anselmo.

Gostaria de contar com a sua participação nesse trabalho. Agradeço, desde já, a colaboração.

Pelo presente termo de Consentimento, declaro que fui informado (a):

- 1- Dos objetivos e procedimento desta pesquisa, de forma clara e detalhada.
- 2- Da segurança de que nenhuma pessoa será identificada e que manterá o caráter confidencial e anônimo das informações desta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.
- 3- De que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela se desdobrarão.
- 5- Da garantia de receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros relacionados com a pesquisa.

Assinatura do (a) participante

APÊNDICE III
TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ALUNOS

AURORA-CE, _____ de _____ de 2013.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Aluno (a),

Estou realizando uma pesquisa com a finalidade de analisar a relação entre família/ escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar.

Cada representante, aluno, participará da pesquisa de campo na aplicação de questionários relacionado ao objeto de estudo como foco temático Fracasso Escolar para que os alunos possam expressar suas opiniões diante das categorias estudadas.

Eu, mestrande Francisca Oleania Torquato Leite, responsabilizo-me quanto a realização desta pesquisa, orientada pelo professor. Dr. Roberto Anselmo.

Gostaria de contar com a sua participação nesse trabalho. Agradeço, desde já, a colaboração.

Pelo presente termo de Consentimento, declaro que fui informado (a):

- 1- Dos objetivos e procedimento desta pesquisa, de forma clara e detalhada.
- 2- Da segurança de que nenhuma pessoa será identificada e que manterá o caráter confidencial e anônimo das informações desta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.
- 3- De que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela se desdobrarão.
- 4- Da garantia de receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros relacionados com a pesquisa.

Assinatura do (a) participante

APÊNDICE IV
TERMO DE CONSENTIMENTO DA DIRETORA

AURORA-CE, _____ de _____ de 2013.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado Diretor (a),

Venho por meio deste, cumprimentar vossa Senhoria ao tempo em que solicito o seu consentimento para adentrar ao recinto escolar para realizar uma pesquisa de campo que faz parte de minha dissertação de mestrado, desenvolvida a junto a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com a finalidade de analisar a relação ente família/ escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar.

Cada representante dos segmentos pais, professores e alunos participarão da pesquisa de campo na aplicação de entrevistas e questionários relacionados ao objeto de estudo como foco temático Fracasso Escolar para que estes participantes possam expressar suas opiniões diante das categorias estudadas.

Eu, mestrande Francisca Oleania Torquato Leite, responsabilizo-me quanto a realização desta pesquisa, orientada pelo professor. Dr. Roberto Anselmo.

Gostaria de contar com a sua participação nesse trabalho. Agradeço, desde já, a colaboração.

Pelo presente termo de Consentimento, declaro que fui informado (a):

- 1- Dos objetivos e procedimento desta pesquisa, de forma clara e detalhada.
- 2- Da segurança de que nenhuma pessoa será identificada e que manterá o caráter confidencial e anônimo das informações desta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.
- 3- De que as informações reunidas serão usadas, unicamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela se desdobrarão.
- 4- Da garantia de receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros relacionados com a pesquisa.

Assinatura do (a) participante.

APÊNDICE V
ENTREVISTA PROFESSORES

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADE E TECNOLOGIAS
CURSO – MESTRADO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PESQUISA- TEMA- FAMÍLIA E ESCOLA: PARCERIA NECESSÁRIA PARA
ERRADICAR O FRACASSO ESCOLAR
PESQUISADORA: Francisca Oleania Torquato Leite
ESCOLA: EEIF. Romão Sabiá. Data: __/__/__
INSTRUMENTO: Entrevista SEGMENTO: Professor.

Prezado(s) professore(s), estou realizando essa pesquisa com o objetivo obter informações, verificar ações e concepções sobre o fenômeno Fracasso escolar. Desde de já agradeço a sua colaboração garantindo sigilo dos dados.

1º- BLOCO IDENTIFICAÇÃO

PERFIL

- 1- Sexo: () Masculino. () Feminino
- 2- Idade ____ anos.
- 3- Estado Civil: _____
- 4- Renda Familiar: _____ salários mínimos.
- 5- Nº de Dependentes; _____
- 6- Nível de Formação
() Ensino médio : _____
() Graduação: _____
() Especialização: _____
() Mestrado: _____
- 7- Tempo de experiência no Magistério ____ anos.
- 8- Tempo de Trabalho nesta Escola: ____ anos.
- 9-Série(s) que Leciona: _____
- 10-Disciplina(s) que leciona: _____
- 11- Quantas aulas você ministra semanalmente? _____

2º- BLOCO – CONHECIMENTO E CONCEPÇÕES SOBRE O TEMA DA PESQUISA

- 12- Em sua opinião o que é Fracasso Escolar?
- 13- Quais fatores podem contribuir para o Fracasso Escolar?
- 14- Como fazê-lo para eliminá-lo?
- 15- Você acredita que a relação entre família e escola pode contribuir para erradicar o fracasso escolar?
- 16- Qual a relação que você faz entre o fracasso escolar com a prática pedagógica do professor?
- 17- Você acha que a família contribui para a construção do processo ensino aprendizagem? Até que ponto?
- 18- Na sala de aula como você identifica o fracasso escolar e como trabalha no sentido de superá-lo?
- 19- Na sua concepção a indisciplina também é fator que contribui para o fracasso escolar? Como?
- 20- A quem você recorre quando surgem as dificuldades de aprendizagem?

APÊNDICE VI

ENTREVISTA DOS PAIS

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADE E TECNOLOGIAS
CURSO – MESTRADO-CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PESQUISA- TEMA- FAMÍLIA E ESCOLA: PARCERIA NECESSÁRIA PARA
ERRADICAR O FRACASSO ESCOLAR
PESQUISADORA: Francisca Oleania Torquato Leite
ESCOLA: EEIF. Romão Sabiá. Data: __/__/__
INSTRUMENTO: Entrevistas SEGMENTO: Pais.

Prezado(s) professore(s), estou realizando essa pesquisa com o objetivo obter informações, verificar ações e concepções sobre o fenômeno Fracasso escolar. Desde já agradeço a sua colaboração, garantindo sigilo dos dados.

1º- BLOCO IDENTIFICAÇÃO

PERFIL

- 1- Sexo: () Masculino. () Feminino
- 2- Idade ____ anos.
- 3- Estado Civil: _____
- 4- Renda Familiar: _____ salários mínimos.
- 5- Nº de filhos; _____
- 6- Grupo familiar que reside na mesma unidade domiciliar:
- () esposo(a)
- () filho(as)
- () genros
- () noras
- () neto(as)
- 7- Escolaridade
- () Ensino fundamental Incompleto
- () Ensino fundamental Completo
- () Ensino médio Incompleto
- () Ensino fundamental Completo
- 8- Qual a sua profissão?

2º- BLOCO CONCEPÇÕES QUANTO A RELAÇÃO FAMÍLIAE E ESCOLA/FRACASSO ESCOLAR.

09-Em sua opinião, a família tem influência na aprendizagem escolar dos filhos?

Justifique.

10-A escola está preparada para lidar com as dificuldades apresentadas pelos alunos?

11-Quais os fatores que contribuem para o fracasso escolar?

12-Você participa da educação do seu filho (as) ? Justifique

13-Para você é importante à parceria entre família-escola.

14-A escola abre as portas para a família? Você frequenta o espaço escolar e participa das atividades ou eventos?

15-Na sua o que os pais devem fazer para lidar com as dificuldades de aprendizagem dos filhos?

16- Qual aspecto que está mais relacionado ao fracasso escolar?

APÊNDICE VII

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADE E TECNOLOGIAS
CURSO – MESTRADO-CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PESQUISA- TEMA- FAMÍLIA E ESCOLA: PARCERIA NECESSÁRIA PARA
ERRADICAR O FRACASSO ESCOLAR
PESQUISADORA: Francisca Oleania Torquato Leite
ESCOLA: EEIF. Romão Sabiá. Data: __/__/__
INSTRUMENTO: Questionário SEGMENTO: Alunos.

Prezado(s) alunos(s), estou realizando essa pesquisa com o objetivo obter informações, verificar ações e concepções sobre o fenômeno Fracasso escolar. Desde já agradeço a sua colaboração, garantindo sigilo dos dados.

QUESTIONÁRIO

ALUNOS

IDADE: _____

SÉRIE: _____

RENDA FAMILIAR _____

GRUPO FAMILIAR _____

1-VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE O ACOMPANHAMENTO DOS PAIS NA
SUA VIDA ESCOLAR?

() SIM () NÃO

JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA

2- VOCÊ TEM INTERESSE EM FREQUENTAR A ESCOLA?

() SIM

3- VOCÊ EXERCE OUTRA ATIVIDADE ALÉM DE SEUS ESTUDOS?

()SIM ()NÃO

EM CASO AFIRMATIVO, QUAL?

4- A ESCOLA SOZINHA CONSEGUE PROMOVER A SUA FORMAÇÃO?

()SIM ()NÃO

JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA

5-VOCÊ ACHA IMPORTANTE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO?

()SIM ()NÃO

JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA

6-VOCÊ SE SENTE MOTIVADO PELOS SEUS PAIS EM RELAÇÃO AO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM?

()SIM ()NÃO

JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA

7-O QUE CONTRIBUI PARA O FRACASSO ESCOLA:

- ☐ A FALTA DE INTERESSE
- ☐ INDISCIPLINA
- ☐ OS PROBLEMAS ENFRENTADO NA FAMÍLIA (Financeiro, Conjugal e alcoolismo)
- ☐ A FALTA DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES
- ☐ OUTROS _____

8-QUAL O ASPECTO QUE ESTÁ MAIS RELACIONADO AO FRACASSO ESCOLAR:

- ☐ PSICOLÓGICO
- ☐ AFETIVO
- ☐ CULTURAL
- ☐ BAIXO ÍNDICE DE APRENDIZAGEM
- ☐ EXCLUSÃO SOCIAL
- ☐ OUTROS _____